

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

NAYARA THOMAZELLA

**PROCESSOS VERBAIS RECRIADOS EM TEXTOS DE FICÇÃO:
UM ESTUDO BASEADO EM ROMANCES EM ALEMÃO
E SUAS TRADUÇÕES E RETRADUÇÕES
PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

BELO HORIZONTE

2019

NAYARA THOMAZELLA

**PROCESSOS VERBAIS RECRIADOS EM TEXTOS DE FICÇÃO:
UM ESTUDO BASEADO EM ROMANCES EM ALEMÃO
E SUAS TRADUÇÕES E RETRADUÇÕES
PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada
Linha de pesquisa: Estudos da Tradução – 3B
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Silvina Pagano
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Kícila Ferregueti de Oliveira

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

2019

T465p

Thomazella, Nayara.

Processos verbais recriados em textos de ficção [manuscrito] : um estudo baseado em romances em alemão e suas traduções e retraduições para o português brasileiro / Nathalia Thomazella. – 2019.

126 f., enc. : il., tabs., grafs., p&b.

Orientadora: Adriana Silvina Pagano.

Coorientadora: Kícila Ferregueti de Oliveira.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 115-117.

Anexos: f. 118-126.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Ficção alemã – Traduções para o português – Teses. I. Pagano, Adriana Silvina. II. Oliveira, Kícila Ferregueti de. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD : 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

PosLin

FOLHA DE APROVAÇÃO

Processos verbais recriados em textos de ficção: um estudo baseado em romances em alemão e suas traduções e retraduições para o português brasileiro

NAYARA THOMAZELLA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 09 de maio de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Adriana Silvina Pagano - Orientadora
UFMG


Prof(a). Kicila Ferregueti de Oliveira - Coorientadora
UFMG


Prof(a). Igo Antônio Lourenço da Silva
UFU


Prof(a). Flavia Ferreira de Paula
UFMG

Belo Horizonte, 9 de maio de 2019.

AGRADECIMENTOS

À professora Adriana S. Pagano, pela orientação paciente e pelas revisões.

À professora Kícila Ferregueti, pela coorientação paciente, pelas leituras superatentas e pela disponibilidade para tira-dúvidas.

À CAPES, pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

Com muito carinho, à Aline, de cujo companheirismo “em nenhuma circunstância” me esquecerei. À Francieli e à Thaís, que também me acolheram e me ajudaram desde o início do meu mestrado com muito bom humor e lealdade, e pela amizade que construímos. Ao Rodrigo, por também me ajudar desde o início com os *scripts* do R.

Aos meus pais, Marcos e Rosana, por sempre apoiarem todas as minhas decisões, pelo amor, carinho e confiança.

À Nathalia, por saber sobre meus sonhos e me lembrar constantemente como eles são importantes para mim e como eu sou capaz de realizá-los.

*An average sentence, in a German newspaper, is a sublime and impressive curiosity; it occupies a quarter of a column; ... it treats of fourteen or fifteen different subjects, each enclosed in a parenthesis of its own ... finally, all the parentheses and reparentheses are massed together, one of which is placed in the first line of the majestic sentence and the other in the middle of the last line of it – **after which comes the VERB** and you find out for the first time what the man has been talking about; and after the verb - merely by way of ornament, as far as I can make out - the writer shovels in “**haben sind gewesen gehabt haben geworden sein**”, or words to that effect, and the monument is finished. (Mark Twain, *The Awful German Language*)*

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo embasado na Teoria Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e orientado para os Estudos da Tradução (HOLMES, 1972). O objetivo principal é examinar o padrão de realização de PROCESSOS VERBAIS e de ORAÇÕES VERBAIS em trocas dialógicas em textos ficcionais escritos originalmente em alemão e traduzidos e retraduzidos para o português brasileiro. Para tanto, foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa de dados relativos a categorias gramaticais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), categoria narratológicas (RIMMON-KENAN, 2005) e tradutórias (CARTFORD, 1965). A análise buscou: i) comparar os padrões de PROCESSOS VERBAIS entre as traduções e retraduições; ii) verificar se os resultados encontrados corroboram a hipótese de retradução de Berman (1990); iii) comparar os resultados obtidos na amostra alemão-português com aqueles obtidos por Pagano (2017) e Guimarães (2018) em amostras inglês-português. O *corpus* foi composto por dois romances escritos em alemão (*Tonio Kröger*, escrito por Thomas Mann, e *Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau*, escrito por Stefan Zweig) e suas respectivas traduções e retraduições para o português brasileiro, sendo as primeiras publicadas entre as décadas de 1930 e 1950 e as retraduições entre as décadas de 1990 e 2010. A metodologia foi baseada em Pagano (2017) e consistiu em: a) seleção de dez trechos com passagens dialógicas com aproximadamente 300 palavras cada; b) alinhamento dos trechos dos textos originais e respectivas traduções; c) anotação manual das categorias gramaticais, narratológicas e tradutórias em planilhas eletrônicas; d) extração dos dados utilizando o *software* e ambiente de programação R (R Core Team, 2018); e e) análise quantitativa e qualitativa dos dados. Os resultados desta pesquisa revelam que os romances originais apresentaram seleções análogas entre si de categorias gramaticais, mas cada romance selecionou categorias narratológicas diferentes. As traduções e retraduições para o português brasileiro apresentaram padrões análogos aos dos respectivos textos originais. A hipótese de retradução de Berman (1990) não foi confirmada em nosso *corpus*, pois em *Tonio Kröger* as traduções são mais próximas entre si, enquanto, em *Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau*, a primeira tradução é a mais próxima do texto original do que as retraduições. Os resultados deste estudo não são os mesmos que aqueles obtidos por Pagano (2017) e Guimarães (2018) em amostras no par linguístico inglês-português.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Teoria Sistêmico-Funcional. PROCESSOS VERBAIS. Textos ficcionais. Representação da fala.

ABSTRACT

This thesis reports on a study drawing on Systemic Functional Theory (SFT) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) and affiliated to Translation Studies (HOLMES, 1972). The main aim is to examine the pattern of VERBAL PROCESSES and VERBAL CLAUSES in dialogical exchanges in fictional texts written in German (*Tonio Kröger* by Thomas Mann and *Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau* by Stefan Zweig) and their translations and retranslations into Brazilian Portuguese. Grammatical categories (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014), narratological categories (RIMMON-KENAN, 2005) and translation categories (CARTFORD, 1965) were annotated, and data were analyzed quantitatively and qualitatively. The analysis sought to: i) compare VERBAL PROCESS pattern in translations and retranslations; ii) verify whether the results found confirmed Berman's (1990) retranslation hypothesis; and iii) compare the results obtained for the German-Portuguese samples with those obtained by Pagano (2017) and Guimarães (2018) for English-Portuguese samples. The *corpus* was compiled from samples of two novels written in German, their first translations (published between the 1930's and 1950's) and retranslations (published between the 1990's and 2010's) into Brazilian Portuguese. The methodology was based on Pagano (2017) and consisted of: a) selecting ten excerpts with dialogues with approximately 300 words each; b) aligning the original texts and their translations; c) manually annotating grammatical, narratological and translational categories in electronic spreadsheets; d) extracting data using the software and programming environment R (R Core Team, 2018); and e) analyzing data quantitatively and qualitatively. The results reveal that both novels presented analogous selections of grammar categories, but each novel selected different narratological categories as the most frequent. First translations and retranslations into Brazilian Portuguese presented analogous patterns to those of original texts. The retranslation hypothesis (Berman, 1990) was not confirmed in the *corpus*, since translation and retranslation are closer in *Tonio Kröger*, and the first translation is closer to the original text than the retranslation for *Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau*. The results were not the same of those obtained by Pagano (2017) and Guimarães (2018) for English-Portuguese samples.

Keywords: Translation Studies. Systemic-Functional Theory. VERBAL PROCESSES. Fictional texts. Speech representation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa dos Estudos da Tradução	17
FIGURA 2: Rede de sistemas	25
FIGURA 3: Os tipos de PROCESSOS e a construção linguística de nossas experiências	29
FIGURA 4: Representação dos níveis narrativos	45
FIGURA 5: Alinhamento das ORAÇÕES VERBAIS entre TO e TTs.....	49
FIGURA 6: Categorias gramaticais e suas respectivas especificações	50
FIGURA 7: Dendrograma exibindo aproximação entre os textos.....	109
FIGURA 8: Dendrograma exibindo aproximação entre as traduções	110

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Tipo de verbo em TK_TO	58
TABELA 2: Tipo de verbo 24H_TO.....	58
TABELA 3: Verbos lexicais em TK_TO	61
TABELA 4: Verbos lexicais em 24H_TO.....	62
TABELA 5: Ordem de dizer nos TOs	63
TABELA 6: Recepção nos TOs	66
TABELA 7: Função semântica nos TOs	67
TABELA 8: Níveis narrativos nos TOs.....	69
TABELA 9: Tipo de verbo em TK_TT1	72
TABELA 10: Tipo de verbo em 24H_TT1	72
TABELA 11: Verbos lexicais em TK_TT1.....	74
TABELA 12: Verbos lexicais em 24H_TT1	75
TABELA 13: Ordem de dizer em TK_TT1	76
TABELA 14: Ordem de dizer em 24H_TT1s	76
TABELA 15: Recepção nos TT1s.....	78
TABELA 16: Função semântica nos TT1s.....	80
TABELA 17: Nível narrativo nos TT1s	81
TABELA 18: Tipo de verbos em TK_TT2	84
TABELA 19: Tipo de verbos em 24H_TT2.....	84
TABELA 20: Verbos lexicais em TK_TT2.....	86
TABELA 21: Verbos lexicais em 24H_TT2	87
TABELA 22: Ordem de dizer em TK_TT2	88
TABELA 23: Ordem de dizer em 24H_TT2.....	88
TABELA 24: Recepção nos TT2s.....	90
TABELA 25: Função semântica nos TT2s.....	92
TABELA 26: Níveis narrativos nos TT2s	93
TABELA 27: Categoria equivalência para TK_TO e TK_TTs.....	96
TABELA 28: Analogia de escolhas entre TK_TTs.....	100
TABELA 29: Categorias tradutórias para 24H_TO e 24H_TTs	102
TABELA 30: Categoria equivalência para 24H_TO e 24H_TTs	103
TABELA 31: Analogia de escolhas entre 24H_TTs	106

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Equivalentes textuais	24
QUADRO 2: Mudança	24
QUADRO 3: Configuração de uma FIGURA e suas realizações léxico-gramaticais	28
QUADRO 4: PARTICIPANTE do PROCESSO VERBAL	30
QUADRO 5: Exemplo de oração de citação, discurso direto	31
Quadro 6: Exemplo de oração de relato, discurso indireto.....	31
QUADRO 7: Categorias de ordem de dizer	32
QUADRO 8: Oração de citação com recepção	33
QUADRO 9: Oração de citação sem recepção.....	33
QUADRO 10: Função semântica: proposição e proposta	34
QUADRO 11: Tipo de verbo.....	35
QUADRO 12: Exemplos de oração declarativa + tagging.....	40
QUADRO 13: Exemplos de oração imperativa + tagging	40
QUADRO 14: Exemplo de oração imperativa impessoal	40
QUADRO 15: Exemplo de oração imperativa pessoal	41
QUADRO 16: Exemplo de oração imperativa pessoal Sujeito ^ Finito.....	41
QUADRO 17: Exemplo de oração imperativa pessoal Finito ^ Sujeito.....	41
QUADRO 18: Exemplo de grupo nominal realizando PARTICIPANTE VERBIAGEM	42
QUADRO 19: Exemplo de oração –dass realizando PARTICIPANTE VERBIAGEM	42
QUADRO 20: Exemplo de ORAÇÃO MENOR realizando PARTICIPANTE VERBIAGEM	42
QUADRO 21: Exemplo de PARTICIPANTE FALANTE (ser inconsciente) como sujeito em inglês	43
QUADRO 22: Exemplo de Ø PARTICIPANTE FALANTE (ser inconsciente) como sujeito em alemão	43
QUADRO 23: Exemplo de PROCESSO VERBAL + “es” Ø função de PARTICIPANTE	43
QUADRO 24: Corpus de pesquisa.....	47
QUADRO 25: Parâmetros para seleção de subcategorias gramaticais	51
QUADRO 26: Identificação de subcategorias narratológicas	53

QUADRO 27: Parâmetros para seleção das subcategorias de correspondência formal.....	54
QUADRO 28: Exemplo da subcategoria correspondência formal.....	55
QUADRO 29: Exemplo da subcategoria mudança	56
QUADRO 30: Exemplo da subcategoria não equivalência.....	57
QUADRO 31: Exemplos de membro geral em TK_TO	60
QUADRO 32: Exemplos de verbo específico de demanda em TK_TO	60
QUADRO 33: Exemplos de verbo modo especificando conotação 24H_TO....	60
QUADRO 34: Exemplos de membro geral (sagen) em TK_TO.....	63
QUADRO 35: Exemplos da subcategoria outros verbos lexicais além de sagen em TK_TO e em 24H_TO.....	63
QUADRO 36: Exemplos de semiose projetante de citação indicativa em TK_TO	65
QUADRO 37: Exemplos de atividade de fala em TK_TO	65
QUADRO 38: Exemplos de semiose não projetante verbiagem em 24H_TO...	65
QUADRO 39: Exemplos de não recepção em TK_TO.....	67
QUADRO 40: Exemplos de recepção em 24H_TO	67
QUADRO 41: Exemplos de proposição em 24H_TO e em TK_TO	68
QUADRO 42: Exemplos de proposta em 24H_TO e em TK_TO	68
QUADRO 43: Exemplos de nível narrativo 1 em TK_TO	70
QUADRO 44: Exemplos de nível narrativo 2 em 24H_TO.....	70
QUADRO 45: Subcategorias mais selecionadas em TK_TO e 24H_TO	70
QUADRO 46: Exemplos de membro geral em TK_TT1	73
QUADRO 47: Exemplos de verbo específico de demanda em TK_TT1.....	73
QUADRO 48: Exemplos de verbo modo especificando conotação em 24H_TT1	73
QUADRO 49: Exemplos de membro geral (dizer) em TK_TT1	75
QUADRO 50: Exemplos da subcategoria outros (outros verbos lexicais além de dizer e falar) em TK_TT1 e em 24H_TT1	76
QUADRO 51: Exemplos de semiose projetante de citação indicativa em TK_TT1	77
QUADRO 52: Exemplos de semiose não projetante verbiagem em 24H_TT1 .	77
QUADRO 53: Exemplos de atividade de fala em TK_TT1 e em 24H_TT1	78
QUADRO 54: Exemplos de não recepção em TK_TT1	79

QUADRO 55: Exemplos de recepção em 24H_TT1	79
QUADRO 56: Exemplos de proposição 24H_TT1 e em TK_TT1	81
QUADRO 57: Exemplos de proposta em TK_TT1	81
QUADRO 58: Exemplos de nível narrativo 1 em TK_TT1	82
QUADRO 59: Exemplos de nível narrativo 2 em 24H_TT1	82
QUADRO 60: Subcategorias mais selecionadas em TK_TT1 e 24H_TT1	83
QUADRO 61: Exemplos de membro geral em 24H_TT2 e em TK_TT2	85
QUADRO 62: Exemplos de verbo específico de demanda em TK_TT2.....	85
QUADRO 63: Exemplos de verbos do tipo modo especificando conotação em 24H_TT2.....	86
QUADRO 64: Exemplos de membro geral (dizer) em TK_TT2	87
QUADRO 65: Exemplos da subcategoria outros verbos lexicais além de dizer nos TT2s.....	88
QUADRO 66: Exemplos de semiose projetante de citação indicativa nos TT2s90	
QUADRO 67: Exemplos de atividade de fala nos TT2s.....	90
QUADRO 68: Exemplos de semiose não projetante verbiagem em 24H_TT2. 90	
QUADRO 69: Exemplos de não recepção em TK_TT2	91
QUADRO 70: Exemplos de recepção em 24H_TT2	92
QUADRO 71: Exemplos de proposição nos TT2	93
QUADRO 72: Exemplos de proposta em TK_TT2	93
QUADRO 73: Exemplos de nível narrativo 1 em TK_TT2.....	94
QUADRO 74: Exemplos de nível narrativo 2 em 24H_TT2	94
QUADRO 75: Subcategorias mais selecionadas em TK_TT2 e 24H_TT2	95
QUADRO 76: Exemplo da subcategoria correspondência formal entre TK_TO e TK_TTs.....	97
QUADRO 77: Exemplo da subcategoria mudança entre TK_TO e TK_TT1....	98
QUADRO 78: Exemplo da subcategoria mudança entre TK_TO e TK_TT2....	98
QUADRO 79: Exemplo da subcategoria mudança entre TK_TO e TK_TT1....	99
QUADRO 80: Exemplo da subcategoria mudança entre TK_TO e TK_TT2....	99
QUADRO 81: Exemplo da subcategoria analogia de escolhas entre TK_TT1 e TK_TT2	101
QUADRO 82: Exemplo da subcategoria divergência de escolhas entre TK_TT1 e TK_TT2 –	101

QUADRO 83: Exemplo da subcategoria correspondência formal em 24H_TO e 24H_TTs	104
QUADRO 84: Exemplo da subcategoria mudança em 24H_TO e 24H_TT1..	104
QUADRO 85: Exemplo da subcategoria mudança em 24H_TO e 24H_TT2..	105
QUADRO 86: Exemplo da subcategoria não equivalência entre 24H_TO e 24H_TT1.....	105
QUADRO 87: Exemplo da subcategoria analogia de escolhas entre 24H_TT1 e 24H_TT2.....	107
QUADRO 88: Exemplo da subcategoria divergência de escolhas entre 24H_TT1 e 24H_TT2.....	108
QUADRO 89: Exemplo da subcategoria zero entre 24H_TT1 e 24H_TT2 ...	108
QUADRO 90: Omissão do correspondente verbal de sagen em TK_TTs	112
QUADRO 91: Omissão de sagen em 24H_TT2.....	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

24H: 24 horas na vida de uma mulher

AL: alemão

LA: língua-alvo

LF: língua-fonte

LM: língua-meta

PB: português brasileiro

PV: processo verbal

TK: Tonio Kröger

TO: texto original

TSF: Teoria Sistêmico-Funcional

TT: texto traduzido

TT1: primeira tradução

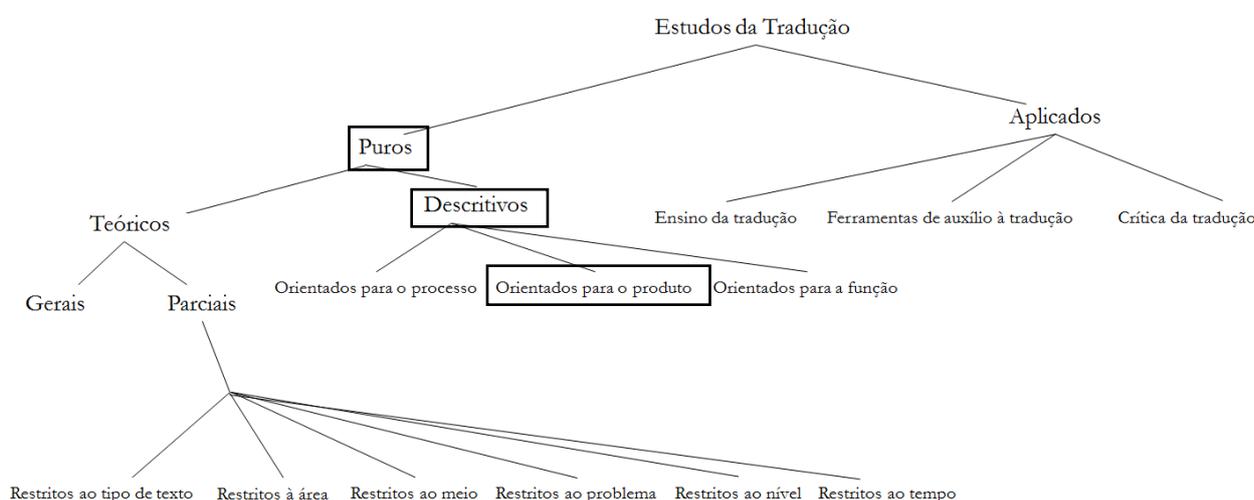
TT2: retradução

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.1 Estudos da Tradução	21
2.2 Catford (1965) e Matthiessen (2001): Equivalência Textual	22
2.3 Teoria Sistêmico-Funcional (TSF).....	25
2.3.1 METAFUNÇÃO IDEACIONAL – oração como representação do mundo	28
2.3.2 O PROCESSO VERBAL: representação da fala.....	29
2.3.2.1 Pesquisas realizadas sobre PROCESSOS VERBAIS em romances	35
2.3.3 SISTEMA de MODO e a estrutura INTERPESSOAL do alemão (STEINER; TEICH, 2004).....	39
2.4 Categoria narratológica: níveis narrativos.....	43
3 METODOLOGIA	46
3.1 <i>Corpus</i> de pesquisa.....	46
3.2 <i>Corpus</i> de análise: anotação	49
3.2.1 Anotação das categorias gramaticais.....	49
3.2.2 Anotação da categoria narratológica	53
3.2.3 Anotação da categoria tradutória.....	53
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	58
4.1 Análise dos TOs	58
4.2 Análise dos TT1s.....	71
4.3 Análise dos TT2s.....	83
4.4 Comparação entre TOs e TTs.....	95
4.4.1 Categorias tradutórias para TK_TO e TK_TTs.....	96
4.4.2 Comparação entre TK_TTs	99
4.4.3 Categorias tradutórias para 24H_TO e 24H_TTs.....	102
4.4.4 Comparação entre 24H_TTs	106
4.5 Hipótese de retradução (Berman, 1990).....	108
4.6 Comparação de resultados com Pagano (2017) e Guimarães (2018).....	111
4.7 Síntese dos resultados.....	112
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	116
ANEXO	119

1 INTRODUÇÃO

Vinculada à área da Linguística Aplicada, esta pesquisa está inserida no campo disciplinar dos Estudos da Tradução e foi desenvolvida no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras da UFMG. No que diz respeito aos Estudos da Tradução, conforme o mapeamento realizado por Holmes (1972), esta pesquisa se enquadra nos Estudos Puros da Tradução, dados seu caráter descritivo e sua orientação para o produto, pois lida com romances originais e suas respectivas traduções e retraduições. Apresentamos a FIGURA 1 com o mapa dos Estudos da Tradução, no qual está localizada nossa pesquisa.



Fonte: Adaptado de Toury, 1995, p. 16. Grifo nosso.

FIGURA 1: Mapa dos Estudos da Tradução

Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 302-303), as ORAÇÕES VERBAIS “constroem a interação entre falante e interlocutor em um evento de fala¹” e “somente quando a fala é endereçada a uma segunda pessoa é que a linguagem pode cumprir a sua missão de comunicar²”. Os PROCESSOS VERBAIS constroem as representações da fala em textos ficcionais, uma vez que, na construção de conversas em passagens narrativas, as ORAÇÕES VERBAIS são usadas frequentemente para desenvolver relatos de diálogo seguindo o modelo de “x disse, depois y disse”, juntamente com citações com o conteúdo do que foi dito. Semino e Short (2004, p. 2) optam por utilizar o termo “apresentação” da

1 Nossa tradução para: “(...) constructing the interaction between speaker and addressee in a speech event (...)” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 217).

2 Nossa tradução para: “Only when speech is addressed to a second person can language fulfil its mission to communicate” (BAL, 2001, p. 33).

fala em vez de “representação” ou “relato” da fala, porque “relato” ou “representação” são “(...) frequentemente utilizados como termos padrão por outros linguistas³” e porque os autores estão “(...) especialmente interessados em como o discurso de outros (ou o falante/escritor em alguma ocasião anterior) é *apresentado*⁴”. (SEMINO e SHORT, 2004, p. 2). No entanto, utilizaremos o termo “apresentação” como equivalente de “representação” da fala.

Analisamos o uso dos PROCESSOS VERBAIS na construção e representação da fala em textos ficcionais escritos originalmente em alemão e traduzidos para o português brasileiro e analisamos se há ou não equivalência entre ambos os sistemas linguísticos. Com isso, o principal objetivo é examinar o padrão de realização de PROCESSOS VERBAIS e de ORAÇÕES VERBAIS em trocas dialógicas em textos ficcionais escritos originalmente em alemão e traduzidos e retraduzidos para o português brasileiro. Para encontrarmos equivalência ou não equivalência entre os sistemas linguísticos do alemão e do português brasileiro, a ferramenta utilizada é a comparação. Sobre a comparação de textos em tradução, Halliday *et al.* (1964) anunciam:

A equivalência de tradução textual é uma forma de se estabelecer comparabilidade. Ou seja, a ocorrência de um item ou um padrão em uma língua A e de outro item ou padrão em uma língua B, em situações de uso real e sob condições que nos permitem referir-nos a esses itens como “equivalentes”, é uma evidência de um tipo crucial aos estudos comparativos. A natureza dessa equivalência não é formal, mas contextual. (HALLIDAY; McINTOSH; STREVENSON, 1964, p. 123-124)

As ORAÇÕES VERBAIS são analisadas neste estudo com base na Teoria Sistêmico-Funcional (TSF). Este embasamento se deve à sua consolidação teórica e por abastecer-nos de ferramentas linguísticas vastas para contrastar dois sistemas linguísticos distintos, uma vez que a teoria “permite comparar sistemas linguísticos distintos com base em categorias teóricas comuns e contemplar especificidades por meio de categorias descritivas próprias de cada sistema” (PAGANO, FERREGUETTI, FIGUEREDO, 2011, p. 89-90). A TSF busca descrever a língua em uso sob uma perspectiva multilíngue, interpretando a língua como um sistema que possibilita tanto a interação entre as pessoas como a compreensão das suas experiências de mundo. (MARTIN, MATTHIESSEN, PAINTER, 2010, p. 1).

3 Nossa tradução para: “(...) often used as default terms by other linguists (...)” (SEMINO e SHORT, 2004, p. 2).

4 Nossa tradução para: “(...) specifically interested in how the discourse of others (or the speaker/writer on some previous occasion) is presented” (SEMINO e SHORT, 2004, p. 2).

Para que o uso de PROCESSOS VERBAIS fosse analisado e comparado, como aqui proposto, foi utilizada a abordagem de equivalência tradutória proposta por Catford (1965) e Matthiessen (2001). De acordo com Catford (1965), a equivalência tradutória pode ser concebida entre qualquer par linguístico, incluindo dialetos. A equivalência pode ou não estar relacionada entre si espacial, social ou temporalmente. Além disso, o processo de atribuição de equivalência é unidirecional, ou seja, sempre ocorre de uma língua-fonte para uma língua-alvo (CATFORD, 1965, p. 20). Aqui a língua-fonte é o alemão, e a língua-alvo é o português brasileiro.

Ao investigar as mudanças sob a perspectiva da TSF, Matthiessen (2001) afirma que pode haver pouca ou muita mudança, dependendo do ponto em que a mudança atingir na linha de delicadeza. Se houver mudança no polo mais delicado no contínuo de delicadeza, a mudança será pequena, pois será lexical; no entanto, se a mudança ocorrer no polo menos delicado da linha de delicadeza, a mudança será maior, pois será gramatical (MATTHIESSEN, 2001, p. 106). Dado isso, com esta pesquisa objetivamos investigar, sob a perspectiva da Teoria Sistêmico-Funcional, o uso de PROCESSOS VERBAIS em diálogos de textos ficcionais e verificar se há correspondência formal ou mudanças entre textos originais em AL, suas traduções e retraduições para o PB.

Investigamos também a hipótese de retradução de Berman (1990), segundo a qual a primeira tradução de um texto se aproxima mais da língua e da cultura da língua-alvo do que da língua-fonte, sendo, por isso, mais distante do texto original do que a retradução (PAGANO, 2017, p.64). Considerando a hipótese de retradução de Berman (1990) e estudos anteriores sobre PROCESSOS VERBAIS (PVS) em textos ficcionais, como Pagano (2017) e Guimarães (2018), nossos objetivos específicos são:

- i) comparar os padrões de PROCESSOS VERBAIS entre as traduções e retraduições;
- ii) verificar se os resultados encontrados corroboram a hipótese de retradução de Berman (1990);
- iii) comparar os resultados obtidos na amostra alemão-português com aqueles obtidos por Pagano (2017) e Guimarães (2018) em amostras inglês-português.

A comparação entre TT1s e entre TT2s se justifica pela tentativa de verificar se há um padrão tradutório associado à uma determinada época. No nosso estudo, há duas épocas: entre as décadas de 1930 e 1950 e entre as décadas de 1990 e 2010.

Isso posto, justificamos nossa pesquisa por ampliar os estudos linguísticos com o arcabouço teórico sistêmico-funcional no par linguístico alemão – português brasileiro,

dado que ainda não há pesquisas com o mesmo objeto de estudo desta dissertação. Tencionamos fornecer subsídios teóricos e empíricos primários que permitam ampliar a descrição dos sistemas de ambas as línguas. Além disso, estamos ampliando pesquisas realizadas anteriormente sobre PVs, como Pagano (2017) e Guimarães (2018), quanto a: i) variedade de verbos lexicais de fala entre TOs e TTs; ii) maior frequência de mudanças/*shifts* na representação da fala em TTs.

Esta introdução é seguida de quatro capítulos. No segundo capítulo, Referencial Teórico, abordamos os Estudos da Tradução em associação com a Teoria Sistêmico-Funcional, esclarecendo os conceitos de equivalência e mudança (*shift*), assim como os conceitos narratológicos. No terceiro capítulo, Metodologia, descrevemos como se procedeu à extração dos trechos com passagens dialógicas dos romances, ao alinhamento dos trechos dos romances originais e suas respectivas traduções e retraduições, à anotação das categorias gramaticais, narratológicas e tradutórias em planilhas eletrônicas, bem como à extração dos dados utilizando o *software* e ambiente de programação R (R Core Team, 2018). Descrevemos os resultados e a discussão dos resultados detalhadamente no quarto capítulo, Resultados e discussão, explicitando os dados de acordo com cada categoria analisada e os contrastamos com os de Pagano (2017) e Guimarães (2018). Expomos nossas considerações finais no capítulo 5, explicitando suas contribuições e limitações. Para finalizar, há as Referências e Anexos, respectivamente com as fontes do nosso embasamento teórico e o *script* utilizado no R.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Estudos da Tradução

Uma abordagem para os Estudos da Tradução “demonstra um entendimento abrangente de um campo de estudo e considera os fenômenos da tradução sob a luz desse entendimento abrangente⁵” (MALMKJAER, 2011). Sendo a tradução um fenômeno linguístico, é compreensível a tendência dos linguistas de classificar os estudos de tradução como um ramo da linguística, principalmente da linguística aplicada (MALMKJAER, 2005).

Catford (1965) preocupou-se em definir o que é tradução e inserir os Estudos da Tradução em uma teoria linguística:

Tradução é uma operação que se realiza nas línguas: um processo de substituição de um texto numa língua por um texto em outra. Evidentemente, pois, qualquer teoria de tradução deve esboçar uma teoria de língua, uma teoria linguística geral. (CATFORD, 1980, p. 1)

Nos Estudos da Tradução, Catford (1965) deixou um marco importante pelas suas “tentativas de se basear na teoria linguística na criação de uma Teoria da Tradução⁶”, pela “insistência de que “a Teoria da Tradução é essencialmente uma teoria de linguística aplicada⁷” e também devido ao “primeiro plano que Catford dá à noção de equivalência e à sua defesa dos poderes introspectivos bilíngues ou tradutores como fontes adequadas de informação sobre as instâncias de equivalência⁸” (MALMKJAER, 2005, p. 94-95).

Catford (1965) embasou sua teoria da tradução em estudo hallidayano (HALLIDAY, 1961), anterior à Linguística Sistêmico-Funcional (MALMKJAER, 2005), e foi um dos primeiros a empregar o conceito hallidayano de ESCALA DE ORDEM em *Linguistic Theory of Translation* (STEINER, 2005). Para Catford (1965), a Linguística Comparativa é uma extensão da Linguística Descritiva e um ramo da teoria de tradução, que objetiva estabelecer uma relação entre línguas. Ainda para o autor, a tradução como

⁵ Nossa tradução para: “(...) displays a comprehensive understanding of an area of study, and considers translational phenomena in the light of this comprehensive understanding”.

⁶ Nossa tradução para: “(...) attempts at drawing on linguistic theory in setting up a theory of translation (...)”.

⁷ Nossa tradução para: “(...) Catford’s insistence that ‘the theory of translation is essentially a theory of applied linguistics’ (...)”.

⁸ Nossa tradução para: “(...) Catford’s foregrounding of the notion of equivalence and his advocacy of a bilingual’s or translators introspective powers as suitable sources of information about instances of equivalence”.

processo é sempre realizado da língua-fonte para a língua-alvo, ou seja, de forma unidirecional (CATFORD, 1980).

Embasados pela Linguística Contrastiva (ou Linguística Comparativa Descritiva), Halliday *et al.* (1964) afirmam que os dois princípios fundamentais da tradução são “descrever antes de comparar” e “comparar padrões, não língua inteiras” (HALLIDAY, MCINTOSH e STREVENS, 1964, p. 113). Similarmente a Catford (1965), os autores estabelecem que, na tradução como atividade, há uma relação entre a língua-fonte e a língua-alvo, mas, além disso, os autores também definem a tradução como produto:

A tradução como atividade enfrenta apenas um caminho; o tradutor observa um evento em um idioma, o idioma-‘fonte’, e realiza um evento relacionado em outro, o idioma-‘alvo’. Mas o resultado total são dois testes que estão em relação mútua: cada um é como se fosse uma tradução do outro. Um par de textos relacionados por tradução se refere a uma descrição comparativa das línguas em questão, pois um único texto corresponde a uma descrição (HALLIDAY, MCINTOSH e STREVENS, 1964, p. 123).

Matthiessen (2001), além de abranger os Estudos da Tradução de Catford (1965), aborda a tradução por um prisma multilíngue. O autor define a tradução como um modo de interpretação, que ocorre dentro de sistemas de quarta ordem (sistemas semióticos). Ou seja, a “(experiência é construída como) significado em um sistema e (re) construída como significado em outro⁹” (MATTHIESSEN, 2001, p. 51).

Matthiessen (2001) também desenvolve os conceitos de equivalência e mudança, mas remodulando as definições elaboradas por Catford (1965). Na próxima seção, trataremos sobre esses conceitos.

2.2 Catford (1965) e Matthiessen (2001): Equivalência textual

A teoria linguística de tradução de Catford (1965) já se tornou, como afirmam Halliday e Webster (2009, p. 41), “um clássico¹⁰”. Para Catford (1965), a tradução ocorre quando um texto em uma língua é substituído por outro texto em outra língua (CATFORD, 1980). Quando os textos ou apenas termos da língua fonte (LF) e da língua meta (LM) –ou língua-alvo (LA) –se correlacionam mantendo os mesmos traços de

⁹ Nossa tradução para “(experience construed as) meaning in one system is (re)construed as meaning in another” (MATTHIESSEN, 2001, p. 51).

¹⁰ Nossa tradução para: “(...) a classic” (HALLIDAY e WEBSTER, 2009, p. 41).

substâncias, ocorre o que autor nomeia de equivalência de tradução (*translation equivalence*) (CATFORD, 1980, p. 56).

Interessado na equivalência da tradução como um fenômeno empírico, o autor se preocupa em distinguir os termos equivalência textual (*textual equivalence*) e correspondência formal (*formal correspondence*). Tanto a equivalência textual quanto a correspondência formal estão atrelados à equivalência da tradução.

Equivalente textual é definido como “(...) qualquer forma da LM (texto ou porção de texto) que se observe ser equivalente de determinada forma da LF (texto ou porção de texto)” (CATFORD, 1980, p. 29). Já um correspondente formal é “(...) qualquer categoria da LM (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura etc.) que se possa dizer que ocupa, tanto quanto possível, na ‘economia’ da LM o ‘mesmo’ lugar que determinada categoria da LF ocupa na LF” (CATFORD, 1980, p. 29). O conceito de mudança (*shift*) é definido pelo autor como “(...) perdas de correspondência formal no processo de passagem da LF para a LM” (CATFORD, 1980, p. 82), ou seja, alterações que se sucedem na tradução. Essas mudanças são diferenciadas entre dois tipos: mudanças de nível – ou seja, aquelas relativas a mudanças de gramática e léxico; e mudanças de categorias – distinguidas em: mudanças de estrutura – ou seja, quando há na LF ou na LM elementos diferentes, ou quando os elementos são postos em sequências diferentes entre um língua e outra; mudanças de classe – ocorre quando o equivalente de tradução da LF pertence à classe diferente do equivalente de tradução da LM; mudanças de unidade – alterações de ordem; ou seja, o equivalente de tradução da LM pertence a uma unidade de uma ordem diferente da LF; mudanças intrassistema – conforme Catford (1980, p. 90) ocorre se “LF e LM possuam sistemas que de maneira aproximada correspondam formalmente quanto à sua constituição envolvendo, porém, a tradução a escolha de um termo não correspondente no sistema da LM”. (CATFORD, 1980, p. 82 - 89).

Apesar de Matthiessen (2001) considerar a teoria linguística de tradução proposta por Catford (1965) uma “contribuição maravilhosamente rica¹¹”, Matthiessen (2001) afirma que esta deve ser revisada. De forma geral, Matthiessen (2001) afirma que os conceitos de equivalência e mudança são dois polos opostos em uma linha de diferenciação entre as línguas, sendo que no polo com congruência máxima está a equivalência, e no polo com congruência mínima está a mudança (MATTHIESSEN, 2001, p. 78). Além disso, o autor declara que há “um alto grau de “equivalência” ou

¹¹ Nossa tradução para: “[...] a wonderfully rich contribution [...]” (MATTHIESSEN, 2001, p. 43).

congruência entre línguas¹²”, de modo que, na tradução, “a METAFUNÇÃO tende a ser preservada¹³”. No entanto, é possível haver variações, ou seja, mudanças de METAFUNÇÕES (*metafunctional shifts*) ou mudanças dentro das METAFUNÇÕES (*shifts within metafunction*), as quais podem acontecer na ESCALA DE ORDEM (*rank scale*) – ORAÇÃO, GRUPO, PALAVRA, MORFEMA – ; no SISTEMA (*system*) – ocorre em GRAU DE DELICADEZA, sendo mudanças pequenas (ou seja, lexicais), ou ocorre em algum polo do CONTINUO DE INSTANCIAÇÃO, sendo mudanças maiores (ou seja, gramaticais); e finalmente, pode haver mudança na ESTRUTURA (*structure*), sendo essa última a mais frequente. Para exemplificar mudança na ESTRUTURA, (MATTHIESSEN, 2001) compara a estrutura de uma ORAÇÃO RELACIONAL NÃO-MARCADA no inglês e a realização da estrutura RELACIONAL NÃO-MARCADA em árabe, na qual não há PROCESSO. Assim, apesar de ambas as orações serem equivalentes de tradução, essas possuem estruturas diferentes.

No QUADRO 1 abaixo exemplificamos o conceito de Correspondência formal, dado que no trecho original, o PROCESSO VERBAL (*sagen*) foi traduzido também por um PROCESSO VERBAL (dizer) em sua retradução.

QUADRO 1: Equivalentes textuais

Texto	Exemplo	Equivalentes textuais	
24H_TO	›Du bist ein guter Kerl,‹ sagte er	Sagen → GRUPO VERBAL	Correspondência formal
<i>glossa</i>	<i>Você é um sujeito bom—disse ele</i>		
24H_TT2	- Você é uma boa moça— disse ele	Dizer → GRUPO VERBAL	

No QUADRO 2: Mudança exemplificamos o conceito de mudança. Considerando as mudanças especificadas por Matthiessen (2001), podemos observar que a mudança abaixo ocorre dentro da METAFUNÇÃO IDEACIONAL no SISTEMA RECEPÇÃO (no TO o PROCESSO VERBAL é seguido de receptor, enquanto no TT2 não há receptor).

QUADRO 2: Mudança

Texto	Exemplo	Equivalentes textuais	
TK_TO	Tonio Kröger antwortete ihm .	Ihm	Mudança
<i>glossa</i>	<i>Tonio Kröger respondeu—lhe.</i>		
TK_TT2	Tonio Kröger respondeu.	∅	

¹²Nossa tradução para: “[...] a high degree of “equivalence” or congruence between languages” (MATTHIESSEN, 2001, p. 99)

¹³ Nossa tradução para: “[...] metafunction tends to be preserved.” (MATTHIESSEN, 2001, p. 99)

2.3 Teoria Sistêmico-Funcional (TSF)

A Teoria Sistêmico-Funcional (TSF) é constituída por seus aspectos sistêmico e funcional. Martin, Matthiessen e Painter (2010) afirmam que “uma análise sistêmica acrescenta uma dimensão importante à análise textual: mostra o que o falante escolhe dizer em um determinado texto em contraste com o que falantes podem querer dizer¹⁴”. Consoante a TSF, sistematicamente, a gramática da língua é representada por REDES DE SISTEMAS¹⁵ (*system networks*), as quais representam a gramática como um recurso para gerar significados – elas mostram as opções de significados disponíveis para os falantes, entre as quais eles farão suas escolhas (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 2010, p. 3). Dito de outra forma, “a língua é um recurso para gerar significados, e significados residem em padrões sistêmicos de escolhas¹⁶”. A REDE DE SISTEMAS é formada por eixos paradigmáticos, ou seja, por SISTEMAS (*systems*), os quais têm um conjunto de possibilidades de significados potenciais da língua. Para a seleção de um TERMO, todo SISTEMA tem uma CONDIÇÃO DE ENTRADA (*entry condition*). No caso de haver em um SISTEMA as opções de seleção “x” ou “y”, e a opção “x” for selecionada, isso significa a não seleção de “y”. Ou seja, quando um TERMO é selecionado, isso significa automaticamente a não seleção do outro TERMO. A FIGURA 2 abaixo ilustra uma REDE DE SISTEMAS simples composta por condição de entrada (representada por “a”) e as opções de seleção do sistema (representadas por “x” e “y”).

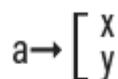


FIGURA 2: Rede de sistemas
Fonte: Halliday & Matthiessen, 2014, p. 10.

À medida que as escolhas são feitas, são gerados SISTEMAS, e quanto mais escolhas são feitas dentro de um SISTEMA, maior é o seu nível de DELICADEZA. A DELICADEZA

¹⁴ Nossa tradução para: “This systemic analysis adds an important dimension to text analysis: it shows what a speaker chooses to mean in a given text against the background of what speakers can mean” (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 2010, p. 3).

¹⁵ Utilizamos nesta pesquisa a tradução dos termos da TSF feita por Figueredo (2011). Todos os termos da TSF estão destacados em VERSALETE (small caps). Quando os termos são expostos pela primeira vez ou sempre que necessário, esses vem escritos em inglês entre parênteses.

¹⁶ Nossa tradução para: “A language is a resource for making meaning and meaning resides in systemic patterns of choice” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014, p. 23).

estabelece a relação de “é um tipo de um tipo de...” entre os TERMOS. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 22-23).

O aspecto funcional da TSF fornece ferramentas para compreendermos por que um texto é do jeito que ele é; ou seja, uma gramática funcional “(...) respeita o direito dos falantes de decidirem sobre como escolhem conversar; ao mesmo tempo que os tornam explicitamente conscientes sobre as escolhas que eles têm disponíveis, para que eles possam tomar uma decisão embasada sobre as opções que fazem”¹⁷. Ademais, a perspectiva funcional da TSF é relativa às funções da linguagem. Há três METAFUNÇÕES que representam a funcionalidade da linguagem. A primeira, METAFUNÇÃO IDEACIONAL, que realiza o CAMPO, está relacionada à função de representação do mundo. Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 30), a língua “constrói a experiência humana”¹⁸ nomeando e categorizando as coisas existentes no nosso dia-a-dia e, dessa forma, esses elementos constroem a experiência humana em significados. A segunda, METAFUNÇÃO INTERPESSOAL, que realiza a SINTONIA, está relacionada à função da língua em uso no momento de interação entre as pessoas, permitindo a troca de bens e serviços, ofertas e propostas. A última, METAFUNÇÃO TEXTUAL, que realiza o MODO, está relacionada à maneira como o texto é construído e organizado estruturalmente e coesivamente. Além disso, é a METAFUNÇÃO TEXTUAL que faz com que as METAFUNÇÕES IDEACIONAL e INTERPESSOAL atuem no texto de maneira que ele faça sentido para o leitor (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

A língua opera de acordo com o contexto em que é utilizada. Tanto a língua quanto o contexto estendem-se na CONTÍNUO DE INSTANCIÇÃO. Em um extremo da LINHA DE INSTANCIÇÃO há o SISTEMA da língua, e no outro o CONTEXTO DE CULTURA. No ponto intermediário da linha está o potencial relacionado ao REGISTRO – o que está sendo dito em conformidade com o que está sendo feito. Ou seja, REGISTRO está relacionado às variações da linguagem de acordo com o tipo de situação, ou CONTEXTO, em que ela é usada (HALLIDAY, 1978, p. 32 e 35). O CONTEXTO é caracterizado segundo CAMPO (*field*), realizado pela METAFUNÇÃO IDEACIONAL; a SINTONIA (*tenor*), realizada pela METAFUNÇÃO INTERPESSOAL; e MODO (*mode*), é realizado pela METAFUNÇÃO TEXTUAL. CAMPO refere-se à atividade do falante ou do PARTICIPANTE conforme o ambiente em que

¹⁷ Nossa tradução para: “(...) respects speakers' right to make up their own mind about how they choose to talk; at the same time it makes speakers explicitly aware of the choices they have available, so they can make an informed decision about the options they choose” (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 2010, p. 3).

¹⁸ Nossa tradução para: “[...] construe human experience” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 30).

ocorre a interação, assim como ao tópico da situação; SINTONIA refere-se a quem está participando da interação, qual o papel social e qual relação de status de poder dos PARTICIPANTES; ou seja, à relação entre os PARTICIPANTES; MODO refere-se ao canal adotado na comunicação, como por exemplo, escrito ou falado (HALLIDAY, 1978, p. 33). CAMPO, SINTONIA e MODO “juntos, eles definem um espaço semiótico multidimensional – o ambiente de significados no qual a língua, outros sistemas semióticos e sistemas sociais operam”¹⁹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 34).

Como já mencionado, o texto varia de acordo com o CONTEXTO e está relacionado também à situação na qual está inserido. A situação é composta pelas ATIVIDADES SÓCIO SEMIÓTICAS de fazer e de significar. A ATIVIDADE SÓCIO SEMIÓTICA de fazer diz respeito ao comportamento social que compõe a situação, considerando não apenas a língua, mas também expressões faciais, gestos e outros sistemas simbólicos que expressam significados. A ATIVIDADE SÓCIO SEMIÓTICA referente ao significar diz respeito a processos de significado na situação, e é subdividida em sete atividades: i) EXPLICAR; ii) RELATAR; iii) RECRIAR; iv) COMPARTILHAR; v) CAPACITAR; vi) RECOMENDAR e vii) EXPLORAR²⁰. Dado que o propósito deste trabalho não é explorar as diversas definições literárias de romance, e sim nos pautar na TSF, identificaremos nosso *corpus* (composto por dois romances e suas respectivas traduções e retraduações) de acordo com a ATIVIDADE SÓCIO SEMIÓTICA mais adequada, a saber, a RECRIAR. Segundo Figueredo (2011, p. 90) “o processo RECRIAR busca criar linguisticamente um evento que aconteceu no mundo que, anteriormente, foi codificado por outro processo sócio semiótico, de forma ficcional”. Os tipos de textos inseridos na ATIVIDADE SÓCIO SEMIÓTICA RECRIAR são contos, histórias folclóricas, romances e peças de teatro (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 39, Quadro 1-8). Como os textos do nosso *corpus* são ficcionais, na SINTONIA as relações estabelecidas são entre o escritor e o leitor, e entre os PARTICIPANTES de história por meio de diálogos. Por fim, no MODO, o turno é dialógico, pois analisamos os diálogos entre os PARTICIPANTES da história, meio escrito e canal gráfico.

Nosso foco de análise nesta pesquisa está na METAFUNÇÃO IDEACIONAL, que será apresentada mais detalhadamente na próxima subseção.

¹⁹ Nossa tradução para: “Together they define a multi-dimensional semiotic space – the environment of meanings in which language, other semiotic systems and social systems operate” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014, p. 34).

²⁰ Nossa tradução para: “expounding; reporting; recreating; sharing; enabling; recommending and exploring” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014, p. 35 - 36).

2.3.1 METAFUNÇÃO IDEACIONAL – oração como representação do mundo

A METAFUNÇÃO IDEACIONAL constrói as experiências humanas no mundo de forma EXPERIENCIAL e LÓGICA. A LÓGICA fornece recursos para a formação de complexos (como de orações e grupos, por exemplo), já a EXPERIENCIAL, que será o foco deste trabalho, atua no SISTEMA DE TRANSITIVIDADE por meio de PROCESSOS, PARTICIPANTES e CIRCUNSTÂNCIAS (MARTIN, MATTHIESSEN, PAINTER, 2010, p. 98). Os PROCESSOS são realizados por grupos verbais, os PARTICIPANTES por grupos nominais, e as CIRCUNSTÂNCIAS por advérbios ou grupo de advérbios e frases preposicionais. A junção desses três componentes constitui a FIGURA, sendo o PROCESSO o elemento principal ao qual estão vinculados o PARTICIPANTE e a CIRCUNSTÂNCIA (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 220). O QUADRO 3 a seguir exemplifica a configuração de uma FIGURA, composta por PARTICIPANTE, PROCESSO e CIRCUNSTÂNCIA:

QUADRO 3: Configuração de uma FIGURA e suas realizações léxico-gramaticais

O coração de Tonio Kröger	contraiu-se	dolorosamente
PARTICIPANTE	PROCESSO	CIRCUNSTÂNCIA
Grupo nominal	Grupo verbal	Grupo adverbial

Os diferentes tipos de PROCESSOS existentes são recursos fundamentais para realizar linguisticamente nossas experiências (PAGANO, FERREGUETTI e FIGUEREDO, 2011, p. 91), e cada tipo de PROCESSO tem seu conjunto de PARTICIPANTES. Os tipos de PROCESSOS são: MATERIAL, MENTAL, VERBAL, RELACIONAL e EXISTENCIAL. Na FIGURA 3 podemos verificar os tipos de PROCESSOS e quais experiências são construídas por meio deles.

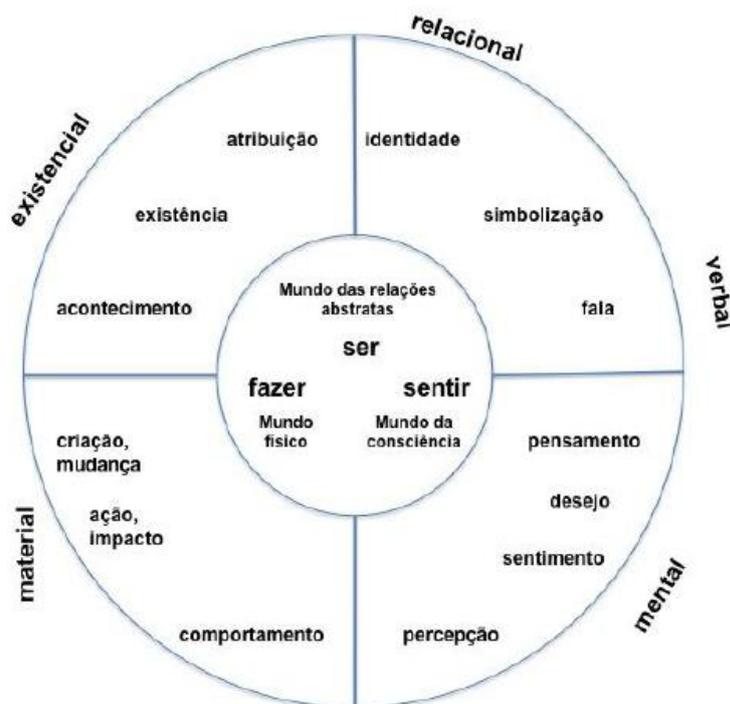


FIGURA 3: Os tipos de PROCESSOS e a construção linguística de nossas experiências
 Fonte: Retirado de Pagano, Ferregueti e Figueredo, 2011, p. 94.

Conforme podemos verificar na ilustração acima, os PROCESSOS MATERIAIS constroem ações e acontecimentos no mundo material; os PROCESSOS MENTAIS constroem o sentir, nossas experiências do mundo da consciência, como processos de cognição, emoção e percepção; os PROCESSOS RELACIONAIS constroem o ser/estar de duas maneiras: estabelecendo relações de atribuição e de identificação; os PROCESSOS EXISTENCIAIS são “responsáveis pela construção do significado existencial” (FERREGUETTI, 2014, p. 31); e por fim, os PROCESSOS VERBAIS representam os processos de fala (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 2010, p. 102 - 108).

Considerando o objetivo deste trabalho de investigar os PROCESSOS VERBAIS, evidenciamos na próxima sessão as suas principais características.

2.3.2 O PROCESSO VERBAL: representação da fala

Os PROCESSOS VERBAIS realizam os PROCESSOS de “dizer”, e são responsáveis por realizar qualquer tipo de troca simbólica de significado. Além disso, as orações verbais são recursos relevantes em diferentes tipos de discurso para a criação de narrativas, pois elas possibilitam a formação de passagens dialógicas (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 302 - 303). Os PROCESSOS VERBAIS são necessariamente acompanhados pelo

PARTICIPANTE DIZENTE (*sayer*), responsável pela fala. Em “— O quê? — perguntou Hans²¹”, por exemplo, temos o PROCESSO VERBAL “perguntar” seguido pelo DIZENTE (Hans). Além do DIZENTE, há mais três PARTICIPANTES do PROCESSO VERBAL, que são: RECEPTOR (*receptor*), VERBIAGEM (*verbiage*) e ALVO (*targeting*). Como dito anteriormente, o DIZENTE é o PARTICIPANTE essencial, pode ser humano ou não humano; o RECEPTOR é quem recebe o que é dito pelo DIZENTE, pode ou não ser um humano e é capaz de realizar o papel de SUJEITO da oração; a VERBIAGEM é o conteúdo do que é dito ou o nome do que é dito; por último, o ALVO que, como o nome sugere, é o alvo do que é dito, podendo ser uma pessoa, um objeto ou uma abstração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 306 e 307). Os PARTICIPANTES são prototipicamente realizados por grupo nominal.

No QUADRO 4 apresentamos os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS sublinhados e os quatro tipos de PARTICIPANTES do PROCESSO VERBAL destacados em negrito.

QUADRO 4: PARTICIPANTE do PROCESSO VERBAL

PARTICIPANTE	Exemplo	Definição
DIZENTE	“—Aqui tem cem francos “— <u>disse eu</u> ”	Eu → Responsável pela realização da fala.
RECEPTOR	Assim, <u>perguntei</u> a ele (...) “— Onde é a sua casa?”	Ele → Quem recebe o que foi dito pelo DIZENTE.
VERBIAGEM	(...) não podia simplesmente deixá-lo plantado sem <u>dizer uma palavra</u> .	Uma palavra → Conteúdo do que foi dito.
ALVO	“— (...) me recuso a <u>juzá-la</u> ”	Ela → Alvo do que é dito. Nesse caso, de um julgamento.

O conteúdo do que é dito nem sempre funciona como PARTICIPANTE em uma oração, pode ser também um COMPLEXO ORACIONAL. Nesse caso, o conteúdo da oração é citado ou relatado, o que é chamado de PROJEÇÃO. A projeção “não é parte constituinte da oração verbal, mas é uma oração separada em um nexos de oração projetada²²” (MARTIN, MATTHIESSEN, PAINTER, 2010). A oração projetada pode ser uma

²¹ Retirado de *Tonio Kröger*, 2015, p. 139.

²² Nossa tradução para: “It is not a constituent part of the verbal clause (cf. below), but is a separate clause in a projecting clause nexus” (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 2010, p. 106).

proposição (*proposition*), realizada por uma oração finita, ou uma proposta (*proposal*) realizada por uma oração não finita perfectiva ou por uma oração finita modulada. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 304). Para citar ou relatar algo dito por alguém é necessário haver a oração de projeção de citação ou de relato. No caso de oração de citação é utilizado o discurso direto e a relação entre as orações é de parataxe; para a oração de relato é utilizado o discurso indireto e a relação entre as orações é de hipotaxe. Nos abaixo podemos verificar exemplos de oração de citação e oração de relato.

QUADRO 5: Exemplo de oração de citação, discurso direto

— Está dizendo a verdade?!	— perguntou	o policial
Oração de citação	PROCESSO VERBAL	DIZENTE

QUADRO 6: Exemplo de oração de relato, discurso indireto

O senhor	declara	não ter nada em comum com um indivíduo chamado ...
DIZENTE	PROCESSO VERBAL	Oração de relato

Tal qual os PARTICIPANTES, os PROCESSOS VERBAIS se distinguem em diferentes tipos, havendo dois tipos: ATIVIDADE (*activity*) ou SEMIOSE (*semiosis*). Os tipos de PROCESSOS VERBAIS formam a categoria de Ordem de dizer (*order of saying*). Segundo Guimarães (2018, p. 97) “O tipo de ordem de dizer está relacionado ao que a ORAÇÃO VERBAL expressa: ATIVIDADE (ACTIVITY) – o ato de falar – ou SEMIOSE – quando há a indicação do nome do que se fala ou de PROJEÇÃO”. A categoria ATIVIDADE (ACTIVITY) é selecionada quando o PROCESSO VERBAL não projeta e é subdividida em duas subcategorias: i) ATIVIDADE de fala (ACTIVITY *talking*) e ii) ATIVIDADE de alvo (ACTIVITY *targeting*). A categoria SEMIOSE é selecionada quando o PROCESSO VERBAL projeta, e é subdividida em seis subcategorias: i) semiose projetante de citação indicativa (*semiosis projecting quoting indicating*); ii) semiose projetante de citação imperativa (*semiosis projecting quoting imperating*); iii) semiose projetante de relato indicativa (*semiosis projecting reporting indicating*); iv) semiose projetante de relato imperativa (*semiosis projecting reporting imperating*); e v) semiose não projetante verbiagem (*semiosis non projecting verbiage*). O QUADRO 7 apresenta as categorias e subcategorias da ordem de dizer com suas respectivas características e exemplos. Os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS estão destacados em negrito.

QUADRO 7: Categorias de ordem de dizer

Ordem de dizer	Exemplos	Definição
Atividade de Fala	Só faltava agora querer nos acompanhar e ficar o tempo todo falando das aulas de equitação...”. (TK_TT2)	Falando → não realiza PROJEÇÃO; indica atividade de conversa
Atividade de Alvo	Eu repito, minha senhora — insisti — ,que me recuso a judgá-la . (24H_TT2)	Julgar → não realiza PROJEÇÃO; indica atividade direcionada a um PARTICIPANTE ALVO
Semiose projetante de citação indicativa	— <u>Incomodo?</u> — perguntou Tonio Kröger na porta do ateliê. (TK_TT2)	“ <u>Incomodo?</u> ” → discurso citado; modo indicativo em relação paratática
Semiose projetante de citação imperativa	“ <u>Que Deus amaldiçoe a primavera!</u> ”, disse ele no seu estilo agressivo. (TK_TT2)	“ <u>Que Deus amaldiçoe a primavera!</u> ” → discurso citado no modo imperativo em relação paratática
Semiose projetante de relato indicativa	[...] mencionei por acaso que <u>minha temporada ali estava findando</u> [...] (24H_TT2)	<u>minha temporada ali estava findando</u> → discurso relatado no modo indicativo em relação hipotática
Semiose projetante de relato imperativa	– <u>Sente-se</u> disse êle. ²³	<u>Sente-se</u> → discurso citado no modo imperativo em relação PARATÁTICA
Semiose não projetante verbiagem	[...] embora Lisavieta Ivánovna fosse uma amiga a quem ele contava tudo . (TK_TT2)	contava → não realiza PROJEÇÃO; <u>tudo</u> → PARTICIPANTE VERBIAGEM

Adaptado de Guimarães (2018, p. 47)

Dado que o ato de falar pode envolver um PARTICIPANTE RECEPTOR ou não (Pagano, 2017, p. 83), anotamos a categoria recepção (*reception*) com duas subcategorias: i) recepção (*reception*) e ii) não recepção (*non reception*), demonstradas nos QUADRO 8 e QUADRO 9.

²³ Retirado de Guimarães (2017, p. 47).

QUADRO 8: Oração de citação com recepção

Eu mesma	me	Disse	com enlouquecedora frequência:	que importa ter uma vez agido com insensatez?
DIZENTE	RECEPTOR	PROCESSO VERBAL	CIRCUNSTÂNCIA	Citação

QUADRO 9: Oração de citação sem recepção

— Sim, mas você está trabalhando —	disse	ele.
Citação	PROCESSO VERBAL	DIZENTE

Conforme dito anteriormente, as ORAÇÕES VERBAIS de SEMIOSE podem realizar projeções. Nesse caso, a oração projetada seleciona as categorias semânticas realizadas por opções gramaticais de MODO do SISTEMA DISCURSIVO. Orações afirmativas e interrogativas realizadas no modo indicativo envolvem trocas de informações e são chamadas de proposição (*proposition*). Em contrapartida, orações que indicam ofertas e comandos realizados no modo imperativo são trocas de bens e serviços, e são chamadas de proposta (*proposal*) (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 2010, p. 57). No QUADRO 10 exemplificamos e definimos as categorias ordem de dizer e função semântica. Os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS estão destacados em negrito.

QUADRO 10: Função semântica: proposição e proposta

Ordem de dizer	Função semântica	Exemplos	Definição
Sem. proj.de citação indicativa ²⁴	Proposição	" <u>Vens afinal, Hans?</u> " disse Tonio Kröger (TK_TT1)	" <u>Vens afinal, Hans?</u> " → Oração interrogativa no modo indicativo envolvendo troca de informação;
Sem. proj.de relato indicativa		Eu digo -lhe, que <u>muitas vezes estou mortalmente aborrecido de apresentar o humano, sem compartilhar do humano...</u> (TK_TT1)	<u>muitas vezes estou mortalmente aborrecido (...)</u> → Oração afirmativa no modo indicativo envolvendo troca de informação;
Sem. proj.de citação imperativa	Proposta	" <u>Primeiro par, en avant!</u> " disse o senhor Knaak (TK_TT1)	" <u>Primeiro par, en avant!</u> " → Oração afirmativa no modo imperativo com troca de bens e serviços;
Sem. proj.de relato imperativa		— Você devia — observou Hans Hansen — pedir ao seu pai <u>para também ter aulas, Kröger.</u> (TK_TT2)	<u>para também ter aulas, Kröger</u> → Oração afirmativa no modo imperativo com troca de bens e serviços;

Os PROCESSOS VERBAIS são realizados por diferentes tipos de verbos lexicais. Segundo Pagano (2017) “a variedade e subespecificação de verbos de dizer evidenciam a diversidade dos recursos gramaticais disponíveis no sistema de linguagem para representar nossa experiência de eventos de fala (...)”²⁵. Pagano (2017) e Guimarães (2018) definem as cinco subcategorias de tipo de verbo da seguinte maneira: i) membro geral (*general member*), representam o ato de fala de maneira genérica; ii) verbo específico de fornecimento (*verb specific giving*) e iii) e verbo específico de demanda (*verb specific demanding*), verbos relacionados à função discursiva de troca de informações e/ou bens e serviços; iv) verbo com característica circunstancial (*verb circumstantial feature*), “verbo que expressa informação circunstancial adicional relacionada ao turno da fala” (GUIMARÃES, 2018, p. 48); e v) verbo de modo especificando conotação (*verb manner specifying connotation*), “verbo que expressa informação circunstancial relacionada à maneira como se fala” (GUIMARÃES, 2018).

Para finalizar a seção sobre os PROCESSOS VERBAIS, exemplificamos no QUADRO 11 a última categoria e suas respectivas subcategorias explicitadas acima dos PROCESSOS VERBAIS anotadas. Os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS estão destacados em negrito.

²⁴ “sem. proj.” é abreviação de “semiose projetante”

²⁵ Nossa tradução para: “The variety and sub specification of verbs of saying evidence the diversity of the grammatical resources available in the language system to represent our experience of speech events (...)” (PAGANO, 2017, p. 57).

QUADRO 11: Tipo de verbo

Tipo de verbo	Exemplo
Membro geral	–Você é uma boa moça–disse ele (24H_TT2)
Verbo específico de fornecimento	Mas vi com clareza que era assim, quando num passeio mencionei por acaso que minha temporada ali estava findando e que eu pensava viajar dois dias depois. (24H_TT2)
Verbo específico de demanda	O que deseja? Perguntou (24H_TT2)
Verbo com característica circunstancial	Venha!– repeti , puxando-o de novo pela manga molhada, quase zangada. (24H_TT2)
Verbo de modo especificando conotação	– Eu repito, minha senhora– insisti –, que me recuso a julgá-la ou condená-la. (24H_TT2)

2.3.2.1 Pesquisas realizadas sobre processos verbais em romances

O estudo de PROCESSOS VERBAIS em obras literárias já despertou interesse em outros pesquisadores, como por exemplo Guimarães (2018), Pagano (2017), Wirf Naro (2012), Winters (2007), Cruz (2003), Bourne (2002) entre outros (PAGANO, 2017).

Entre os citados acima, os trabalhos já realizados que envolvem literatura alemã são Winters (2007) e Wirf Naro (2012). A primeira pesquisadora verificou os PROCESSOS de relato em duas traduções de Scott Fitzgerald para o alemão, ambas publicadas em 1998. O objetivo da sua pesquisa era “identificar características de estilos dos tradutores²⁶”, pois “os verbos de relatos de atos de fala são considerados elementos potenciais de estilos individuais de tradutores²⁷”. De forma geral, a autora constatou que em uma delas houve mais repetição dos verbos lexicais, sendo mais próxima ao texto original em inglês; na outra tradução, foi escolhida maior variedade de verbos para evitar repetições, pois a tradutora acredita que repetições em alemão não são favoráveis. Já a segunda comparou um romance escrito originalmente em alemão e suas traduções para o

26 Nossa tradução para: “(...) to identify features of translators’ style (...)” (WINTERS, 2007, p. 142).

27 Nossa tradução para: “Speech-act report verbs are investigated as potential elements of the individual styles of the translators” (WINTERS, 2007).

francês e, de forma geral, a autora obteve resultados análogos aos de Winters (2007) (PAGANO, 2017, p. 90 - 91).

Nossas principais influências de pesquisa são Pagano (2017) e Guimarães (2018) devido à vertente teórica e metodológica utilizadas por ambas as pesquisadoras. Além disto, em sua pesquisa, Pagano (2017) explica o que foi a Era de Ouro da Tradução na América Latina e como esse período influenciou o mercado editorial na América Latina.

Em seu trabalho *A Contextual Approach to Translation Equivalence*, Pagano (2017) analisou diálogos ficcionais em um *corpus* de tradução como um estudo de caso de acordo com o conceito de equivalência tradutória investigando os dados quantitativos e também socioculturais dos textos investigados (Pagano, 2017, p. 73). Baseando sua pesquisa na Teoria Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014), na teoria de tradução de Catford (1965) e em estudos sobre narratologia (Toolan, 2001, 2009) e estilística literária (Leech e Short, 1981; Semino e Short (2004), os objetivos da autora eram: verificar e comparar os PROCESSOS VERBAIS utilizados para a representação da fala em textos originais, primeiras traduções e retraduições; analisar a relação de equivalência textual em termos de correspondência formal e mudança no *corpus*; identificar padrões no uso de verbos e averiguar as características contextuais e meta-contextuais da produção dos mesmos; examinar a influência do estilo literário na tradução de PROCESSOS VERBAIS; verificar empiricamente em seu estudo a hipótese de retradução de Berman (1990) e Paloposki e Koskinen (2010).

O *corpus* de pesquisa de Pagano (2017) foi composto por três romances escritos originalmente em inglês (TOs) e suas respectivas traduções (TT1s) e retraduições (TT2s) para o português brasileiro, sendo as primeiras feitas durante as décadas de 1930 – 1950 e as segundas durante os anos 2000. Entre esses romances havia duas categorias distintas: romances não policiais e romances policiais. O período que envolveu entre as décadas de 1930 e 1950 é conhecido como a Era de Ouro da Tradução na América Latina. Algumas cidades da América Latina (como São Paulo e Rio de Janeiro no Brasil) se tornaram centros de traduções e publicações que, para anteder às demandas de leituras e acesso à cultura de uma nova classe de consumidores intelectuais, traduziram obras literárias, estudos acadêmicos, manuais técnicos entre outros, para o espanhol e para o português brasileiro. Como consequência dessa demanda, foi no decurso da Era de Ouro da Tradução que houve um crescimento editorial e de publicação na América Latina, concomitante com o crescimento da industrialização e urbanização (PAGANO, 2017, p. 94). Um dos principais papéis da tradução na Era de Ouro da Tradução na América Latina

foi o de “(...) encontrar uma forma adequada de traduzir autores estrangeiros para as línguas vernáculas de países que já foram colônias de metrópoles europeias e estavam se esforçando para construir um mercado editorial próprio”²⁸.

Segundo Pagano (2017, p. 73), para a construção desse mercado editorial, tradutores e editores utilizaram entre as décadas de 1930 e 1950 estratégias para atrair o público leitor. Uma dessas estratégias estava relacionada à representação da fala em romances literários, na qual verbos de fala considerados como neutros (como “dizer” e “perguntar”) eram traduzidos por verbos que exprimiam atitudes, propósitos e maneiras de falar. No entanto, a estratégia utilizada por tradutores e editores entre as décadas de 1990 e 2000 era de aproximar os textos traduzidos dos textos originais, tornando essas retraduições mais próximas aos textos originais do que as primeiras traduções. Considerando esse contexto sociocultural no qual a tradução progrediu, e sob o qual Pagano (2017) alicerçou seu estudo, a Teoria Sistêmico-Funcional tornou-se essencial para desempenhar sua pesquisa, porque essa teoria “(...) ofereceu um modelo para contextualizar a tradução do ambiente mais global dentro do qual ela pode ser mapeada (contexto de cultura) para a mais local (gramática), postulando um meta-contexto para a própria tarefa de tradução.”²⁹

Analisando os agrupamentos hierárquicos resultados das anotações das categorias gramaticais, Pagano (2017) constatou que os TT2s eram mais próximos dos TOs. Resultado análogo deu-se após a análise das categorias de equivalência. Com isso, foi possível demonstrar a hipótese de retradução postulada por Berman (1990) e verificar que as traduções feitas na Era de Ouro da Tradução foram, de fato, “(...) um primeiro passo na introdução daqueles originais na cultura alvo”.³⁰ Do mesmo modo, a autora corroborou Paloposki and Koskinen (2010) quanto às retraduições resultarem de projetos de publicação e tradução dentro de condições histórias específicas. Em outras palavras, as primeiras traduções feitas apresentam padrões no uso de verbos de relato, além de terem sido feitas por editoras novas em um contexto histórico específico e por escritores (não por tradutores profissionais) com liberdade no processo tradutório. Já as retraduições

²⁸ Nossa tradução para: “(...) finding a suitable way to render foreign authors into the vernacular languages of countries which had once been colonies of European metropolises and were striving to build a publishing market of their own” (PAGANO, 2017, p. 95).

²⁹ Nossa tradução para: “(...) has offered a model in order to contextualize translation from the most global environment within which it can be mapped (context of culture) to the most local one (grammar), postulating a meta-context for the translation task itself” (PAGANO, 2017, p. 75).

³⁰ Nossa tradução para: “(...) a first step in the introduction of those originals into the target culture” (PAGANO, 2017, p. 123).

foram feitas quando o mercado editorial no Brasil já estava consolidado, e essas foram feitas por tradutores profissionais para um público bem diferente dos anos 1930 – 1950. Isto posto, com base em Matthiessen (2001), é possível explicar equivalência e mudanças do ambiente contexto mais local da oração ao mais global do contexto de cultura. (PAGANO, 2017, p. 123)

Ademais, com base nos estudos linguísticos e estilísticos, Pagano (2017, p. 124) observou que o verbo “say” é o mais frequente e genérico para representação da fala em diálogos ficcionais em inglês, e o mesmo foi confirmado em relação ao português brasileiro, quanto ao verbo “dizer”. Além disso, o verbo *say* é mais utilizado em “romances policiais” em relação a outros tipos de romances. Ainda sobre diferenças apontadas pelo gênero literário, Pagano (2017) notou que a frequência de PROCESSOS VERBAIS no nível narrativo 2 é mais baixo nos “romances policiais” do que nos demais romances.

Já os resultados verificados como mudanças apontaram que, nos textos traduzidos, é frequente a omissão do verbo lexical “dizer”, ou o verbo lexical é traduzido por PROCESSOS VERBAIS que contém especificação da função da fala ou adicionam uma característica, evento de circunstância ou evento que especifica a maneira da fala. Ainda, nas primeiras traduções foi possível verificar maior variedade lexical; em contrapartida, as retraduições apresentam padrões mais próximos aos originais.

Expandindo a pesquisa feita por Pagano (2017), Guimarães (2018) também colaborou de maneira profícua nos estudos sobre PROCESSOS VERBAIS. Assim como no presente estudo, o ponto de partida da autora foi Pagano (2017), trilhando os mesmos caminhos teóricos e metodológicos.

O objetivo principal da pesquisadora era analisar, a partir da investigação de romances originais, primeiras traduções e retraduições a utilização dos PROCESSOS VERBAIS para representação da fala para “(...) identificar os padrões de cada língua, de cada tipo de romance que compõe o *corpus* e como esses padrões refletem diferenças contextuais e metacontextuais.” (GUIMARÃES, 2018, p. 171). O *corpus* utilizado pela autora era composto por seis romances escritos originalmente em inglês e suas respectivas traduções e retraduições para o português brasileiro, sendo que dessas seis obras literárias, três eram do tipo “romance não policial” e três do tipo “romance policial”.

Guimarães (2018) constatou que os sistemas do inglês e do português brasileiro seguem padrões análogos de PROCESSOS VERBAIS na construção de significados para representação da fala. Apesar disso, não foi possível confirmar a hipótese de retraduição

de Berman (1990), porque os padrões de PROCESSOS VERBAIS encontrados nas primeiras traduções e retraduições não foram suficientes para verificar maior proximidade entre TT2s e TOs. No que diz respeito à diferença entre “romances policiais” e romances de outros tipos que compunham seu *corpus*, a autora afirmou que não é possível, por meio de um espécime de PROCESSOS VERBAIS, caracterizar os “romances policiais”, o que era esperado comprovar empiricamente. Além disto, as subcategorias recepção, função semântica e nível narrativo 1 foram frequentemente congruentes. Por fim, em concordância com Pagano (2017), Guimarães (2018) verificou mais ocorrências de PROCESSOS VERBAIS nos níveis narrativos 2 e 3 em romances não policiais do que em romances policiais. (GUIMARÃES, 2018, p. 169 - 172)

2.3.3 SISTEMA de MODO e a estrutura INTERPESSOAL do alemão (STEINER; TEICH, 2004)

No domínio interpessoal de MODO no alemão, o elemento funcional de sujeito não tem uma carga funcional significativa, em especial para expressar responsabilidade modal junto com o Finito; além disso, é frequente a presença de sujeito com pouca função gramatical em orações. Também não há na língua alemã uma tendência acentuada para unir significados de modalidade, fase e alguns tempos gramaticais com o Finito e, portanto, esses significados não estão frequentemente envolvidos em expressar responsabilidade modal. Essa pode ser uma tendência geral do alemão de manter uma relação mais direta entre semântica e lexicogramática na oração (STEINER e TEICH, 2004, p. 142)

Steiner e Teich (2004) afirmam que as opções do sistema de MODO no alemão também se resumem a: declarativa, interrogativa e imperativa. As principais características que diferenciam o alemão de algumas línguas no sistema de MODO são: realização de opções básicas, da opção de *tagging*, na delicadeza em orações imperativas e na organização da estrutura de MODO.

Relativo à realização, em orações declarativas, é possível a ausência do sujeito nas orações, embora essa não seja a ocorrência mais frequente. Em orações com relação paratáticas interrogativas nomeadas como “w – interrogatives” em inglês, o Finito ocupa a segunda posição na oração no alemão, porém, em orações interrogativas com polaridade e em imperativas, ocupa a primeira posição. Quando as orações têm relações hipotáticas, o Finito ocupa a última posição na oração.

A realização de *tagging* ocorre nas opções declarativas, interrogativas e imperativas no sistema de MODO do alemão. Essas ocorrências, no entanto, são mais comuns na língua falada, e podem expressar diferentes níveis de formalidade.

QUADRO 12: Exemplos de oração declarativa + tagging

Alles	hat	eben	Konsequenzen,	ne?
Sujeito	Finito/Predicado	Adjetivo	Complemento	Adjunto
<i>Glossa: Tudo tem consequências, não é?</i>				

Retirado de Steiner e Teich (2004, p. 146)

QUADRO 13: Exemplos de oração imperativa + tagging

Mach	doch	das Radio	leiser,	ja?
Predicador	Adjunto	complemento	Complemento	Adjunto
<i>Glossa: abaixe o rádio, certo?</i>				

Retirado de Steiner e Teich (2004, p. 146)

Segundo Steiner e Teich (2004), uma vez que as *tagging* são realizadas lexicalmente (nos QUADRO 12 e Quadro 13 *ne* e *ja*), não há indicação na *tag* do que está sendo repetido, o elemento MODO ou a oração completa. Dado isso, a *tagging* não pode ser considerada como um indicador do elemento de MODO.

As orações imperativas em alemão podem expressar impessoalidade ou pessoalidade. As orações imperativas que expressam pessoalidade têm o sujeito “Sie” realizado. Além de o sujeito “Sie” (com o “s” maiúsculo) expressar pessoalidade, também expressa polidez. Quando a oração imperativa não selecionar a opção polidez, não haverá realização do sujeito, ou será necessário evidenciá-lo.

QUADRO 14: Exemplo de oração imperativa impessoal

Einfahrt	freihalten!
Complemento	Predicador
<i>Glossa: Mantenha a entrada livre!</i>	

Retirado de Steiner e Teich (2004, p. 147)

QUADRO 15: Exemplo de oração imperativa pessoal

Halten	Sie	die Einfahrt	frei!
Finito/Predicador	Sujeito	Complemento	Complemento
<i>Glossa: Mantenha a entrada livre!</i>			

Retirado de Steiner e Teich (2004, p. 147)

As orações imperativas também podem expressar comandos e propostas quando o sujeito está incluído na oração. Nesse caso, a realização pode ser: Sujeito ^ Finito, ou Finito ^ Sujeito.

QUADRO 16: Exemplo de oração imperativa pessoal Sujeito ^ Finito

Wir	gehen!
Sujeito	Finito/Predicador
<i>Glossa: Nós vamos!</i>	

Retirado de Steiner e Teich (2004, p. 147)

QUADRO 17: Exemplo de oração imperativa pessoal Finito ^ Sujeito

Gehen	Wir!
Finito/Predicador	Sujeito
<i>Glossa: Vamos nós!</i>	

Retirado de Steiner e Teich (2004, p. 147)

Podemos notar que a estrutura das orações imperativas pessoais é a mesma que das orações declarativas e interrogativas, como nos QUADRO 16 e QUADRO 17, sendo que o Finito é realizado no modo verbal indicativo, e o comando é percebido pela entonação do falante. Nesses dois exemplos temos orações imperativas com falante incluso. Já na oração do QUADRO 14, a oração é realizada no modo verbal imperativo, e essa oração tem falante excluído. (STEINER e TEICH, 2004).

Em seguida, apresentaremos o SISTEMA de TRANSITIVIDADE com foco apenas nas ORAÇÕES VERBAIS, tema de estudo dessa pesquisa.

2.3.3.1 A METAFUNÇÃO IDEACIONAL e os PROCESSOS VERBAIS em alemão

Em alemão podemos distinguir orações verbais de acordo com a maneira que o PARTICIPANTE VERBIAGEM é realizado: grupo nominal; oração *-dass*, ou ORAÇÃO MENOR.

QUADRO 18: Exemplo de grupo nominal realizando PARTICIPANTE VERBIAGEM

Tonio Kröger	nannte	mit fester Stimme	sein Gewerbe.
FALANTE	PROCESSO VERBAL	CIRCUNSTÂNCIA	VERBIAGEM
<i>Glossa: Tonio Kröger mencionou com voz firme seu ofício.</i>			

QUADRO 19: Exemplo de oração –*dass* realizando PARTICIPANTE VERBIAGEM

Ich	sagte	ja schon,	dass ich Ihnen nur einen einzigen Tag aus meinem Leben erzählen möchte
FALANTE	PROCESSO VERBAL	adjunto	VERBIAGEM
<i>Glossa: Eu já disse que eu gostaria de contá-lo apenas um único dia de minha vida.</i>			

QUADRO 20: Exemplo de ORAÇÃO MENOR realizando PARTICIPANTE VERBIAGEM

Sie	empfohl	ihm	einen anderen Kurs zu besuchen.
FALANTE	PROCESSO VERBAL	RECEPTOR	VERBIAGEM
<i>Glossa: Ela recomendou ele participar de outro curso.</i>			

Fonte: Adaptado de Steiner e Teich (2004, p. 160)

Incluimos no QUADRO 20 o PARTICIPANTE RECEPTOR para mostrar que, caso o RECEPTOR seja realizado por um verbo lexical co complemento acusativo e dativo, o receptor estará declinado no dativo (STEINER e TEICH, 2004). Assim como a realização do RECEPTOR não é obrigatória, a da VERBIAGEM também é opcional.

Ao comparar o alemão com o inglês, Steiner e Teich (2004, p. 160) também observaram que o SUJEITO em alemão tem uma limitação semântica. Com isso os autores querem dizer que, em inglês, o FALANTE de um PROCESSO VERBAL ocupa tranquilamente a função de SUJEITO, mesmo se o FALANTE for um ser inconsciente. Entretanto, em alemão, se o FALANTE for um ser inconsciente, ele frequentemente se tornará CIRCUNSTÂNCIA quando traduzido. Além disso, é recorrente nesse caso a relocação da voz ativa para a passiva, isso indica que “ (...) PROCESSOS VERBAIS em particular são interpretados literalmente em alemão, enquanto em inglês, eles são interpretados de forma mais geral como processos simbólicos³¹”.

³¹ Nossa tradução para: “(...) verbal processes in particular are rather literally interpreted in German, whereas in English they are interpreted more generally as symbolic processes” (STEINER e TEICH, 2004, p. 160).

QUADRO 21: Exemplo de PARTICIPANTE FALANTE (ser inconsciente) como sujeito em inglês

The sign	says	stop
FALANTE	PROCESSO VERBAL	VERBIAGEM
<i>Glossa: A placa diz: pare.</i>		

Fonte: Retirado de Steiner e Teich (2004, p. 161)

QUADRO 22: Exemplo de Ø PARTICIPANTE FALANTE (ser inconsciente) como sujeito em alemão

Auf dem Schild	steht	Stop
CIRCUNSTÂNCIA	PROCESSO VERBAL	VERBIAGEM
<i>Glossa: Na placa diz pare.</i>		

Fonte: Retirado de Steiner e Teich (2004, p. 161)

Por último, temos em alemão o sujeito “es” seguido de um PROCESSO VERBAL, que gramaticalmente não realiza uma função de PARTICIPANTE.

QUADRO 23: Exemplo de PROCESSO VERBAL + “es” Ø função de PARTICIPANTE

Es	heisst,	dass er nach Australien ausgewandert ist.
	PROCESSO VERBAL	VERBIAGEM
<i>Glossa: Isso significa que ele emigrou para a Austrália.</i>		

Fonte: Retirado de Steiner e Teich (2004, p. 161)

2.4 Categoria narratológica: níveis narrativos

Os níveis narrativos analisados são baseados em Rimmon-Kenan (2005). Para a análise dos níveis narrativos, devemos considerar a diferença de narração da história ou dentro da história. Quando a narração ocorre dentro da história, temos:

Um personagem cujas ações são o objeto da narração pode, por sua vez, envolver-se em narrar uma história. Dentro de sua história, pode haver, é claro, outro personagem que narra outra história, e assim por diante, em regressão infinita. Tais narrativas dentro de narrativas criam uma estratificação de níveis em que cada narrativa interna é subordinada à narrativa dentro da qual ela está inserida.³²

³² Nossa tradução para: “A character whose actions are the object of narration can himself in turn engage in narrating a story. Within his story there may, of course, be yet another character who narrates another story, and so on in infinite regress. Such narratives within narratives create a stratification of levels whereby

Com essa estratificação de níveis narrativos se sucede uma subordinação narrativa, onde um nível narrativo está ligado ao anterior. O nível narrativo mais elevado é o extradiegético, superior à narrativa. Em outras palavras, o nível extradiegético está “fora da história” (GUIMARÃES, 2018, p. 53). O próximo nível narrativo subordinado ao extradiegético é o diegético, o qual está relacionado aos eventos que ocorrem na história, podendo ocorrer dentro da história tanto na forma de atos de fala quanto na forma escrita. O segundo nível narrativo é o hipodiegético, relativo às histórias contadas pelos personagens ficcionais. Dito de outra forma, o nível hipodiegético é a fala dentro da fala de um personagem; ou, quando um personagem reproduz a fala de outro personagem. Para representar a relação de subordinação entre os níveis narrativos, (Rimmon-Kenan (2005, p. 95) utiliza a analogia de um espelho reduplicando a mesma imagem, sendo que o espelho é o nível diegético, reduplicando o nível hipodiegético. O autor utiliza o termo em francês *mise en abyme* para nomear essa representação, e também o exemplifica com uma pintura famosa de Matisse, na qual há a pintura de uma sala e essa pintura é reduplicada em um quadro com miniaturas da mesma pintura, uma dentro da outra. Também podemos exemplificar como Guimarães (2018, p. 53), que comparou essa subordinação de níveis narrativos a uma matriosca, uma boneca russa dentro de outra, e assim por diante.

Para a anotação de nosso *corpus*, renomeamos os níveis narrativos, respectivamente: nível extradiegético – nível 0, nível diegético – nível 1, nível hipodiegético – nível 2. É possível haver reprodução de inúmeras falas dentro de outras falas, ou seja, de vários níveis hipodiegéticos, nomeados como nível 3, nível 4, nível 5, e assim por diante.

Ilustramos em seguida os níveis narrativos utilizando a nomenclatura da anotação.

each inner narrative is subordinate to the narrative within which it is embedded” (RIMMON-KENAN, 2005, p. 94).

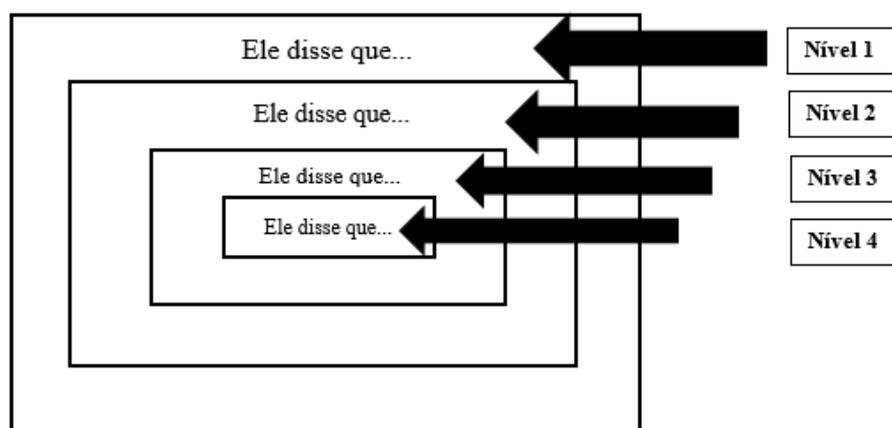


FIGURA 4: Representação dos níveis narrativos

Fonte: Elaborado pela autora.

A relevância das trocas dialógicas e/ou a recriação de conversas em textos ficcionais para o nosso estudo se dá porque:

A natureza particular do diálogo na narrativa ficcional, especialmente em romances e contos, é atribuída por Halliday e Matthiessen (2014) ao fato de que a narrativa ficcional é um processo sócio semiótico de segunda ordem, através do qual a experiência de primeira ordem, como é o caso da conversação natural é recriado para fins específicos. (PAGANO, 2017, p. 88)

Dado isso, verificaremos no capítulo resultados a possibilidade de identificar e/ou caracterizar gramaticalmente, a realização desses diferentes níveis narrativos.

3 METODOLOGIA

3.1 *Corpus* de pesquisa

Segundo Sardinha (2004) para a criação de um *corpus*, os textos compilados devem ser naturais, ou seja, não devem ter como objetivo a integração de um *corpus*. Além disso, eles devem ser produzidos em contexto natural de uso da língua; selecionados de acordo com critérios linguísticos e estar no formato eletrônico. Uma das finalidades para a criação de um *corpus* é sua utilização para pesquisas linguísticas, ademais, a função do *corpus* é representar uma linguagem e suas variedades.

Para alcançar a representação da fala nos idiomas alemão e português brasileiro, o *corpus* analisado nesta pesquisa é paralelo bilíngue, e é constituído por duas obras nomeadas como romance pela instituição literária. Ambas foram escritas originalmente em alemão (AL) e suas traduções e retraduições foram feitas para o português brasileiro (PB). A compilação deste *corpus* foi feita no LETRA – Laboratório Experimental de Tradução da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ao realizarem pesquisas sobre PROCESSOS verbais no inglês e no português brasileiro, Pagano (2017) e Guimarães (2018) estabeleceram alguns critérios para a compilação do *corpus* de pesquisa, os mesmos que seguimos para AL e traduções. Os critérios foram:

1. os textos devem ter sido escritos por diferentes autores;
2. as traduções devem ter sido feitas para o português brasileiro entre as décadas de 1930 e 1950;
3. as retraduições devem ter sido feitas para o português brasileiro entre as décadas de 1990 e 2010;
4. as traduções e retraduições devem ter sido feitas por diferentes tradutores; e por último;
5. as obras devem conter diálogos.

Precisamos fazer uma observação quanto à seleção do *corpus* em contraste com Pagano (2017) e Guimarães (2018): ambas as pesquisadoras selecionaram romances de dois tipos, a saber, não policiais e policiais. Em nossa pesquisa, porém, não selecionamos romances policiais. Por esse motivo, os contrastes serão feitos entre nossos resultados e os resultados de Pagano (2017) e Guimarães (2018) quanto aos romances não policiais.

O QUADRO 24 exibe os romances selecionados para constituir o *corpus* de pesquisa deste trabalho.

QUADRO 24: *Corpus* de pesquisa

Título	Referência	Sigla
Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau.	ZWEIG, Stefan. (1927) Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau. Wien, Leipzig, Zürich: Herbert Reichner, 1936.	24H_TO
24 horas na vida de uma mulher	ZWEIG, Stefan. (1927) 24 horas na vida de uma mulher. Trad. Medeiros e Albuquerque. Rio de Janeiro; Guanabara: 1935.	24H_TT1
24 horas na vida de uma mulher	ZWEIG, Stefan. (1927) 24 horas na vida de uma mulher. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro, São Paulo: Record: 1999.	24H_TT2
Tonio Kröger	MANN, Thomas. (1903) Tonio Kröger. Berlin: Fischer, 1964.	TK_TO
Tonio Kröger	MANN, Thomas. (1903) Tonio Kröger. Trad. Charlotte von Orloff. Rio de Janeiro; Record: 1934.	TK_TT1
Tonio Kröger	MANN, Thomas. (1903) Tonio Kröger. Trad. Mário Luiz Frungillo. São Paulo; Companhia das Letras: 2015.	TK_TT2

Fonte: Elaborado pela autora

Ao selecionar os romances para análise, tivemos dificuldade para encontrar romances traduzidos diretamente do alemão para o português brasileiro entre o período de 1930 – 1950. Constatamos que as traduções de romances alemães eram traduzidas primeiramente para o inglês, espanhol ou francês, e retraduzidos desses idiomas para o português brasileiro. Ou quando eram traduzidos diretamente para o português, era para o português de Portugal, e isso de certa forma limitou nossa seleção do *corpus* a dois romances. Considerando que Pagano (2017) e Guimarães (2018) não relataram tal tipo de dificuldade para selecionar romances traduzidos diretamente do inglês para o português brasileiro entre 1930 – 1950, podemos deduzir que as obras em alemão se estabeleceram no mercado editorial e no contexto sociocultural brasileiro posteriormente às obras em inglês.

Acrescentamos a coluna sigla para identificarmos as obras de maneira mais prática, sendo que: a sigla TO se refere ao texto original; TT1 refere-se à primeira tradução e TT2 refere-se à retradução.

Após selecionar os romances respeitando os critérios expostos acima, seguimos os seguintes passos:

1. selecionar dez trechos nos textos originais que contém diálogos, sendo que o único preceito para a seleção era conter aproximadamente 300 palavras³³;
2. selecionar os dez trechos da primeira tradução correspondentes aos trechos dos textos originais;
3. selecionar os dez trechos da segunda tradução correspondentes aos trechos dos textos originais;
4. digitalizar os trechos que não estavam em formato eletrônico utilizando *scanner*;
5. salvar os trechos em formato .txt;

As amostras selecionadas entre TOs e TTs dos dois romances totalizaram 60 trechos. Para a análise dos PROCESSOS VERBAIS executamos as seguintes etapas:

1. segmentar os trechos selecionados em ORAÇÕES MAIORES;
2. selecionar as ORAÇÕES VERBAIS. Para a identificação das ORAÇÕES VERBAIS, nos orientamos pelas questões propostas por Guimarães (2018, p. 67) que são:
 - a. Há relações simbólicas expressas verbalmente por meio de enunciado? Se sim, quais?
 - b. Existe um verbo de fala ou que represente a fala metaforicamente? Se sim, qual?
 - c. Há um ser DIZENTE que é um ser consciente ou dotado de consciência? Se sim, qual?
 - d. Além do DIZENTE, outro (RECEPTOR, VERBIAGEM) é selecionado? Se sim, quais?
 - e. A oração projeta fenômenos de segunda ordem: locução ou citação, direta ou indireta? Se sim, quais? (GUIMARÃES, 2018, p. 67)
3. Transpor as ORAÇÕES VERBAIS para o editor de planilhas (Microsoft Excel®), sendo que os dois romances foram transpostos em planilhas diferentes (uma nomeada como “24H_processos_verbais” para o romance “24 horas na vida de uma mulher”, e a outra planilha foi nomeada como “TK_processos_verbais” para o romance Tonio Kröger”), e cada planilha foi subdividida em quatro abas distintas: TO; TT1; TT2 e categorias;
4. Alinhar os trechos selecionados dos TOs e TTs;
5. Numerar as orações.

³³ A justificativa para essa seleção é por haver maior probabilidade de ocorrências de PROCESSOS VERBAIS nesses trechos.

A FIGURA 5 ilustra o alinhamento das orações no editor de planilhas.

A	B
1 id	verbal_clause
2 1	»Kommst du endlich, Hans?« sagte Tonio Kröger, der lange auf dem Fahrdamm gewartet hatte
3 2	lächelnd trat er dem Freunde entgegen, der im Gespräch mit anderen Kameraden aus der Pforte kam und schon im Begriffe war, mit ihnen davonzugehen...
4 3	»Wieso?« fragte er und sah Tonio an...
5 4	»Ja, adieu, ihr!« sagte Hans Hansen zu den Kameraden.
6 5	»Ich hatte es nämlich nicht vergessen, Tonio«, sagte Hans und blickte vor sich nieder auf das Trottoir,
7 6	»Ja, wir gehen nun also über die Wälle!« sagte er mit bewegter Stimme.
8 7	Im Grunde glaubte er nicht sehr fest an das, was Hans gesagt hatte, und fühlte genau, daß jener nur halb soviel Gewicht auf diesen Spaziergang zu zweien legte wie er.
9 8	»Ich habe jetzt etwas Wundervolles gelesen, etwas Prachtvolles!«, sagte er.
10 9	»Ach nein«, sagte Hans Hansen, famose Abbildungen sind darin, sage ich dir. Wenn du mal bei mir bist, zeige ich sie dir.
11 10	»In allen Stellungen?« fragte Tonio höflich.
12 11	»Knallt es?« fragte Hans Hansen... »Wieso?«
13 12	Hans Hansen sah von der Seite in Tonios Gesicht, und irgend

A	B
1 id	verbal_clause
2 1	"Vens afinal, Hans?" disse Tonio Kröger, que muito tempo o esperava na rua
3 2	sorrindo foi ao encontro do amigo, o qual, em conversa com os camaradas,
4 3	Como? perguntou e olhou para Tonio
5 4	"Sim, até logo, vocês!" disse Hans Hansen aos camaradas
6 5	"Eu não o tinha esquecido, Tonio" disse-lhe Hans olhando para a calçada,
7 6	"Sim, vamos então aos diques!" disse elle com voz comovida. No fundo não acreditava muito bem no que Hans havia dito, e sentia mesmo que aquelle não fazia a metade da questão, deste, para o passeio a dois.
8 7	"Eu acabo de ler uma cousa maravilhosa, esplendida ..." disse elle.
9 8	"Oh não", disse Hans Hansen,
10 9	Ha estampas magnificas, são instantâneos photographicos, vê-se os cavallos a trote e a galope e no pulo, em todas as posições, que em realidade nem se chega a observar, são tão rapidas...
11 10	Em todas as posições? Perguntou Tonio corteznente
12 11	"Estalo? perguntou Hans Hansen.- Como?"
13 12	Hans Hansen olhou de revéz para o rosto de Tonio e alguma cause nelle tornou-lhe atrahente o objecto, pois repentinamente meteu

A	B
1 id	verbal_clause
2 1	— Você vem ou não vem, Hans? — disse Tonio Kröger depois de esperar um longo tempo no meio da rua
3 2	sorrindo, foi ao encontro do amigo que saía pelo portão conversando com outros colegas, prestes a ir embora com eles.
4 3	— O quê? — perguntou Hans, e olhou para Tonio...
5 4	— Bem, até logo! — disse Hans Hansen para os outros colegas. — Eu não me esqueci, não, Tonio — disse Hans, baixando os olhos para a calçada à sua frente —
6 5	— Está bem, então vamos pelo caminho dos muros! — disse, com No fundo não acreditava muito nas palavras de Hans e percebia claramente que o outro dava apenas a metade da importância que ele próprio àquele passeio a dois.
7 6	— Acabei de ler algo maravilhoso, algo estupendo... — disse.
8 7	— Ah, não — disse Hans Hansen
9 8	Eles têm ilustrações formidáveis, pode acreditar. Quando você for à minha casa, vou lhe mostrar.
10 9	— Em todas as posições? — perguntou Tonio delicadamente.
11 10	— Quase fazem estalar? — perguntou Hans Hansen...
12 11	Hans Hansen olhava de soslaio para o rosto de Tonio, e algo naquelle rosto devia tê-lo conquistado para o assunto, pois de repente ele tornou a enfiar seu braço no de Tonio e perguntou:
13 12	— Lá vem o Erwin Jimma! — disse Hans.
14 13	
15 14	

FIGURA 5: Alinhamento das ORAÇÕES VERBAIS entre TO e TTs

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da segmentação e seleção das ORAÇÕES VERBAIS das duas obras obtivemos no total 141 orações, as quais compõem o nosso *corpus* de análise. Descrevemos na próxima seção a metodologia utilizada para anotação do *corpus* de análise.

3.2 Corpus de análise: anotação

3.2.1 Anotação das categorias gramaticais

Após transpor as 141 ORAÇÕES VERBAIS em planilhas no editor de planilhas, anotamos as categorias gramaticais, narrativas e tradutórias. A primeira coluna que anotamos foi a verbo lexical (*lexical verb*), na qual os PROCESSOS VERBAIS que identificamos em cada oração foram anotados de forma manual. As demais subcategorias anotamos de maneira semiautomática, ou seja, utilizamos a ferramenta de validação de dados nas células de todas as colunas para que, ao selecionar as opções de anotação de cada categoria de opção, visualizássemos apenas as opções relacionadas a tal categoria.

Em seguida, anotamos primeiramente as subcategorias gramaticais com base na TSF, que foram: ordem de dizer (*order of saying*), recepção (*reception*), função semântica (*semantic function*) e tipo de verbo (*type of verb*).

A FIGURA 6: Categorias gramaticais e suas respectivas especificações apresenta as categorias gramaticais mencionadas acima com suas respectivas especificações. Em seguida, o QUADRO 25 especifica os parâmetros para a seleção de cada subcategoria das categorias gramaticais.

Categoria	Especificação	Subcategorias
Order of saying (Ordem de Dizer)	Identifica a ocorrência de PROJEÇÃO ("semiosis") e quando há, o tipo de PROJEÇÃO: citação ("quoting") ou relato ("reporting") e o modo: indicativo ou imperativo	activity talking (atividade de conversa)
		activity targeting (atividade de alvo)
		semiosis projecting quoting indicating (semiose projetante de citação indicativa)
		semiosis projecting quoting imperating (semiose projetante de citação imperativa)
		semiosis projecting reporting indicating (semiose projetante de relato indicativa)
		semiosis projecting reporting imperating (semiose projetante de relato imperativa)
		semiosis non projecting verbiage (semiose não projetante verbiagem)
		semiosis non projecting no verbiage (semiose não projetante sem verbiagem)
		order of saying zero (ordem de dizer zero)
Reception (Recepção)	Identifica a seleção ou não do PARTICIPANTE RECEPTOR	reception (recepção)
		non-reception (não recepção)
		reception zero (recepção zero)
Semantic Function (Função Semântica)	Selecionada quando há PROJEÇÃO; identifica a FUNÇÃO DISCURSIVA da ORAÇÃO PROJETADA.	proposition (proposição)
		proposal (proposta)
		semantic function zero (função semântica zero)
Type of verb (Tipo de Verbo)	Selecionada quando há PROJEÇÃO; identifica o Tipo de Verbo lexical utilizado para realizar o PROCESSO VERBAL.	general member (membro geral)
		verb specific giving (verbo específico de fornecimento)
		verb specific demanding (verbo específico de demanda)
		verb circumstantial feature (verbo com característica circunstancial)
		verb manner specifying connotation (verbo de modo especificando conotação)
		type of verb zero (tipo de verbo zero)

FIGURA 6: Categorias gramaticais e suas respectivas especificações

QUADRO 25: Parâmetros para seleção de subcategorias gramaticais

Categoria	Subcategorias	Parâmetros para seleção de subcategorias
ordem de dizer ³⁴	atividade de conversa	∅ PROJEÇÃO; PROCESSO VERBAL se aproxima ao PROCESSO MATERIAL indicando ação de fala
	atividade de alvo	∅ PROJEÇÃO; PROCESSO VERBAL seleciona PARTICIPANTE ALVO
	sem. proj. de citação modo indicativo ³⁵	há PROJEÇÃO; relação paratática entre ORAÇÕES PROJETANTE e PROJETADA, ORAÇÃO PROJETADA no MODO indicativo
	sem. proj. de citação modo imperativo	há PROJEÇÃO; relação paratática entre ORAÇÕES PROJETANTE e PROJETADA, ORAÇÃO PROJETADA no MODO imperativo
	semiose projetante de relato modo indicativo	há PROJEÇÃO; relação HIPOTÁTICA entre ORAÇÕES PROJETANTE e PROJETADA, ORAÇÃO PROJETADA no MODO indicativo
	semiose projetante de relato modo imperativo	há PROJEÇÃO; relação HIPOTÁTICA entre ORAÇÕES PROJETANTE e PROJETADA, ORAÇÃO PROJETADA no MODO imperativo
	semiose sem projeção de verbiagem	∅ PROJEÇÃO; PROCESSO VERBAL seleciona PARTICIPANTE VERBIAGEM
	zero	∅ ORAÇÃO VERBAL realizada; ∅ equivalência textual
recepção ³⁶	recepção	PROCESSO VERBAL seleciona PARTICIPANTE RECEPÇÃO
	não recepção	PROCESSO VERBAL não seleciona PARTICIPANTE RECEPÇÃO
	zero	∅ ORAÇÃO VERBAL realizada; ∅ equivalência textual
função semântica ³⁷	proposição	ORAÇÃO MAIOR PROJETADA realiza troca de informações, tipicamente no MODO indicativo
	proposta	ORAÇÃO MAIOR PROJETADA realiza troca de bens e serviços, tipicamente no MODO imperativo

34 Verificar exemplos no QUADRO 7: Categorias de ordem de dizer.

³⁵ “sem. proj” é abreviação de “semiose projetante”

36 Verificar QUADRO 8: Oração de citação com recepção

37 Verificar QUADRO 10: Função semântica: proposição e proposta.

	zero	Ø ORAÇÃO VERBAL realizada; Ø equivalência textual
tipo de verbo ³⁸	membro geral	PROCESSO VERBAL realizado pelo verbo lexical do tipo mais genérico para representar a fala
	verbo específico de fornecimento	PROCESSO VERBAL realizado pelo verbo lexical com FUNÇÃO DISCURSIVA relacionada à troca e à oferta
	verbo específico de demanda	PROCESSO VERBAL realizado pelo verbo lexical com FUNÇÃO DISCURSIVA relacionada troca e à demanda
	verbo com característica circunstancial	PROCESSO VERBAL realizado pelo verbo lexical que expressa informação circunstancial adicional relacionada à cronologia da fala
	verbo de modo especificando conotação	PROCESSO VERBAL realizado pelo verbo lexical que expressa informação circunstancial adicional relacionada ao modo como se dá a fala
	zero	Ø ORAÇÃO VERBAL realizada; Ø equivalência textual

Fonte: Baseado em Guimarães, 2018.

38 Verificar Quadro 11: Tipos de verbos.

A próxima categoria que anotamos foi a narratológica, descrita na próxima subseção.

3.2.2 Anotação da categoria narratológica

A categoria narratológica que anotamos teve como base teórica Rimmon-Kenan (2005). Elaboramos o Quadro 26 abaixo para apresentar essa categoria e suas respectivas subcategorias, e também para descrever a especificação de cada uma delas.

QUADRO 26: Identificação de subcategorias narratológicas

Nível narrativo	Identificação de subcategorias	Exemplo
nível 1	narrador relata a fala do personagem jovem: “ele disse”	— Você devia — ele disse — fazer uma viagemzinha de vapor até Copenhague; foi o que eu pensei cá comigo, e agora estou aqui e é tudo muito bonito. Mas aquela história da omelete de lagosta, meu senhor, não foi nada boa; o senhor vai ver, teremos tempestade esta noite, foi o que o capitão disse, e com uma comida tão indigesta no estômago não será nenhuma brincadeira...
nível 2	personagem jovem relata a proposição: “o capitão disse”	— Você devia — ele disse — fazer uma viagemzinha de vapor até Copenhague; foi o que eu pensei cá comigo, e agora estou aqui e é tudo muito bonito. Mas aquela história da omelete de lagosta, meu senhor, não foi nada boa; o senhor vai ver, teremos tempestade esta noite, foi o que o capitão disse , e com uma comida tão indigesta no estômago não será nenhuma brincadeira...
nível 3	personagem jovem relata a fala do capitão: “teremos tempestade esta noite”	— Você devia — ele disse — fazer uma viagemzinha de vapor até Copenhague; foi o que eu pensei cá comigo, e agora estou aqui e é tudo muito bonito. Mas aquela história da omelete de lagosta, meu senhor, não foi nada boa; o senhor vai ver, teremos tempestade esta noite , foi o que o capitão disse, e com uma comida tão indigesta no estômago não será nenhuma brincadeira...
zero	Ø ORAÇÃO realizada; Ø equivalência textual	

Por último, a última categoria que anotamos foi a tradutória, cuja metodologia para anotação descrevemos na próxima subseção.

3.2.3 Anotação da categoria tradutória

A categoria tradutória equivalência que anotamos teve como base teórica Catford (1965) sendo que as mudanças relevantes para nossa pesquisa foram as mudanças de SISTEMA. O

QUADRO 27 a seguir apresenta os parâmetros para seleção das subcategorias de equivalência.

QUADRO 27: Parâmetros para seleção das subcategorias de correspondência formal

Categoria	Subcategorias	Parâmetros para seleção de subcategorias
equivalência	correspondência formal	Categorias gramaticais e narratológicas coincidem com as categorias do TO
	não equivalência	∅ equivalência textual; há ORAÇÕES e/ou categorias realizadas nos TTs que são omitidas no TO; há ORAÇÕES e/ou categorias realizadas no TO que são omitidas nos TTs
	mudança	∅ correspondência formal; alguma(s) categoria(s) dos TTs não coincide(m) com a(s) categoria(s) do TO; uma ORAÇÃO VERBAL é traduzida por outro tipo de ORAÇÃO

Para esclarecermos mais o procedimento de anotação, mostramos nas figuras abaixo exemplos das subcategorias descritas acima.

No QUADRO 28 podemos constatar que, nas ORAÇÕES VERBAIS retiradas da planilha 24H_processos_verbais, tanto as categorias gramaticais quanto as narratológicas coocorrem no TO e nos TTs. Por isso, a subcategoria tradutória resultante é equivalência.

No QUADRO 29 há mudança no TT1 pois no TT1 há recepção, enquanto no TO não há.

No QUADRO 30 há não equivalência, pois um trecho do TO foi omitido no TT1.

QUADRO 28: Exemplo da subcategoria correspondência formal

	Categorias gramaticais						Categoria narratológica	Categoria tradutória
Texto	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo	Equivalência
TO	›Komm!‹ sagte er da plötzlich mit einer harten, festen, erbitterten Stimme (...)	sagen	sem. proj ³⁹ .de citação imperativa	não recepção	proposta	membro geral	2	–
<i>Glossa</i>	- Venha! disse ele <i>repentinamente com uma dura, firme e amarga voz, (...)</i>	–	–	–	–	–	–	–
TT_1	- Vem! disse então bruscamente o rapaz, com voz dura, decidida, irritada (...)	dizer	sem. proj.de citação imperativa	não recepção	proposta	membro geral	2	corresp. formal
TT_2	- Venha! disse ele de repente com voz dura e amarga (...)	dizer	sem. proj.de citação imperativa	não recepção	proposta	membro geral	2	corresp. formal

³⁹ “sem. proj.” é abreviação de semiose projetante.

QUADRO 29: Exemplo da subcategoria mudança

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica	Categoria tradutória
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo	Equivalência
TO	Ich sagte nämlich: ›So wird man eben ein Zimmer in einem Hotel nehmen.<	sagen	sem. proj. de citação indicativa	não recepção	proposição	membro geral	2	–
<i>Glossa</i>	- <i>Eu disse, pois: — Então se pegará um quarto em um hotel.</i>	–	–	–	–	–	–	–
TT1	- Disse -lhe, pois: Pois bem! tomaremos um quarto em um hotel.	dizer	sem. proj.de citação indicativa	recepção	proposição	membro geral	2	mudança
TT2	- Então teremos de pegar um quarto num hotel.	–	–	–	–	–	–	não equivalência

QUADRO 30: Exemplo da subcategoria não equivalência

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TO	»Rufen Sie alle zurück!« sagte er	sagen	sem. proj.de citação indicativa	não recepção	proposta	membro geral	2
Glossa	— <i>Chamem todo mundo de volta!</i> — <i>disse ele</i>	-	-	-	-	-	-
TTI	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅

Após finalizarmos as anotações, utilizamos o programa R (R CORE TEAM, 2018) para extrair os dados quantitativos das planilhas de maneira automática⁴⁰. Para melhor visualização dos dados obtidos com o software R, cruzamos os dados deste programa com os dados das planilhas eletrônicas e geramos gráficos. Os *scripts* utilizados nesta pesquisa estão anexados no final desta dissertação.

A seguir apresentamos o capítulo de resultados.

⁴⁰ O *script* utilizado para extração de dados no programa R está neste trabalho como anexo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos primeiramente os resultados referentes aos TOs relativos aos verbos lexicais que realizam os PVs em textos ficcionais escritos em AL. Em seguida, analisamos os PVs em textos ficcionais nos TTs traduzidos para o PB. Posteriormente contrastamos os resultados sobre os TOs e TTs e verificamos se em nossa pesquisa confirmamos ou não a hipótese de retradução de Berman (1990). Por último, contrastamos nossos achados com os resultados obtidos por Pagano (2017) e Guimarães (2018).

Conforme a metodologia, as amostras de diálogos dos romances analisados foram segmentadas em ORAÇÕES, que foram anotadas em planilhas eletrônicas. No total foram anotadas 69 ORAÇÕES VERBAIS do romance TK e 70 ORAÇÕES VERBAIS do romance 24H. Os resultados que apresentamos a seguir foram obtidos utilizando-se o ambiente de programação R (R CORE TEAM, 2018).

4.1 Análise dos TOs

A primeira categoria analisada é tipo de verbo. Apresentamos nas TABELA 1 e Tabela 2 as ocorrências em números absolutos e em percentagens.

TABELA 1: Tipo de verbo em TK_TO

Tipo de verbo	TK_TO	
membro geral	36	56%
específico de demanda	12	19%
modo especificando conotação	8	13%
com características circunstanciais	6	9%
específico de fornecimento	2	3%
TOTAL	64	100%

TABELA 2: Tipo de verbo 24H_TO

Tipo de verbo	24H_TO	
membro geral	22	42%
modo especificando conotação	14	26%
com características circunstanciais	7	13%
específico de demanda	6	11%

específico de fornecimento	4	8%
TOTAL	53	100%

Na categoria tipo de verbo, os TOs selecionaram a mesma subcategoria membro geral como a mais frequente. Em TK_TO a ocorrência desta opção foi de 56%, e em 24H_TO foi de 42%. Em TK_TO, a segunda opção mais frequente foi verbos específicos de demanda com 19% de ocorrências, e essa opção teve 11% de ocorrências em 24H_TO. A segunda opção mais frequente em 24H_TO foi a opção modo especificando conotação, com 26% de frequência em 24H_TO e 13% em TK_TO. Os verbos com características circunstanciais tiveram 16% das ocorrências em 24H_TO e 9% em TK_TO. A subcategoria menos frequente foi verbos específicos de fornecimento tiveram 3% de frequência em TK_TO e 8% em 24H_TO.

O baixo índice de ocorrência da subcategoria verbos específicos de fornecimento em ambos os TOs evidencia uma possível característica comum entre os romances do nosso *corpus*. Já a diferença de frequência da subcategoria de verbos do tipo modo especificando conotação de 13% entre os TOs mostra que um romance se diferencia do outro.

Para melhor visualização dos dados, exibimos o GRÁFICO 1 a seguir.

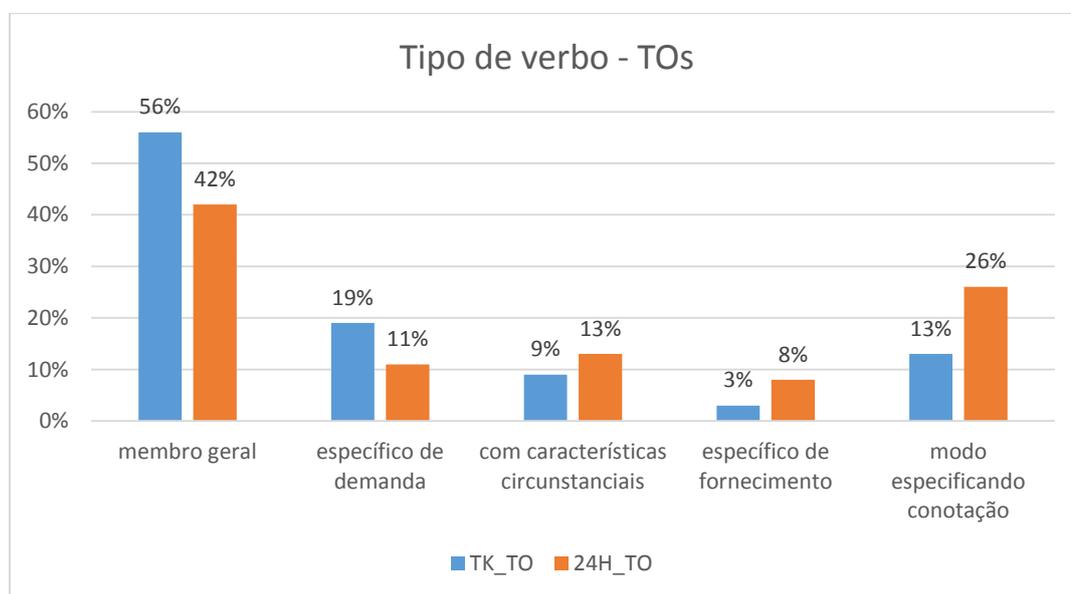


GRÁFICO 1: Categoria tipo de verbo nos TOs

A seguir exemplificamos as três subcategorias mais frequentes: membro geral e verbos específicos de demanda em TK_TO, e verbos modo especificando conotação 24H_TO. Os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS estão destacados em negrito.

QUADRO 31: Exemplos de membro geral em TK_TO

TK_TO	»Da kommt Erwin Jimmerthal«, sagte Hans.
<i>Glossa</i>	— <i>Lá vem Erwin Jimmerthal</i> — disse Hans
TK_TO	»Erstes Paar en avant!« sagte Herr Knaak
<i>Glossa</i>	— <i>Primeiro par en avant!</i> — disse Senhor Knaak
TK_TO	»Ich hätte nicht kommen sollen«, sagte er.
<i>Glossa</i>	— <i>Eu não deveria ter vindo</i> —, disse ele.

QUADRO 32: Exemplos de verbo específico de demanda em TK_TO

TK_TO	»Bin ich?« fragte er
<i>Glossa</i>	— <i>Eu sou?</i> — perguntou ele
TK_TO	»Sie kommen von München?« fragte endlich der Polizist
<i>Glossa</i>	— <i>Você vem de Munique?</i> — perguntou finalmente o policial
TK_TO	»Ist das auch wahr?!« fragte der Polizist
<i>Glossa</i>	— <i>Isso também é verdade?</i> — perguntou o policial

QUADRO 33: Exemplos de verbo modo especificando conotação 24H_TO

24H_TO	» (...) und nach wie vor bestreite ich jedermann das Recht, diese arme, unglückliche Frau zu verachten.«
<i>Glossa</i>	— (...) e ainda nego a qualquer um o direito de desprezar essa pobre e infeliz mulher.
24H_TO	» Also, ich sagte ja schon, daß ich Ihnen nur einen einzigen Tag aus meinem Leben erzählen möchte (...)«
<i>Glossa</i>	— <i>Então, eu já disse que eu gostaria de contar-lhe apenas um único dia da minha vida (...)</i>
24H_TO	» (...) aber diese Tröstung ist uns versagt (...)«
<i>Glossa</i>	— (...) mas esse consolo nos é negado (...)

A seguir analisamos quais são os verbos lexicais prototípicos de fala nos TOs.

Exibimos os verbos lexicais na TABELA 3 com os valores absolutos de frequência.

TABELA 3: Verbos lexicais em TK_TO

TK_TO	
sagen	34
fragen	8
antworten	5
sprechen	2
nennen	2
angeben	2
bemerken	1
bitten	1
anreden	1
anfragen	1
aussprechen	1
dareinreden	1
rufen	1
nachfragen	1
fortfahren	1
bejahen	1
buchstabieren	1
TOTAL	64

TABELA 4: Verbos lexicais em 24H_TO

24H_TO	
sagen	14
sprechen	7
antworten	2
fragen	3
wiederholen	3
erzählen	4
nennen	2
zurückrufen	2
bitten	1
aussprechen	1
wiedererzählen	1
hinzufügen	1
beharren	1
urteilen	1
verurteilen	1
bestreiten	1
ansprechen	1
berichten	1
erwähnen	1
besprechen	1
wiedergeben	1
reden	1
versagen	1
TOTAL	52

Em seguida exemplificamos as subcategorias membro geral (*sagen*) em TK_TO, e dos demais verbos lexicais em TK_TO e em 24H_TO. Os verbos lexicais que realizam os PVs estão destacados nos exemplos com negrito.

QUADRO 34: Exemplos de membro geral (*sagen*) em TK_TO

TK_TO	Famose Abbildungen sind darin, sage ich dir.
<i>Glossa</i>	<i>Esplêndidas figuras estão lá, te digo eu.</i>
TK_TO	»Kommst du endlich, Hans?« sagte Tonio Kröger
<i>Glossa</i>	<i>– Você vem afinal, Hans? – disse Tonio Kröger</i>
TK_TO	»Da kommt Erwin Jimmerthal«, sagte Hans.
<i>Glossa</i>	<i>– Lá vem Erwin Jimmerthal – disse Hans.</i>

QUADRO 35: Exemplos da subcategoria outros verbos lexicais além de *sagen* em TK_TO e em 24H_TO

TK_TO	»In allen Stellungen?« fragte Tonio höflich.
<i>Glossa</i>	<i>– Em todas as posições? – perguntou Tonio educadamente</i>
24H_TO	»Laß das,« wiederholte er
<i>Glossa</i>	<i>– Deixe disso – repetiu ele</i>
24H_TO	» Rufen Sie alle zurück! «
<i>Glossa</i>	<i>– Chame todos de volta!</i>
24H_TO	»Wie schade! Ich hätte noch so viel mit Ihnen zu besprechen. «
<i>Glossa</i>	<i>– Que pena! Eu teria ainda muito o que discutir com o senhor.</i>

Em seguida, analisamos a categoria ordem de dizer nos TOs. A categoria ordem de dizer indica se as ORAÇÕES VERBAIS expressam ATIVIDADE ou se realizam SEMIOSE⁴¹. Na TABELA 5 mostramos quais subcategorias da ordem de dizer foram mais selecionadas em cada romance.

TABELA 5: Ordem de dizer nos TOs

	TK_TO		24H_TO	
semiose projetante de citação indicativa	40	62%	18	34%
atividade de fala	9	14%	12	23%
semiose não projetante verbiagem	8	13%	15	28%
semiose projetante de relato indicativa	4	6%	5	9%
atividade de alvo	2	3%	2	4%
semiose projetante de citação imperativa	1	2%	1	2%
TOTAL	64	100%	53	100%

⁴¹ Verificar QUADRO 7: Categorias de ordem de dizer.

A subcategoria mais selecionada foi semiose projetante de citação indicativa (*semiosis projecting quoting indicating*), com 62% de ocorrências em TK_TO e 34% em 24H_TO. A seleção de semiose projetante de citação indicativa mostra que a maioria das ORAÇÕES VERBAIS é realizada no modo indicativo e por meio de discurso direto. A segunda opção mais selecionada em 24H_TO foi semiose não projetante verbiagem (*semiosis non projecting verbiage*) com 28% de ocorrências. Em TK_TO, essa opção foi a terceira mais selecionada e teve 13% de ocorrências. A realização dessa subcategoria indica que não há projeção na ORAÇÃO VERBAL e que há a realização do PARTICIPANTE VERBIAGEM. A segunda subcategoria mais selecionada em TK_TO foi atividade de fala (*activity talking*), com 14% de ocorrências. Já em 24H_TO, essa subcategoria teve 23% de frequência. A opção semiose projetante de relato indicativa teve 6% em TK_TO e 9% em 24H_TO. A opção menos selecionada nos TOs foi atividade de alvo, com 3% em TK_TO e 4% em 24H_TO.

Apresentamos o GRÁFICO 2 abaixo para melhor visualização dos resultados de ordem de dizer.

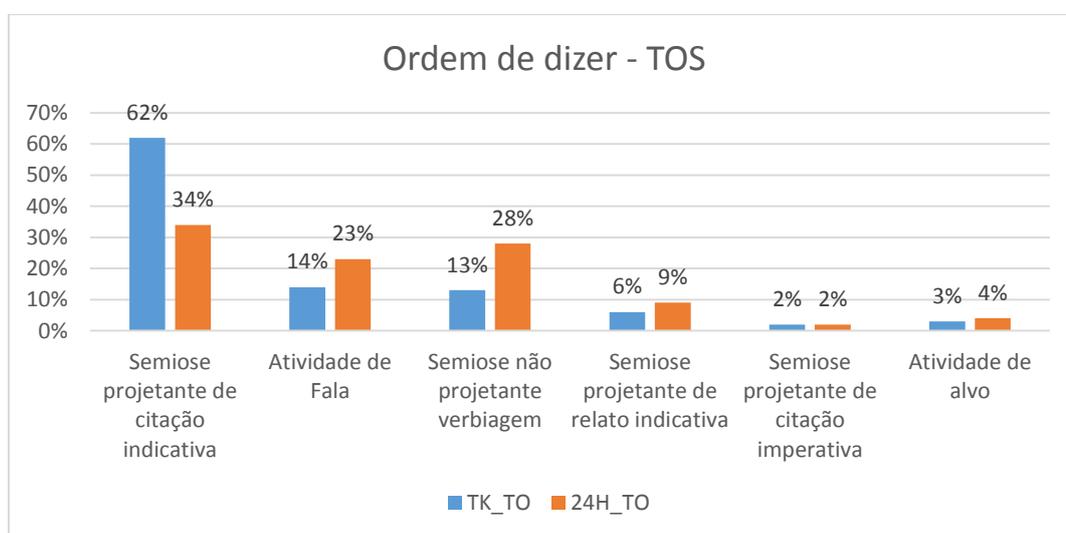


GRÁFICO 2 - Categoria ordem de dizer nos TOs

A seguir podemos verificar exemplos das três subcategorias mais selecionadas: subcategoria semiose projetante de citação indicativa e atividade de fala em TK_TO, e subcategoria semiose não projetante verbiagem em 24H_TO. Os verbos lexicais que realizam PROCESSOS VERBAIS estão destacados em **negrito**, e o PARTICIPANTE VERBIAGEM está sublinhado.

QUADRO 36: Exemplos de semiose projetante de citação indicativa em TK_TO

TK_TO	»Ja, adieu, ihr!« sagte Hans Hansen zu den Kameraden.
Glossa	– <i>Sim, adieu a vocês!</i> – disse Hans Hansen aos camaradas.
TK_TO	»Ich habe jetzt etwas Wundervolles gelesen, etwas Prachtvolles...«, sagte er.
Glossa	– <i>Eu li agora algo maravilhoso, algo magnífico ...</i> – disse ele.
TK_TO	»Wieso?« fragte er und sah Tonio an...
Glossa	– <i>Por quê?</i> – perguntou ele e viu Tonio...

QUADRO 37: Exemplos de atividade de fala em TK_TO

TK_TO	» Da kommt Erwin Jimmerthal«, sagte Hans.
Glossa	– <i>Lá vem Erwin Jimmerthal</i> – disse Hans Hansen.
TK_TO	Tonio Kröger antwortete ihm.
Glossa	<i>Tonio Kröger</i> respondeu-o .
TK_TO	Ich liebe dich, liebe, süße Inge, sagte er innerlich (...)
Glossa	– <i>Eu te amo, amo, doce Inge</i> , disse ele por dentro (...)

QUADRO 38: Exemplos de semiose não projetante verbiagem em 24H_TO

24H_TO	(...) so würde sie mich gern um <u>diese Stunde</u> bitten .
Glossa	(...) <i>assim, ela gostaria de me</i> pedir <i>essa hora</i> .
24H_TO	(...) aber <u>diese Tröstung</u> ist uns versagt (...)
Glossa	(...) <i>mas</i> <u>esse consolo</u> <i>nos é</i> negado (...)
24H_TO	Also, ich sagte ja schon, daß ich Ihnen <u>nur einen einzigen Tag aus meinem Leben</u> erzählen möchte (...)
Glossa	<i>Então, eu já disse que eu gostaria de</i> <u>lhe contar apenas um único dia da minha vida</u> .

As subcategorias semiose projetante de relato indicativa (*semiosis projecting reporting indicating*) com 6% em TK_TO e 9% em 24H_TO e semiose projetante de citação imperativa (*semiosis projecting quoting imperating*) foram pouco selecionadas em ambos os TOs (2% de frequência em ambos os TOs). Isso indica que, no nosso *corpus* de análise, não é muito frequente o uso de ORAÇÕES VERBAIS no modo indicativo com discurso indireto, nem o uso de ORAÇÕES VERBAIS no modo imperativo com discurso direto. De modo igual, ambos os TOs tiveram pouca seleção da subcategoria atividade de alvo (3% em TK_TO e 4% em 24H_TO),

o que pode, eventualmente, indicar que em textos ficcionais em AL, a seleção do PARTICIPANTE ALVO não é tão frequente.

Em seguida analisamos a categoria recepção. A frequência de seleção e não seleção do PARTICIPANTE RECEPTOR em ambos os romances pode ser verificada na TABELA 6.

TABELA 6: Recepção nos TOs

	TK_TO		24H_TO	
não recepção	53	83%	32	60%
recepção	11	17%	21	40%
TOTAL	64	100%	53	100%

A subcategoria não recepção foi a mais frequente em ambos os TOs. Em TK_TO, a opção não recepção teve 83% de ocorrência, e em 24H_TO a seleção foi de 60%. O PARTICIPANTE RECEPTOR teve 17% de ocorrência em TK_TO e 40% de ocorrência em 24H_TO.

No GRÁFICO 3 é possível ter melhor visualização dos dados.

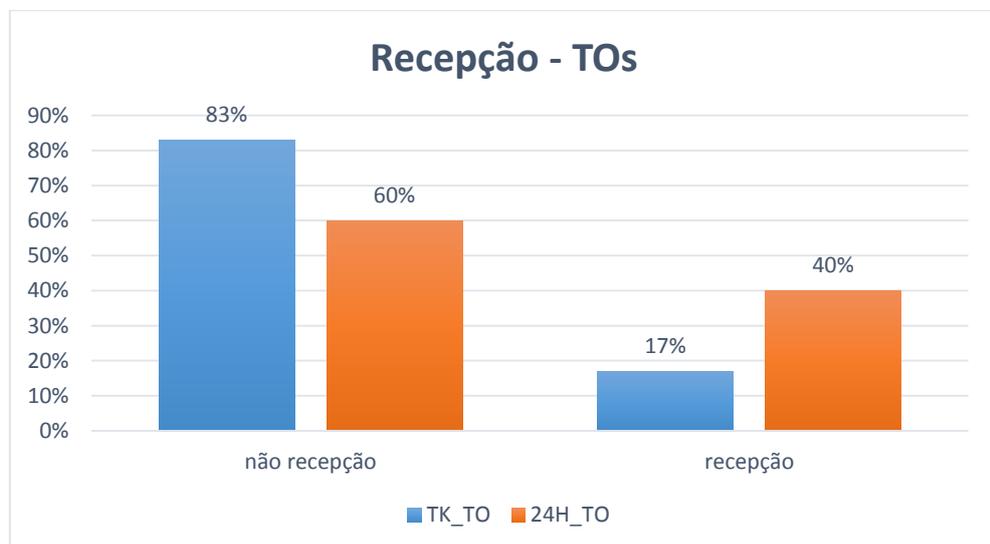


GRÁFICO 3- Categoria Recepção nos TOs

Demonstramos a seguir as subcategorias não recepção em TK_TO e recepção em 24H_TO. Os verbos lexicais que realizam os PVs estão destacados em negrito, e o PARTICIPANTE RECEPTOR sublinhado.

QUADRO 39: Exemplos de não recepção em TK_TO

TK_TO	Sagen Sie nicht >Natur<, Lisaweta (...) Ø
<i>Glossa</i>	Não diga “natureza”, Lisaweta (...)
TK_TO	»Kommst du endlich, Hans?« sagte Tonio Kröger Ø
<i>Glossa</i>	– Você vem, afinal, Hans? – disse Tonio Kröger
TK_TO	»Ich muß zur Stadt«, sagte Jimmerthal
<i>Glossa</i>	– Eu preciso ir à cidade – disse Jimmerthal

QUADRO 40: Exemplos de recepção em 24H_TO

24H_TO	»Ich wiederhole Ihnen, gnädige Frau « (...)
<i>Glossa</i>	– Eu repito para <u>você</u> , clemente senhora – (...)
24H_TO	(...) so würde sie <u>mich</u> gern um diese Stunde bitten .
<i>Glossa</i>	(...) assim, ela gostaria de <u>me</u> pedir essa hora.
24H_TO	(...) ob sie <u>mir</u> aus ihrem Leben etwas erzählen dürfe (...)
<i>Glossa</i>	(...) se ela poderia <u>me</u> contar algo sobre sua vida (...)

Analisamos em seguida a categoria função semântica. Com a categoria função semântica, verificamos a ocorrência de proposições – ORAÇÕES VERBAIS afirmativas e interrogativas no modo indicativo que envolvem trocas de informações, e de propostas – ORAÇÕES VERBAIS no modo imperativo com troca de bens e serviços. Na TABELA 7 seguinte podemos notar em números absolutos e em percentagem a ocorrência de cada subcategoria nos TOs.

TABELA 7: Função semântica nos TOs

	TK_TO		24H_TO	
proposição	50	78%	47	89%
proposta	14	22%	6	11%
TOTAL	64	100%	53	100%

A seleção de proposição em TK_TO é de 78%, e em 24H_TO é de 89%. A seleção de proposta foi pouco frequente em ambos os TOs, com 22% em TK_TO e 11% em 24H_TO, o que pode indicar uma possível característica de textos ficcionais em AL de não selecionar com frequência ORAÇÕES no modo imperativo que estabeleçam troca de bens e serviços.

Visualizamos os dados no GRÁFICO 4 a seguir.

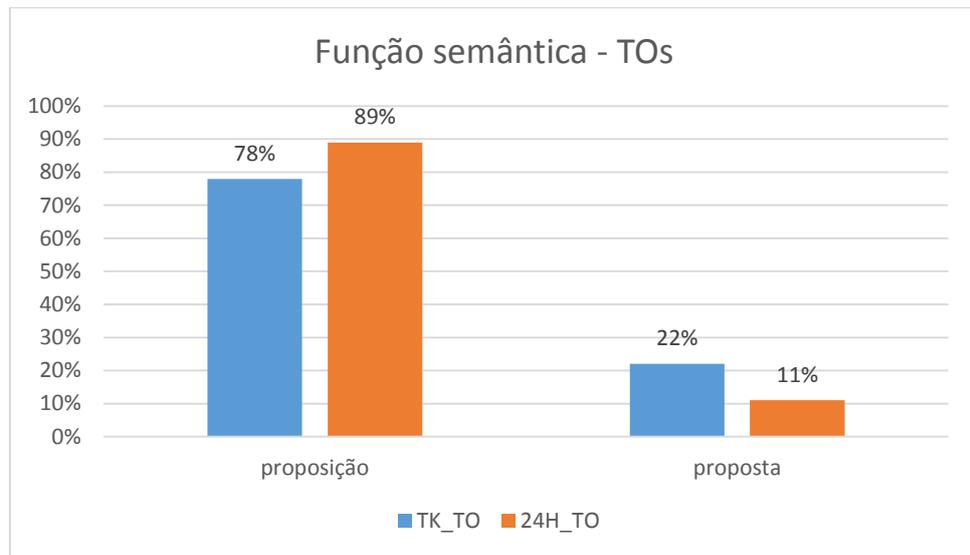


GRÁFICO 4: Categoria função semântica nos TOs

Exemplificamos as subcategorias proposição e proposta em 24H_TO e em TK_TO. Os verbos lexicais que realizam os PVs estão selecionados em negrito.

QUADRO 41: Exemplos de proposição em 24H_TO e em TK_TO

24H_TO	» Du bist ein guter Kerl « sagte er
<i>Glossa</i>	– <i>Você é uma boa camarada</i> – disse ele
24H_TO	›Laß das,‹ wiederholte er nochmals
<i>Glossa</i>	– <i>Deixe disso,</i> – repetiu ele outra vez
TK_TO	»Wieso? « fragte er und sah Tonio an...
<i>Glossa</i>	– <i>Por quê?</i> – perguntou ele e viu Tonio...
TK_TO	»Ja, adieu, ihr! « sagte Hans Hansen zu den Kameraden.
<i>Glossa</i>	– <i>Sim, adieu a vocês!</i> – disse Hans Hansen aos camaradas.

QUADRO 42: Exemplos de proposta em 24H_TO e em TK_TO

24H_TO	» Rufen Sie alle zurück! «
<i>Glossa</i>	– Chamem todos de volta! –
TK_TO	» Gott verdamme den Frühling! « sagte er in seinem aggressiven Stil.
<i>Glossa</i>	– <i>Deus amaldiçoe a primavera!</i> – disse ele em seu estilo agressivo.

A próxima categoria analisada foi a narratológica (RIMMON-KENAN, 2005), na qual verificamos quais são os níveis narrativos mais protótipos de cada romance⁴². Podemos verificar os resultados em números absolutos e em percentuais na TABELA 8 a seguir.

TABELA 8: Níveis narrativos nos TOs

	TK_TO		24H_TO	
nível narrativo1	51	80%	19	36%
nível narrativo2	13	20%	34	64%
TOTAL	64	100%	53	100%

Na categoria narratológica, cada romance seleciona um nível diferente. Em TK_TO, o nível narrativo mais selecionado foi o nível narrativo 1, com 80%, enquanto em 24H_TO esse nível narrativo teve 36% de seleção. Já em 24H_TO, a opção mais selecionada foi o nível narrativo 2, com 64% e em TK_TO, o nível narrativo 2 teve 20% de seleção.

Os dados desta categoria também podem ser visualizados no GRÁFICO 5.

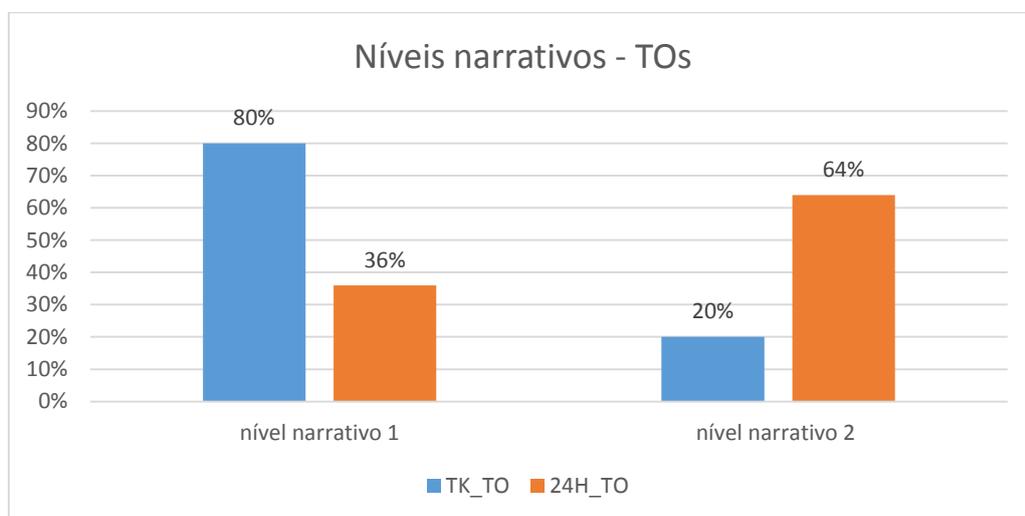


GRÁFICO 5: Categoria nível narrativo nos TOs

A seguir exemplificamos ORAÇÃO VERBAL no nível narrativo 1 em TK_TO e ORAÇÃO VERBAL no nível narrativo 2 em 24H_TO. Os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS estão destacados em negrito.

⁴² Verificar QUADRO 26: Identificação de subcategorias narratológicas.

QUADRO 43: Exemplos de nível narrativo 1 em TK_TO

TK_TO	»Ach nein«, sagte Hans Hansen
Glossa	– Ah não – disse Hans Hansen
TK_TO	»Wieso?« fragte er und sah Tonio an...
Glossa	– Por quê? –, ele perguntou e viu Tonio...
TK_TO	»Ja, adieu, ihr!« sagte Hans Hansen zu den Kameraden.
Glossa	– Sim, adieu a vocês! – disse Hans Hansen aos camaradas.

Em seguida, verificamos ORAÇÕES VERBAIS no nível narrativo 2 em 24H_TO. Os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS no nível narrativo 2 estão destacados em negrito, e os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS no nível narrativo 1 estão sublinhados.

QUADRO 44: Exemplos de nível narrativo 2 em 24H_TO

24H_TO	»Wie schade! Ich hätte noch so viel mit Ihnen zu besprechen . «
Glossa	– Que pena! Eu teria ainda muito o que discutir com o senhor
24H_TO	»Wenn Sie wirklich annehmen, daß das crime passionel, wie es die Franzosen nennen , kein crime ist, wozu noch eine staatliche Justiz überhaupt? «
Glossa	– Se você realmente acredita que o crime passionel, como os franceses o chamam , não é um crime, para que é uma Justiça nacional?
24H_TO	» Rufen Sie alle zurück ! « <u>sagte</u> er (...)
Glossa	– Chame todos de volta! <u>disse</u> ele (...)

Apresentamos o QUADRO 45 para sintetizar as opções mais frequentes em cada categoria em ambos os romances e ilustrar suas respectivas peculiaridades. A frequência de seleção das subcategorias é apresentada em percentagem.

QUADRO 45: Subcategorias mais selecionadas em TK_TO e 24H_TO

Categorias	TK_TO	%	24H_TO	%
tipo de verbo	membro geral	56%	membro geral	42%
ordem de dizer	semiose projetante de citação indicativa	62%	semiose projetante de citação indicativa	34%
recepção	não recepção	83%	não recepção	60%
função semântica	proposição	78%	proposição	89%
nível narrativo	nível narrativo 1	80%	nível narrativo 2	64%

Observando o QUADRO 45 notamos que, das categorias analisadas, a maioria selecionou as mesmas opções como mais frequentes (tipo de verbo, ordem de dizer, recepção e função semântica), e apenas a subcategoria nível narrativo apresentou seleção divergente. Halliday e Matthiessen (2014, p. 303) apontam que membro geral faz parte do conjunto de verbos que tem a opção não marcada para ORAÇÕES VERBAIS. Sendo assim, quando o membro geral tem alta frequência, as opções de verbos lexicais são não marcadas, o que ocorre em ambos os TOs.

Além do mais, é apenas por meio da análise da categoria narratológica que podemos constatar que cada TO tem seu padrão, pois a categoria analisada que mais destaca a diferença de padrão entre os TOs é a nível narrativo. Em TK_TO a seleção mais frequente é do nível narrativo 1 e em 24H_TO a seleção mais frequente é do nível narrativo 2.

Gramaticalmente, não foi possível identificar a diferença no padrão de TK_TO e de 24H_TO, uma vez que no nível narrativo 1 e no nível narrativo 2 todas as opções das categorias gramaticais são selecionadas, não havendo uma opção que caracterize a seleção de cada nível narratológico. Por meio dos resultados, constatamos que a análise no estrato da léxicogramática não foi suficiente para identificar os padrões de cada TO do nosso corpus.

A seguir apresentamos os resultados referentes aos TT1s.

4.2 Análise dos TT1s

Como já mencionado, o objetivo de comparar TT1s e TT2s é verificar se há um padrão tradutório associado à uma determinada época. No nosso estudo, as épocas são entre as décadas de 1930 e 1950 e entre as décadas de 1990 e 2010.

Começamos nossa análise com a categoria tipo de verbo. A seguir, exibimos as TABELA 9 e Tabela 10 com os tipos de verbos mais selecionados e os menos selecionados em cada TT1 em números absolutos e em percentuais.

TABELA 9: Tipo de verbo em TK_TT1

	TK_TT1	
membro geral	36	56%
específico de demanda	12	19%
com características circunstanciais	6	10%
modo especificando conotação	6	10%
específico de fornecimento	3	5%
TOTAL	63	100%

TABELA 10: Tipo de verbo em 24H_TT1

	24H_TT1	
membro geral	26	48%
específico de demanda	5	9%
com características circunstanciais	7	13%
modo especificando conotação	14	26%
específico de fornecimento	2	4%
TOTAL	54	100%

A seleção do tipo de verbo mais frequente em TK_TT1 e 24H_TT1 é a mesma. Em TK_TT1, a opção membro geral teve 56% de frequência, e em 24H_TT1 48% de frequência. A segunda opção mais frequente em TK_TT1 foi verbo específico de demanda, com 19% e em 24H_TT1 essa opção teve 9% de frequência. Já a segunda opção mais frequente em 24H_TT1 foi verbo modo especificando conotação, com 26%, e em TK_TT1 essa opção teve 10% de frequência.

A subcategoria menos frequente para dos dois TT1s foi verbo específico de fornecimento (5% em TK_TT1 e 4% em 24H_TT1). Em TK_TT1 as opções verbos com características circunstanciais e modo especificando conotação foram as segundas menos frequentes, tendo 10% de ocorrências em cada. Em 24H_TT1, a segunda opção menos frequente foi verbo específico de demanda, com 9% de frequência. A terceira opção menos selecionada foi verbos com características circunstanciais, com 13% de ocorrências. Apresentamos o GRÁFICO 6 para melhor visualização dos resultados.

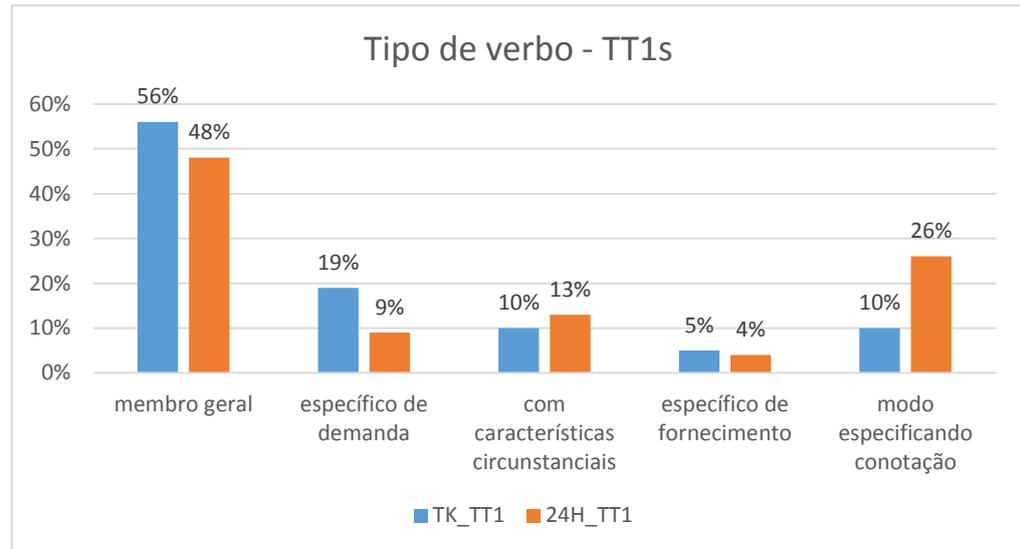


GRÁFICO 6 - Categoria tipo de verbo nos TT1s

A seguir, exemplificamos as três subcategorias mais frequentes: membro geral e verbos específicos de demanda em TK_TT1, e a subcategoria verbo modo especificando conotação em 24H_TT1. Os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS estão destacados em negrito.

QUADRO 46: Exemplos de membro geral em TK_TT1

TK_TT1	– "Sim, até logo, vocês!" disse Hans Hansen aos camaradas
TK_TT1	– "Bom dia, Jimmerthal," disse Hans.
TK_TT1	– "Esplendido! " disse Hans.

QUADRO 47: Exemplos de verbo específico de demanda em TK_TT1

TK_TT1	– "Estalo?" perguntou Hans Hansen
TK_TT1	– "Em todas as posições?" perguntou Tonio cortezmente
TK_TT1	– "Incomodo?" perguntou Tonio Kröger na porta do "atelier".

QUADRO 48: Exemplos de verbo modo especificando conotação em 24H_TT1

24H_TT1	– Repito, minha senhora, disse eu persistindo, que me nego a julgar ou a condenar um caso semelhante.
24H_TT1	– Repito, minha senhora, disse eu persistindo, que me nego a julgar ou a condenar um caso semelhante.
24H_TT1	(...) quando de repente exclamou , olhando-me de frente

Nas TABELA 11 e Tabela 12 mostramos quais são os verbos lexicais de cada TT1.

TABELA 11: Verbos lexicais em TK_TT1

TK_TT1	
dizer	34
perguntar	8
responder	4
alegar	3
falar	2
observar	1
indagar	1
pedir	1
chamar	1
interromper	1
continuar	1
confirmar	1
exclamar	1
tratar	1
esclarecer	1
pronunciar	1
soletrar	1
TOTAL	63

TABELA 12: Verbos lexicais em 24H_TT1

24H_TT1	
dizer	21
falar	5
perguntar	4
responder	3
contar	4
repetir	3
exclamar	2
chamar	1
pronunciar	1
acrescentar	1
julgar	1
condenar	1
negar	1
discutir	1
declarar	1
reproduzir	1
narrar	1
denominar	1
acusar	1
TOTAL	54

Exemplificamos abaixo os verbos lexicais falar em TK_TT1, e outros verbos lexicais além de dizer em 24H_TT1. Os verbos lexicais que realizam os PVs estão destacados em negrito.

QUADRO 49: Exemplos de membro geral (dizer) em TK_TT1

TK_TT1	– "Vens afinal, Hans?" disse Tonio Kröger, que muito tempo o esperava na rua
TK_TT1	– "Sim, até logo, vocês!" disse Hans Hansen aos camaradas
TK_TT1	– "Oh não", disse Hans Hansen

QUADRO 50: Exemplos da subcategoria outros (outros verbos lexicais além de dizer e falar) em TK_TT1 e em 24H_TT1

TK_TT1	– "Como?" perguntou e olhou para Tonio
24H_TT1	E repetiu isso com uma expressão terrível, uma chocante indiferença.
24H_TT1	– É inútil – respondeu ele com voz abafada
24H_TT1	Porque de outro modo, eu não teria nunca pronunciado as palavras que se seguiram (...)

A próxima categoria analisada foi a ordem de dizer. A frequência com que cada subcategoria da ordem de dizer foi selecionada está disposta nas TABELA 13 e Tabela 14.

TABELA 13: Ordem de dizer em TK_TT1

	TK_TT1	
semiose projetante de citação indicativa	40	63%
atividade de fala	9	14%
semiose não projetante verbiagem	8	13%
semiose projetante de relato indicativa	3	5%
atividade de alvo	2	3%
semiose projetante de citação imperativa	1	2%
TOTAL	63	100%

TABELA 14: Ordem de dizer em 24H_TT1s

	24H_TT1	
semiose projetante de citação indicativa	22	41%
semiose não projetante verbiagem	16	30%
atividade de fala	8	14%
semiose projetante de relato indicativa	4	7%
atividade de alvo	3	6%
semiose projetante de citação imperativa	1	2%
TOTAL	54	100%

A subcategoria semiose projetante de citação indicativa foi a mais frequente em ambos os TT1s. Em TK_TT1, essa opção teve 63% de seleção, e em 24H_TT1 teve 41%. Isso indica que a maioria das ORAÇÕES VERBAIS nesses romances são realizadas por meio de discurso direto

no modo indicativo. Em 24H_TT1, a segunda opção mais frequente foi semiose projetante verbiagem (30%). A subcategoria semiose projetante verbiagem teve 13% de frequência em TK_TT1. Nos TT1s a opção de atividade de fala teve a mesma frequência nos dois TT1s (14%). As subcategorias de ordem de dizer menos frequentes nos TT1s foram semiose projetante de relato indicativa (5% em TK_TT1 e 7% em 24H_TT1), semiose projetante de citação imperativa (2% em ambos os TT1s) e atividade de alvo (3% em TK_TT1 e 6% em 24H_TT1).

Exibimos os resultados em percentagem no GRÁFICO 7 a seguir para melhor visualização.

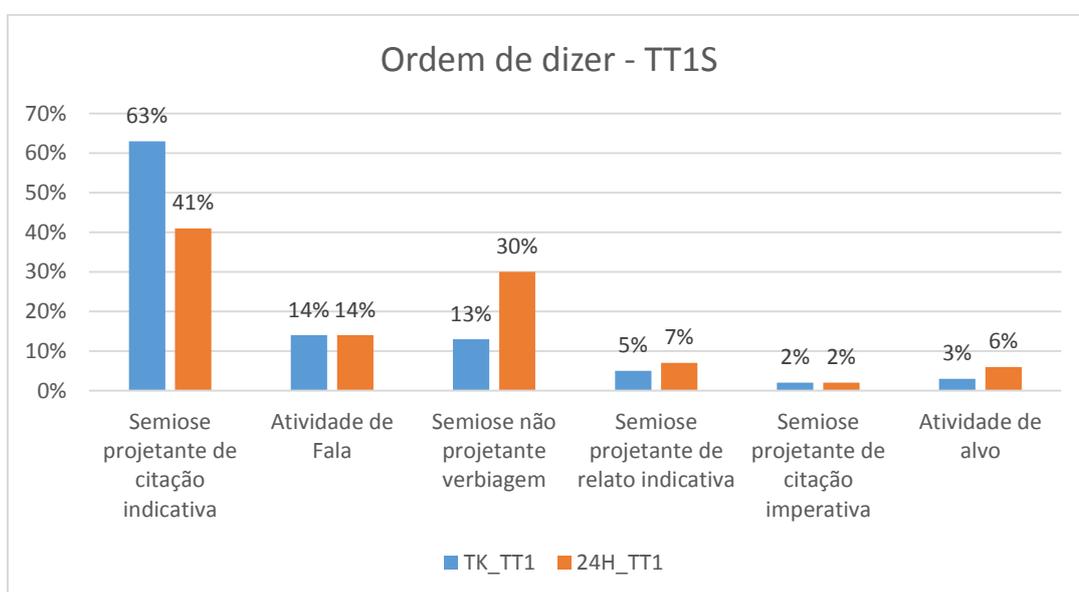


GRÁFICO 7: Categoria ordem de dizer nos TT1s

A seguir exemplificamos as três subcategorias mais frequentes: semiose projetante de citação indicativa em TK_TT1, a subcategoria semiose não projetante verbiagem em 24H_TT1, e a subcategoria atividade de fala em TK_TT1 e em 24H_TT1. Os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS estão destacados em negrito, e o PARTICIPANTE VERBIAGEM está sublinhado.

QUADRO 51: Exemplos de semiose projetante de citação indicativa em TK_TT1

TK_TT1	– "Oh não", disse Hans Hansen
TK_TT1	– "Como?" perguntou e olhou para Tonio
TK_TT1	– "Estalo?" perguntou Hans Hansen

QUADRO 52: Exemplos de semiose não projetante verbiagem em 24H_TT1

24H_TT1	(...) apenas repetir mais ou menos <u>as palavras</u> (...)
24H_TT1	– Se o senhor acha realmente que <u>o crime passional</u> , como dizem os franceses, não é crime, para que conservar os tribunais?
24H_TT1	– (...) mas, seja como fôr, nego a quem quer que seja <u>o direito de desprezar essa pobre, essa desgraçada mulher</u> .

QUADRO 53: Exemplos de atividade de fala em TK_TT1 e em 24H_TT1

24H_TT1	– Que pena! Eu tinha ainda tanta coisa para discutir com o senhor, disse ela.
24H_TT1	– (...) vejo que não posso exprimir claramente o que desejaria dizer -lhe.
TK_TT1	– "Ah, não me interrompa , Lisaweta!"
TK_TT1	Tonio Kröger respondeu -lhe.

A próxima categoria analisada foi recepção. Na categoria recepção, a não seleção do PARTICIPANTE RECEPTOR foi a opção mais frequente em ambos os TT1s. Verificamos na TABELA 15 os resultados em números absolutos e em percentuais.

TABELA 15: Recepção nos TT1s

	TK_TT1		24H_TT1	
não recepção	50	79	32	59%
recepção	13	21%	22	41%
TOTAL	63	100%	54	100%

Em TK_TT1, a seleção da subcategoria não recepção foi de 79%, já em 24H_TT1 foi de 59%. O PARTICIPANTE RECEPTOR teve 21% de seleção em TK_TT1 e 41% em 24H_TT1.

Exibimos os resultados percentuais no gráfico a seguir para melhor visualização.

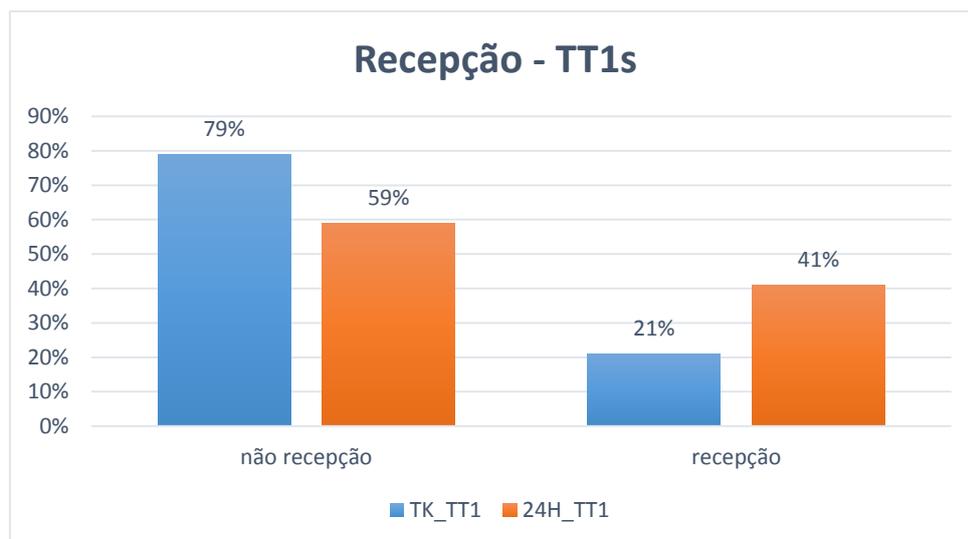


GRÁFICO 8 - Categoria recepção nos TT1s

Exemplificamos abaixo a subcategoria não recepção em TK_TT1 e a subcategoria recepção em 24H_TT1. Destacamos os verbos lexicais que realizam os PVs em **negrito**, e os PARTICIPANTES RECEPTOR em sublinhado.

QUADRO 54: Exemplos de não recepção em TK_TT1

TK_TT1	– "Eu não devia ter vindo, " disse ele.
TK_TT1	– "Sim, vamos então aos diques!" disse ele com voz comovida.
TK_TT1	– "Tenho que ir à cidade, disse Jimmerthal" – fazer compras.

QUADRO 55: Exemplos de recepção em 24H_TT1

24H_TT1	E a partir desse momento certa distração e nervosismo revelaram, enquanto falava comigo (...)
24H_TT1	Já eu começava a temer que ela não tivesse me compreendido e me dispunha a repetir-lhe em inglês o que eu lhe tinha dito.
24H_TT1	– Surely I would, respondi-lhe igualmente em inglês, sem dar por isso.

A seleção de trocas de informações (proposta) e de bens e serviços (proposição) foi analisada na categoria função semântica. Verificamos na TABELA 16 os resultados desta categoria.

TABELA 16: Função semântica nos TT1s

	TK_TT1		24H_TT1	
proposição	49	78%	49	91%
proposta	14	22%	5	9%
TOTAL	63	100%	54	100%

Nessa categoria, ambas as opções tiveram frequências bem parecidas. A opção mais frequente nos TT1s foi proposição, com 78% em TK_TT1 e 91% em 24H_TT1. A subcategoria proposta teve 22% em TK_TT1 e 9% em 24H_TT1.

No GRÁFICO 9 exibimos a ocorrência de cada subcategoria da função semântica nos TT1s em percentagem.

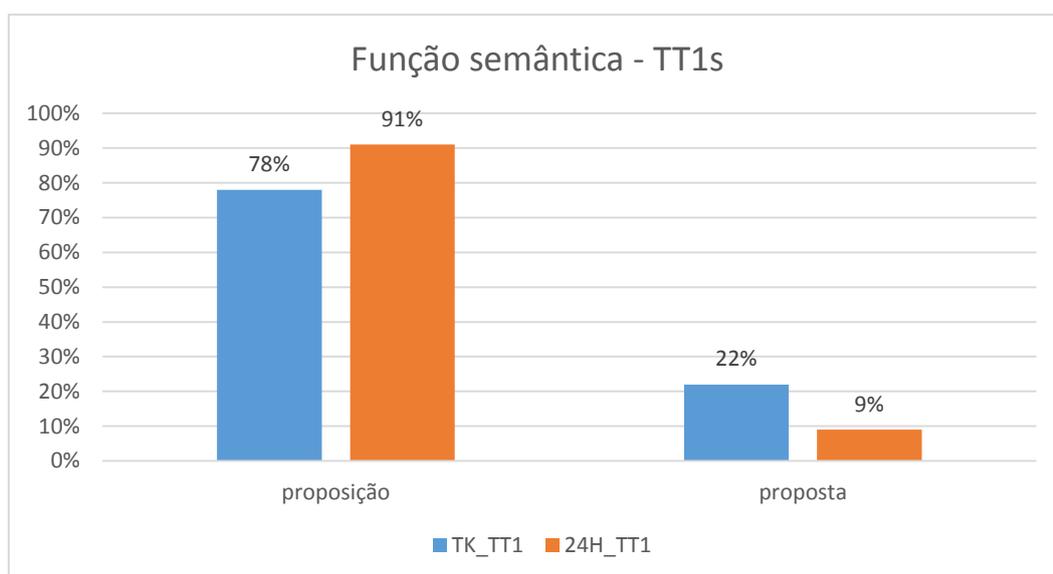


GRÁFICO 9: Categoria função semântica nos TT1s

A seguir, exemplificamos a subcategoria proposição em 24H_TT1 e em TK_TT1, e a subcategoria proposta em TK_TT1. Os verbos lexicais que realizam os PVs estão selecionados em negrito.

QUADRO 56: Exemplos de proposição 24H_TT1 e em TK_TT1

24H_TT1	– E falaria com ela?
24H_TT1	(...) isso lhe dava mais facilidade de falar de uma coisa que durante mais de vinte anos a tinha preocupado e atormentado interiormente.
TK_TT1	– "Eu não o tinha esquecido, Tonio" disse -lhe Hans olhando para a calçada.
TK_TT1	– "Oh Deus!" exclamou .

QUADRO 57: Exemplos de proposta em TK_TT1

TK_TT1	– Não me diga "natureza", Lisaweta, "natureza" não é complexa.
TK_TT1	– Ah, não me interrompa , Lisaweta!
TK_TT1	– Devias pedir a teu pae – observou Hans Hansen - que te permita tomares lições, também. Kröger,

Após verificarmos as categorias lexicogramaticais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014), analisamos a categorias nível narrativo (RIMMON-KENAN, 2005). A seguir, observamos os dados referentes aos níveis narrativos em cada TT1 em números absolutos e em percentagem na TABELA 17.

TABELA 17: Nível narrativo nos TT1s

	TK_TT1		24H_TT1	
nível narrativo 1	48	76%	16	30%
nível narrativo 2	15	24%	38	70%
TOTAL	63	100%	54	100%

Cada TT1 selecionou um nível narrativo mais frequente diferente. Em TK_TT1 o nível narrativo 1 é o mais frequente, com 76% em contraste com 30% em 24H_TT1. Já em 24H_TT1, o nível narrativo 2 é o mais selecionado, com 70%, enquanto que em TK_TT1 a percentagem é de 24%.

Exibimos o GRÁFICO 10 com os dados percentuais para melhor visualização.

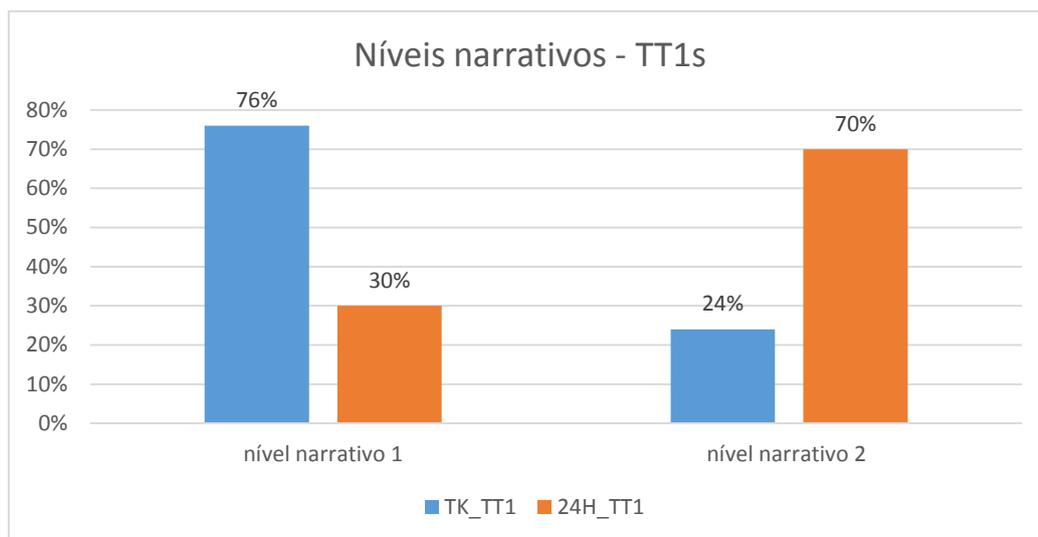


GRÁFICO 10: Categoria nível narrativo nos TT1s

Podemos verificar a seguir exemplos de ORAÇÕES VERBAIS no nível narrativo 1 em TK_TT1 exemplos de ORAÇÕES VERBAIS no nível narrativo 2 em 24H_TT1. Os verbos lexicais que realizam os PVs estão destacados em negrito.

QUADRO 58: Exemplos de nível narrativo 1 em TK_TT1

TK_TT1	– "Eu não o tinha esquecido, Tonio" disse -lhe Hans
TK_TT1	– "Vens afinal, Hans?" disse Tonio Kröger
TK_TT1	– "Como?" perguntou e olhou para Tonio

QUADRO 59: Exemplos de nível narrativo 2 em 24H_TT1

24H_TT1	– Chame todo mundo de volta! disse ao chefe dos funcionários
24H_TT1	– Que pena! Eu tinha ainda tanta coisa para discutir com o senhor, disse ela.
24H_TT1	– Já lhe disse que desejo contar-lhe unicamente um dia apenas da minha vida

Para finalizar a análise dos TT1s, sintetizamos os dados das categorias gramaticais e narratológica mais selecionadas em cada TT1, e explicitamos as opções mais selecionadas em cada texto.

QUADRO 60: Subcategorias mais selecionadas em TK_TT1 e 24H_TT1

Categorias	TK_TT1	%	24H_TT1	%
tipo de verbo	membro geral	56%	membro geral	48%
ordem de dizer	semiose projetante de citação indicativa	63%	semiose projetante de citação indicativa	41%
recepção	não recepção	79%	não recepção	59%
função semântica	proposição	78%	proposição	91%
nível narrativo	nível narrativo 1	76%	nível narrativo 2	70%

Com exceção da categoria nível narrativo, as demais categorias tiveram as mesmas opções como mais frequentes. Ou seja, por meio das categorias gramaticais, não foi possível identificar diferença nos padrões dos TT1s. No entanto, o resultado da categoria nível narrativo é a que mais diferencia os padrões de cada TT. Em TK_TT1, a opção mais frequente é nível narrativo 1, com 76% de frequência, e em 24H_TT1, a opção mais frequente é nível narrativo 2, com 70% de frequência.

Comparando as opções mais selecionadas entre os TOs e os TT1s (cf. QUADRO 45 e QUADRO 60), notamos que as categorias gramaticais e narratológica tiveram as mesmas opções como mais frequentes. Com isso podemos dizer que os TT1s confirmam os padrões de seus respectivos TOs.

A próxima subseção será de análise dos TT2s.

4.3 Análise dos TT2s

Os TT2s são retraduições para o PB feitas entre as décadas de 1990 e 2010 dos textos ficcionais escritos originalmente em alemão.

A primeira categoria gramatical analisada é tipo de verbo, a qual podemos verificar nas TABELA 18 e Tabela 19

TABELA 18: Tipo de verbos em TK_TT2

	TK_TT2	
membro geral	34	53%
específico de demanda	13	20%
com características circunstanciais	8	12%
modo especificando conotação	6	9%
específico de fornecimento	4	6%
TOTAL	65	100%

TABELA 19: Tipo de verbos em 24H_TT2

	24H_TT2	
membro geral	30	49%
modo especificando conotação	15	24%
com características circunstanciais	8	13%
específico de demanda	7	11%
específico de fornecimento	2	3%
TOTAL	62	100%

Membro geral foi a opção mais selecionada em ambos os TT2s. Em TK_TT2, essa opção teve 53% de frequência, e em 24H_TT2 teve 49% de frequência. Os verbos do tipo específico de demanda foram o segundo tipo mais frequente em TK_TT2 (20%), e em 24H_TT2 essa opção teve 11% de seleção. A segunda opção mais frequente em 24H_TT2 foram os verbos do tipo modo especificando conotação (24%), e em TK_TT2 essa opção teve 9% de seleção. A subcategoria de verbos do tipo específico de fornecimento foi a menos frequente nos TT2s, com 6% em TK_TT2 e 3% em 24H_TT2. Em TK_TT2 os verbos do tipo modo especificando conotação, teve 9% de frequência, sendo a segunda categoria menos selecionada. Em 24H_TT2, a segunda categoria menos selecionada foi verbo do tipo específico de demanda, com 11%.

Para melhor visualização dos dados em percentagens, exibimos o GRÁFICO 11 seguinte.

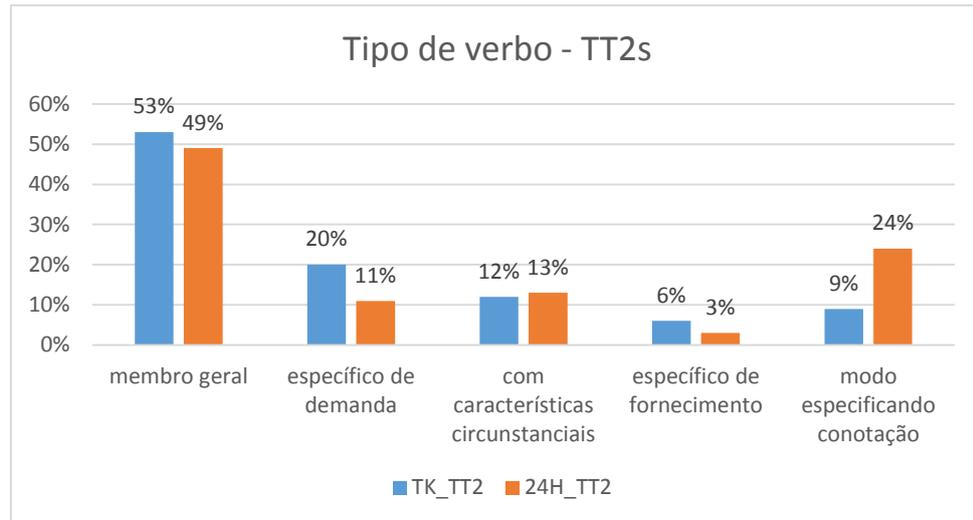


GRÁFICO 11: Categoria tipo de verbo nos TT2s

Exemplificamos a seguir as opções mais frequentes: membro geral em TK_TT2 e em 24H_TT2, verbos específicos de demanda em TK_TT2, e verbos do tipo modo especificando conotação em 24H_TT2. Os verbos lexicais que realizam PVs estão destacados em negrito.

QUADRO 61: Exemplos de membro geral em 24H_TT2 e em TK_TT2

24H_TT2	— Vem! disse então bruscamente o rapaz (...)
24H_TT2	Aproximei-me dele e disse : (...)
TK_TT2	(...) e Hans pareceu percebê-lo, pois disse , à guisa de explicação: (...)
TK_TT2	— Primeiro par en avant! — disse o sr. Knaak, pois se iniciava uma nova volta.

QUADRO 62: Exemplos de verbo específico de demanda em TK_TT2

TK_TT2	— Quase fazem estalar? — perguntou Hans Hansen...
TK_TT2	— Você devia — observou Hans Hansen — pedir ao seu pai para também ter aulas, Kröger.
TK_TT2	Será que o artista é mesmo um homem? Perguntem “à mulher”!

QUADRO 63: Exemplos de verbos do tipo modo especificando conotação em 24H_TT2

24H_TT2	Já eu começava a temer que ela não tivesse me compreendido e me dispunha a repetir -lhe em inglês o que eu lhe tinha dito.
24H_TT2	— Repito, minha senhora, disse eu persistindo, que me nego a julgar ou a condenar um caso semelhante.
24H_TT2	— Repito, minha senhora, disse eu persistindo, que me nego a julgar ou a condenar um caso semelhante.

Nas TABELA 20 e Tabela 21 a seguir mostramos os verbos lexicais que realizam PVs nos TT2s.

TABELA 20: Verbos lexicais em TK_TT2

TK_TT2	
dizer	32
perguntar	10
responder	5
chamar	3
declarar	3
falar	2
pedir	2
observar	1
conversar	1
contar	1
continuar	1
pronunciar	1
gritar	1
interromper	1
soletrar	1
TOTAL	65

TABELA 21: Verbos lexicais em 24H_TT2

24H_TT2	
dizer	20
falar	10
repetir	7
perguntar	4
chamar	3
contar	3
responder	2
conversar	2
negar	2
relatar	2
pedir	1
acrescentar	1
insistir	1
julgar	1
condenar	1
mencionar	1
reproduzir	1
TOTAL	62

A seguir exemplificamos o verbo lexical dizer em TK_TT2 e os outros verbos lexicais além de dizer em TK_TT2 e em 24H_TT2. Destacamos os verbos lexicais que realizam os PVs nos exemplos em negrito.

QUADRO 64: Exemplos de membro geral (dizer) em TK_TT2

TK_TT2	— Acabei de ler algo maravilhoso, algo estupendo... — disse .
TK_TT2	— Está bem, então vamos pelo caminho dos muros! — disse , com uma voz comovida
TK_TT2	— Formidável! — disse Hans

QUADRO 65: Exemplos da subcategoria outros verbos lexicais além de dizer nos TT2s

TK_TT2	— Quase fazem estalar? — perguntou Hans Hansen...
24H_TT2	— (...) pois tudo que lhe contarei cabe no curso de um dia (...)
24H_TT2	Então aconteceu algo tão terrível que mal consigo relatar (...)
24H_TT2	Não é preciso muito boa vontade, e o senhor tem uma dose espantosa de boa vontade - acrescentou ela sorrindo de leve (...)

Quanto aos verbos lexicais que realizam PROJEÇÃO, ATIVIDADE ou o PARTICIPANTE VERBIAGEM, estes foram analisados na categoria ordem de dizer, como podemos observar nas TABELA 22 e Tabela 23.

TABELA 22: Ordem de dizer em TK_TT2

	TK_TT2	
semiose projetante de citação indicativa	40	61%
atividade de fala	11	17%
semiose não projetante verbiagem	8	12%
semiose projetante de relato indicativa	3	5%
atividade de alvo	2	3%
semiose projetante de citação imperativa	1	2%
TOTAL	65	100%

TABELA 23: Ordem de dizer em 24H_TT2

	24H_TT2	
semiose projetante de citação indicativa	18	29%
atividade de fala	16	26%
semiose não projetante verbiagem	18	29%
semiose projetante de relato indicativa	7	11%
atividade de alvo	2	3%
semiose projetante de citação imperativa	1	2%
TOTAL	62	100%

A opção semiose projetante de citação indicativa foi a mais frequente em TK_TT2, com 61%. Em 24H_TT2, essa opção teve 29% de ocorrências, mesma frequência que a opção semiose não projetante verbiagem. A segunda opção mais frequente em TK_TT2 foi atividade de fala, com 17%, e essa opção foi a terceira mais frequente em 24H_TT2, com 26%. A terceira opção mais frequente em TK_TT2 foi semiose não projetante verbiagem, com 12%.

As opções semiose projetante de relato indicativa (5% em TK_TT2 e 11% em 24H_TT2), semiose projetante de citação imperativa (2% em ambos os TT2s) e atividade de alvo (3% em ambos os TT2s) foram as menos selecionadas nos TT2s.

Visualizamos os dados percentuais de ordem de dizer nos TT2s no GRÁFICO 12 abaixo.

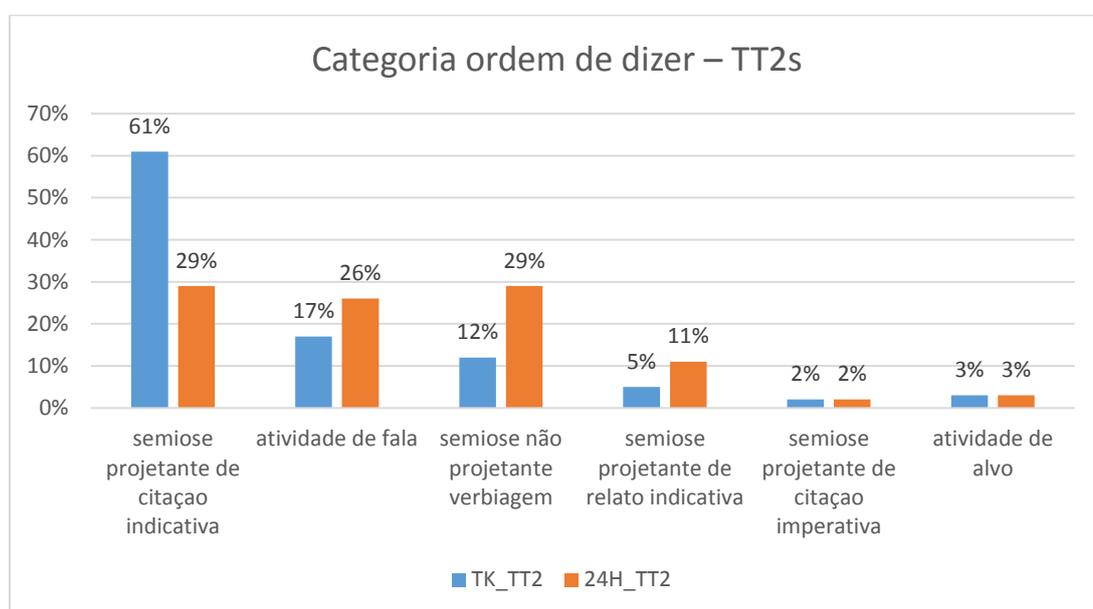


GRÁFICO 12: Categoria ordem de dizer nos TT2s

Verificamos abaixo exemplos das três opções mais selecionadas: semiose projetante de citação indicativa e atividade de fala em TK_TT2 e em 24H_TT2 e semiose não projetante verbiagem em 24H_TT2.

QUADRO 66: Exemplos de semiose projetante de citação indicativa nos TT2s

TK_TT2	— O quê? — perguntou Hans, e olhou para Tonio...
TK_TT2	— Bem, até logo! — disse Hans Hansen para os outros colegas.
24H_TT2	— Chame todo mundo de volta! — disse ao chefe dos funcionários, com voz quase irreconhecível.
24H_TT2	— Would you really? — disse ela outra vez em inglês, cheia de um espanto incrível e admirado.

QUADRO 67: Exemplos de atividade de fala nos TT2s

TK_TT2	Tonio Kröger respondeu afirmativamente.
TK_TT2	“Só faltava agora querer nos acompanhar e ficar o tempo todo falando das aulas de equitação...”
24H_TT2	— (...) e assim hoje faço a estranha tentativa de me absolver falando com o senhor.
24H_TT2	— (...) e na ocasião em que o ouvi falar tão objetivamente no caso Henriette (...)

QUADRO 68: Exemplos de semiose não projetante verbiagem em 24H_TT2.

24H_TT2	Eu já temia que ela tivesse me entendido mal, e me preparava para repetir em inglês o que dissera.
24H_TT2	Caso eu não considerasse aquela conversa importuna, ela gostaria de me pedir uma hora.
24H_TT2	Por outro lado, depois de o ter puxado até ali, não podia simplesmente deixá-lo plantado sem dizer uma palavra.

Verificamos também a frequência em que o PARTICIPANTE RECEPTOR foi selecionado. Na TABELA 24 mostramos em números absolutos e em percentagens os resultados da categoria recepção.

TABELA 24: Recepção nos TT2s

	TK_TT2		24H_TT2	
não recepção	54	83%	36	59%
recepção	11	17%	26	41%
TOTAL	65	100%	62	100%

A subcategoria não recepção foi a mais frequente tanto em TK_TT2 (83%) quanto em 24H_TT2 (59%). A seleção do PARTICIPANTE RECEPTOR em TK_TT2 foi de 17% e em 24H_TT2 foi de 41%.

Os resultados percentuais desta categoria também estão expostos no GRÁFICO 13.

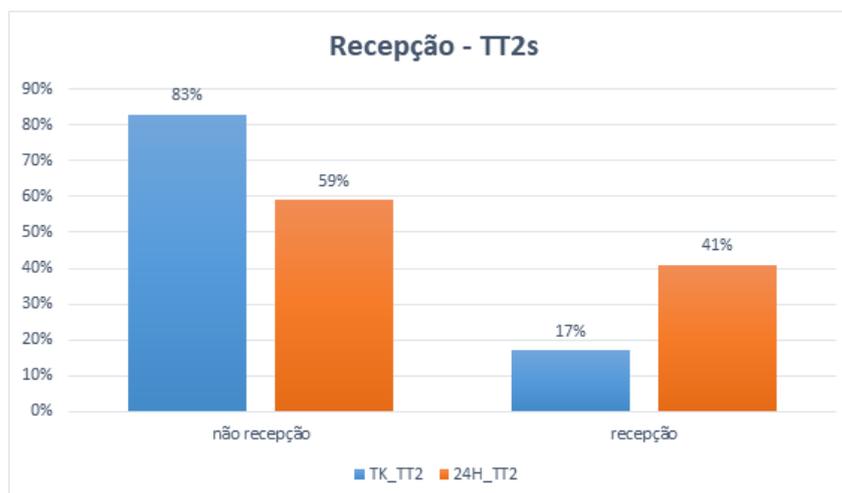


GRÁFICO 13: Categoria recepção nos TT2s

Exemplificamos a opção não recepção em TK_TT2 e a opção recepção em 24H_TT2 a seguir. Os verbos lexicais que realizam PVs estão destacados em negrito e os PARTICIPANTES RECEPTOR sublinhado.

QUADRO 69: Exemplos de não recepção em TK_TT2

TK_TT2	— Não. Mas também não direi mais nada.
TK_TT2	— O quê? — perguntou Hans, e olhou para Tonio...
TK_TT2	— Você vem ou não vem, Hans? — disse Tonio Kröger depois de esperar um longo tempo no meio da rua.

QUADRO 70: Exemplos de recepção em 24H_TT2

24H_TT2	— Assim, perguntei a ele , que estava imóvel do meu lado olhando fixamente a noite tempestuosa:
24H_TT2	— Chame todo mundo de volta! disse ao chefe dos funcionários , com voz quase irreconhecível.
24H_TT2	O casal alemão ficou mais reservado, enquanto o italiano passou a me perguntar repetidas vezes em tom zombeteiro se eu tivera notícias da "cara signora Henrietta".

Para verificar a seleção de ORAÇÕES VERBAIS nos TT2S cuja função semântica é proposição ou proposta, analisamos a TABELA 25.

TABELA 25: Função semântica nos TT2s

	TK_TT2		24H_TT2	
proposição	50	77%	55	89%
proposta	15	23%	7	11%
TOTAL	65	100%	62	100%

A opção mais selecionada nos TT2s é proposição, com 77% de frequência em TK_TT2 e 89% em 24H_TT2. A opção proposta teve 23% de seleção em TK_TT2 e 11% em 24H_TT2.

Acrescentamos o GRÁFICO 14 com os dados percentuais para melhor visualização dos dados.

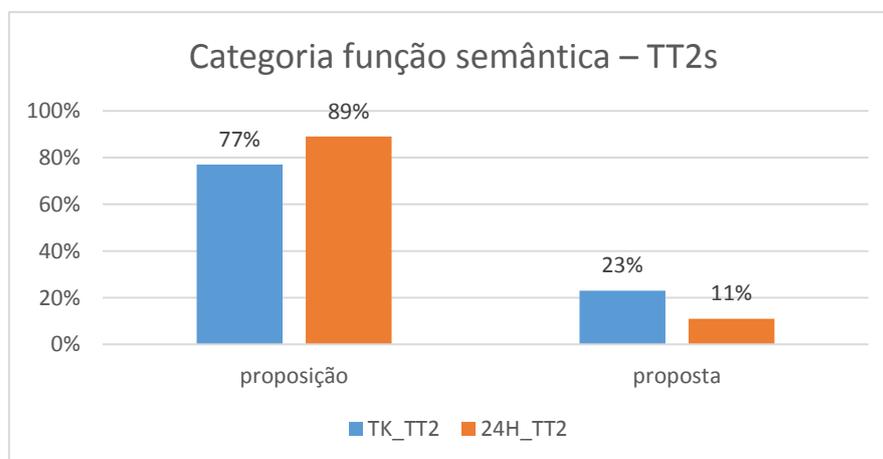


GRÁFICO 14: Categoria função semântica nos TT2s

Exemplificamos a subcategoria proposição em 24H_TT2 e em TK_TT2 e a subcategoria proposta em TK_TT2. Os verbos lexicais que realizam PVs estão destacados em negrito.

QUADRO 71: Exemplos de proposição nos TT2

24H_TT2	— Não é preciso muito boa vontade, e o senhor tem uma dose espantosa de boa vontade - acrescentou ela sorrindo de leve.
24H_TT2	— Aqui tem cem francos — disse eu
TK_TT2	— Lá vem o Erwin Jimmerthal — disse Hans.
TK_TT2	— E também reencontro o mesmo conflito, a mesma contradição que me atormentava em casa — disse ele, farejando o ar.

QUADRO 72: Exemplos de proposta em TK_TT2

TK_TT2	— O quê? — perguntou Hans, e olhou para Tonio...
TK_TT2	— Você parou no canto soprano; continue a partir daí.
TK_TT2	— Não diga “natureza”, Lisavieta.

Após finalizar as categorias gramaticais, verificamos a categoria narratológica de níveis narrativos nos TT2s de acordo com a TABELA 26.

TABELA 26: Níveis narrativos nos TT2s

	TK_TT2		24H_TT2	
nível narrativo 1	49	75%	23	37%
nível narrativo 2	16	25%	39	63%
TOTAL	65	100%	62	100%

O nível narrativo 1 teve 75% de frequência em TK_TT2 e 37% de frequência em 24H_TT2. Em 24H_TT2 o índice mais alto foi o nível narrativo 2, com 63% de seleção e em TK_TT2 esse nível teve frequência de 25%.

No GRÁFICO 15 é possível ter melhor visualização dos resultados em percentagem.

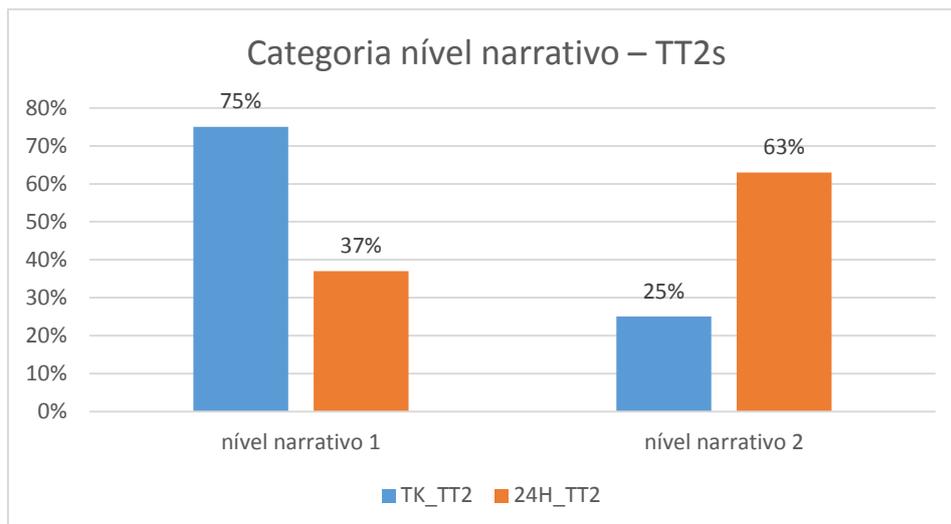


GRÁFICO 15: Categoria nível narrativo nos TT2s

A seguir exemplificamos o nível narrativo 1 em TK_TT2 e o nível narrativo 2 em 24H_TT2.

QUADRO 73: Exemplos de nível narrativo 1 em TK_TT2

TK_TT2	— Olá, Jimmerthal — disse Hans
TK_TT2	— Não... — respondeu Tonio com uma entonação indecisa.
TK_TT2	— Bem, que Deus o acompanhe, bátiuchka — disse Lisavieta, lavando as mãos numa bacia de folha de flandres.

QUADRO 74: Exemplos de nível narrativo 2 em 24H_TT2

24H_TT2	— (...) se eu me decidisse de uma vez a falar livremente com alguém sobre esse único dia de minha vida.
24H_TT2	— (...) pois tudo que lhe contarei cabe no curso de um dia, apenas vinte e quatro horas dentro de sessenta e sete anos, e eu mesma me disse , com enlouquecedora freqüência: que importa ter uma vez agido com insensatez?
24H_TT2	— Talvez o senhor ainda não entenda por que conto tudo isso a um estranho, mas não se passa um dia, nem uma hora quase, sem que eu deixe de pensar nesse determinado fato, (...)

Finalizando essa seção, exibimos no QUADRO 75 as opções mais selecionadas em percentagem nas categorias gramaticais e narratológica nos TT2s.

QUADRO 75: Subcategorias mais selecionadas em TK_TT2 e 24H_TT2

Categorias	TK_TT2	%	24H_TT2	%
tipo de verbo	membro geral	53%	membro geral	49%
ordem de dizer	semiose projetante de citação indicativa	61%	semiose projetante de citação indicativa	29%
			Semiose não projetante verbiagem	29%
recepção	não recepção	83%	não recepção	59%
função semântica	proposição	77%	proposição	89%
nível narrativo	nível narrativo 1	75%	nível narrativo 2	63%

As categorias que tiveram as mesmas opções como mais frequentes são tipo de verbo, recepção e função semântica. A opção ordem de dizer teve o resultado parcialmente análogo. Em TK_TT2, a opção mais frequente semiose projetante de citação indicativa, e em 24H_TT2 duas opções tiveram a mesma frequência como mais altas: semiose projetante de citação indicativa e semiose não projetante verbiagem.

A opção nível narrativo teve resultados divergentes. A categoria nível narrativo evidencia a diferença de padrão dos dois romances, mas gramaticalmente, não foi possível identificar essa diferença por meio das categorias anotadas.

Ao comparar as opções mais selecionadas entre os TOs e os TT2s, observamos que as categorias gramaticais e narratológica tiveram as mesmas opções como mais frequentes. Com isso podemos dizer que os TT2s seguem padrões análogos de seus respectivos TOs.

Após verificarmos os padrões primeiramente dos TOs, seguido dos TT1s e TT2s, na próxima seção faremos a comparação entre os TOs e TTs para verificar se os TTs seguem ou não os padrões de seus respectivos TOs.

4.4 Comparação entre TOs e TTs

Por meio da categoria tradutória, verificamos se as ORAÇÕES VERBAIS são equivalentes ou não equivalentes. Para fazer o contraste entre os TOs e os TTs, foi necessário acrescentar a subcategoria zero em cada categoria anotada. A subcategoria não equivalência, foi selecionada quando há ORAÇÃO VERBAL em um texto, mas não há nenhuma ORAÇÃO em outro texto.

Primeiramente, apresentamos as categorias tradutórias para o romance TK. Em seguida, apresentamos as categorias tradutórias para o romance 24H.

4. 4. 1 Categorias tradutórias para TK_TO e TK_TTs

Em TK não houve ocorrências de não equivalência. Portanto, apresentamos as subcategorias de equivalência. Há dois tipos de equivalência: correspondência formal e mudança. Correspondência formal ocorre quando todas as categorias anotadas selecionam a mesma opção no TO e no TT. Mudança ocorre quando há divergência em alguma categoria, ou quando uma ORAÇÃO VERBAL é traduzida por uma ORAÇÃO de outro tipo.

Exibimos a TABELA 27 com as frequências de correspondência formal e mudança.

TABELA 27: Categoria equivalência para TK_TO e TK_TTs

	TO_TT1		TO_TT2	
correspondência formal	61	88%	60	87%
mudança	8	12%	9	13%
TOTAL	69	100%	69	100%

Conforme TABELA 27, constatamos que em TK, os textos TO e TT1 tiveram 88% de ocorrências de correspondência formal, e os textos TO e TT2 tiveram 87%. Em TO_TT1 a mudança é de 12%, e em TO_TT2 é de 13%.

Para melhor visualização das subcategorias correspondência formal e mudança da categoria equivalência, apresentamos o

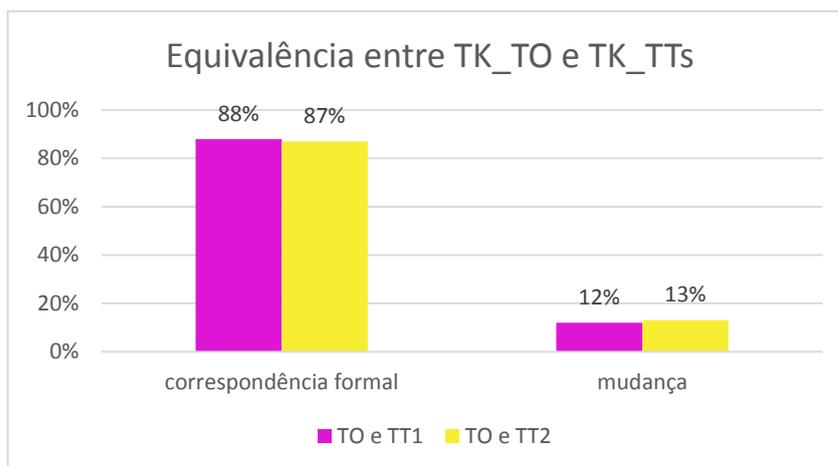


GRÁFICO 16: Equivalência entre TK_TO e TK_TTs

Em seguida, exemplificamos a subcategoria correspondência formal entre TK_TO e TK_TTs.

QUADRO 76: Exemplo da subcategoria correspondência formal entre TK_TO e TK_TTs

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TO	»Kommst du endlich, Hans?« sagte Tonio Kröger, der lange auf dem Fahrdamm gewartet hatte	sagen	sem. proj ⁴³ . de citação imperativa	não recepção	proposta	membro geral	1
TT1	"Vens afinal, Hans?" disse Tonio Kröger, que muito tempo o esperava na rua	dizer	sem. proj de citação imperativa	não recepção	proposta	membro geral	1
TT2	— Você vem ou não vem, Hans? — disse Tonio Kröger depois de esperar um longo tempo no meio da rua	dizer	sem. proj de citação imperativa	não recepção	proposta	membro geral	1

⁴³ "Sem. proj." é abreviação de "semoise projetante".

No QUADRO 76, podemos observar que em todas as categorias, as opções selecionadas são as mesmas. Por isso há correspondência formal entre os trechos.

No QUADRO 77 exemplificamos a opção mudança em TK_TO e TK_TTs.

QUADRO 77: Exemplo da subcategoria mudança entre TK_TO e TK_TT1

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TO	»Ich hatte es nämlich nicht vergessen, Tonio«, sagte Hans (...)	sagen	sem. proj de citação indicativa	não recepção	proposição	membro geral	2
<i>glossa</i>	— <i>Eu não o tinha esquecido, Tonio</i> —, <i>disse</i> Hans (...)	-	-	-	-	-	-
TT1	"Eu não o tinha esquecido, Tonio" disse-lhe Hans (...)	dizer	sem. proj de citação indicativa	recepção	proposição	membro geral	2

QUADRO 78: Exemplo da subcategoria mudança entre TK_TO e TK_TT2

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TO	Tonio Kröger antwortete ihm.	antworten	atividade de fala	recepção	proposição	verbo com característica circunstancial	2

<i>glossa</i>	<i>Tonio Kröger respondeu-lhe</i>	-	-	-	-	-	-
TT2	Tonio Kröger respondeu.	responder	atividade de fala	não recepção	proposição	verbo com característica circunstancial	2

Nos QUADRO 77 e Quadro 78, ilustramos mudanças na categoria recepção (não recepção foi traduzido como recepção e vice e versa), que também foram verificadas como o principal tipo de mudança.

A seguir exemplificamos um segundo tipo de opção mudança entre TK_TO e TK_TTs.

QUADRO 79: Exemplo da subcategoria mudança entre TK_TO e TK_TT1

	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TT0	»Meinen Glückwunsch«	∅	∅	∅	∅	∅	∅
TT1	digo- lhe "meus parabéns"	dizer	sem. proj. de citação indicativa	recepção	proposição	membro geral	1

QUADRO 80: Exemplo da subcategoria mudança entre TK_TO e TK_TT2

	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
Texto	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TO	»Gar keine? -- Wie ist Ihr Name?«	∅	∅	∅	∅	∅	∅
<i>Gloss</i>	— <i>Nenhum?</i> — <i>Qual é o seu nome?</i>	-	-	-	-	-	-
TT2	— Nenhum? Como o senhor se chama ?	chamar	atividade de fala	recepção	proposta	verbo específico de demanda	2

Nesses exemplos, podemos observar que no TO não há verbo lexical realizando um PV. Porém, nos TTs, os tradutores optaram por acrescentar o verbo lexical (dizer e chamar), havendo, portanto, mudança.

Na próxima seção estabeleceremos comparação entre as traduções do romance TK.

4. 4. 2 Comparação entre TK_TTs

Para verificar a proximidade entre os TTs do romance TK, analisamos se há analogia de escolhas entre as categorias gramaticais e narratológicas dos TTs. A opção analogia de escolhas significa que todas as categorias gramaticais e narratológica tiveram a mesma seleção nos TTs; a opção divergência de escolhas significa que em alguma (s) categoria (s) gramatical e/ou narratológica a opção selecionada foi diferente; e a opção zero significa que em algum TT há uma ORAÇÃO VERBAL, mas não há nenhuma ORAÇÃO no outro TT.

Entre os TK_TTs houveram apenas ocorrências de analogia de escolhas e de divergência de escolhas.

Apresentamos a TABELA 28 com os resultados em números absolutos e em percentuais para exibir a analogia de escolhas em TK_TTs.

TABELA 28: Analogia de escolhas entre TK_TTs

	TT1_TT2	
analogia de escolhas	54	78%
divergência de escolhas	15	22%
TOTAL	69	100%

Com os dados apresentamos acima, notamos que a frequência de analogia de escolhas é a mais alta (78%), e a opção divergência de escolhas teve 22% de frequência.

Apresentamos o GRÁFICO 17 para melhor visualização dos dados em percentagem.

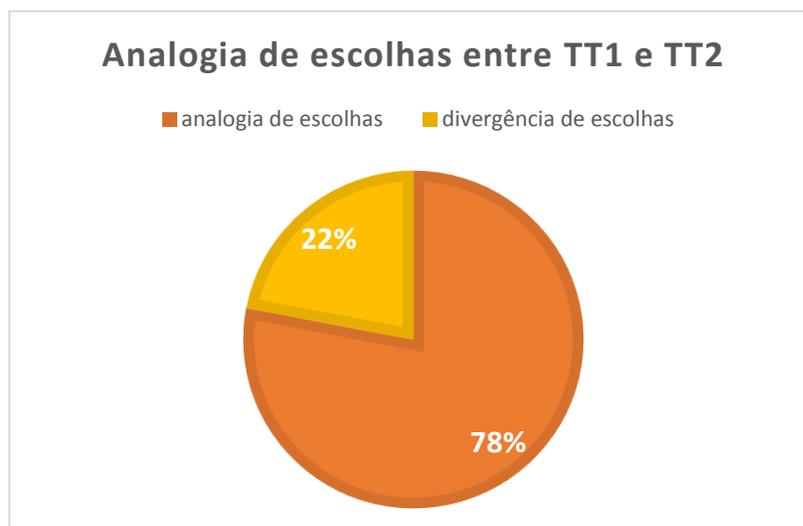


GRÁFICO 17: Analogia de escolhas entre os TK_TTs

Exemplificamos a seguir a opção analogia de escolhas em TK_TTs.

QUADRO 81: Exemplo da subcategoria analogia de escolhas entre TK_TT1 e TK_TT2

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TT1	"Oh não", disse Hans	dizer	sem. proj. de citação indicativa	não recepção	proposição	membro geral	1
TT2	— Ah, não — disse Hans Hansen	dizer	sem. proj. de citação indicativa	não recepção	proposição	membro geral	1

Percebemos no exemplo a mesma seleção de todas as categorias dos TTs, ou seja, analogia de escolhas.

No QUADRO 82 exemplificamos a subcategoria divergência de escolhas em TK_TTs.

QUADRO 82: Exemplo da subcategoria divergência de escolhas entre TK_TT1 e TK_TT2 –

	Categorias gramaticais	Categoria narratológica

Texto	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TT1	Tonio Kröger respondeu-lhe.	responder	atividade de fala	recepção	proposição	verbo com característica circunstancial	1
TT2	Tonio Kröger respondeu.	responder	atividade de fala	não recepção	proposição	verbo com característica circunstancial	1

Consoante dados do QUADRO 82, notamos que a divergência de escolha ocorreu na categoria recepção, pois em TK_TT1 há recepção, e em TK_TT2 não há. Divergências de escolhas nessa categoria foram as mais frequentes.

Na próxima subseção analisaremos as categorias tradutórias do romance 24H.

4. 4. 3 Categorias tradutórias para 24H_TO e 24H_TTs

Exibimos a TABELA 29 com os resultados em números absolutos e em percentagem para verificar as categorias tradutórias para 24H_TO e 24H_TTs. A opção não equivalência foi selecionada quando há ORAÇÃO VERBAL em um texto, mas não há nenhuma ORAÇÃO em outro texto.

TABELA 29: Categorias tradutórias para 24H_TO e 24H_TTs

	TO_TT1		TO_TT2	
equivalência	67	96%	70	100%
não equivalência	3	4%	0	0%
TOTAL	70	100%	70	100%

Conforme a TABELA 29, constatamos que a frequência de equivalência entre 24H_TO e 24H_TT2 é de 100%, e entre 24H_TO e 24H_TT1 é de 96%. Já a opção não equivalência teve ocorrências apenas em 24H_TT1 (4%)

Apresentamos o GRÁFICO 18 com os resultados percentuais para melhor visualização dos dados.

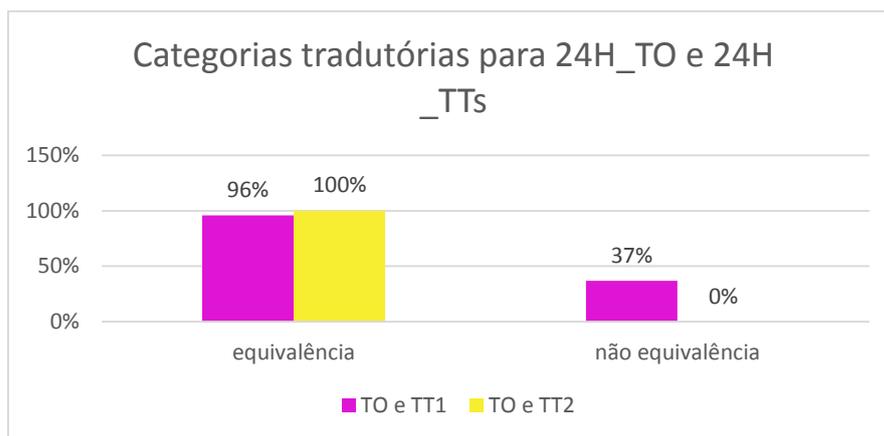


GRÁFICO 18: Categorias tradutórias para 24H_TO e 24H_TTs

Em seguida, verificamos se a equivalência é do tipo correspondência formal ou mudança. A opção correspondência formal foi selecionada quando as categorias gramaticais e narratológicas do TT convergem com as categorias do TO; a opção mudança foi selecionada quando alguma (s) categoria (s) do TT não convergem com a (s) categoria (s) do TO.

Apresentamos a TABELA 30 com as frequências de correspondência formal e mudança.

TABELA 30: Categoria equivalência para 24H_TO e 24H_TTs

	TO_TT1		TO_TT2	
correspondência formal	34	51%	46	66%
mudança	33	49%	24	34%
TOTAL	67	100%	70	100%

Conforme TABELA 30, constatamos que em 24H, os textos TO e TT1 tiveram 51% de ocorrências de correspondência formal, e os textos TO e TT2 tiveram 66%. Em TO_TT1 a mudança é de 49%, e em TO_TT2 é de 34%.

No GRÁFICO 19 é possível ter melhor visualização das porcentagens.

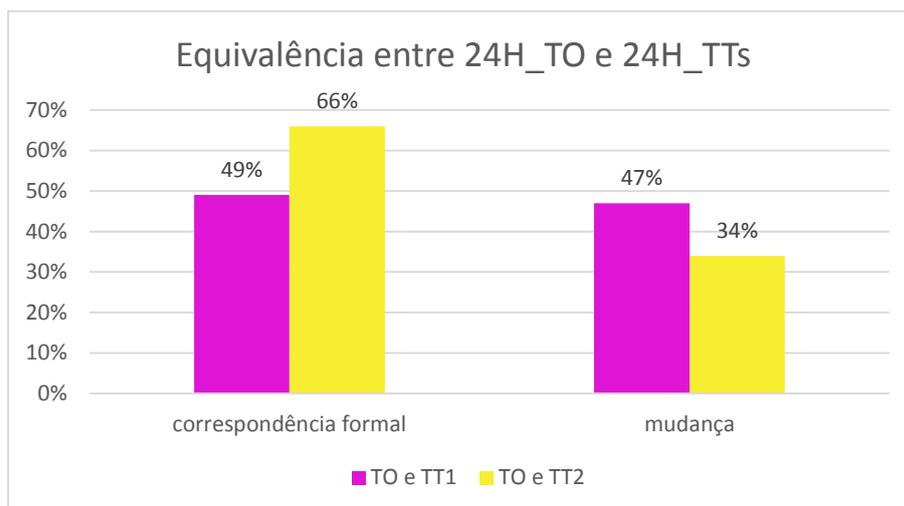


GRÁFICO 19: Equivalência entre 24H_TO e 24H_TTs

A seguir exemplificamos a subcategoria correspondência formal em 24H_TO e 24H_TTs.

QUADRO 83: Exemplo da subcategoria correspondência formal em 24H_TO e 24H_TTs

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TO	»Und mit ihr sprechen? «	sprechen	atividade de fala	recepção	proposição	membro geral	2
TT1	— E falaria com ela?	falar	atividade de fala	recepção	proposição	membro geral	2
TT2	— E falaria com ela?	sagen	atividade de fala	recepção	proposição	membro geral	2

No QUADRO 83 podemos observar a mesma seleção de todas as opções nas categorias gramaticais e também na categoria narratológica, resultando em correspondência formal entre os textos.

No QUADRO 84 exemplificamos a opção mudança em 24H_TO e 24H_TT1 e em 24H_TO e 24H_TT2.

QUADRO 84: Exemplo da subcategoria mudança em 24H_TO e 24H_TT1

Categorias gramaticais							Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TO	»Da haben Sie hundert Franken,« sagte ich.	sagen	sem. proj. de relato indicativa	não recepção	proposição	membro geral	2
<i>glossa</i>	— <i>Aqui tem cem francos, — disse eu.</i>	-	-	-	-	-	-
TT1	— Aqui tem cem francos, disse -lhe eu.	dizer	sem. proj. de relato indicativa	recepção	proposição	membro geral	2

QUADRO 85: Exemplo da subcategoria mudança em 24H_TO e 24H_TT2

Categorias gramaticais							Categoria narratológica
Texto	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TO	»Ich wiederhole Ihnen, gnädige Frau,«	wiederholen	sem. proj.de relato indicativa	recepção	proposição	verbo com característica circunstancial	2
<i>glossa</i>	— <i>Eu repito-lhe, minha senhora, —</i>	-	-	-	-	-	-
TT2	— Eu repito , minha senhora —	repetir	sem. proj.de relato indicativa	não recepção	proposição	verbo com característica circunstancial	2

Nos exemplos acima, podemos notar a mudança na categoria recepção. Quando a seleção de uma opção difere de um texto para o outro, há mudança. No romance 24H observamos que a maioria das mudanças ocorrem nessa categoria.

No QUADRO 86 exemplificamos um segundo tipo de mudança entre 24H_TO e 24H_TT1.

QUADRO 86: Exemplo da subcategoria não equivalência entre 24H_TO e 24H_TT1

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TO	»Rufen Sie alle zurück!« sagte er	sagen	sem. proj.de citação indicativa	não recepção	proposta	membro geral	2
Glossa	— <i>Chamem todo mundo de volta!</i> — disse ele	-	-	-	-	-	-
TT1	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅

Nesse exemplo podemos observar que no TO há uma ORAÇÃO VERBAL, que o tradutor do TT1 optou por suprimir da tradução. Com isso, não há como estabelecer equivalência entre TO e TT1 nesse trecho.

Na próxima subseção, estabeleceremos comparação entre os TTs do romance 24H.

4. 4. 4 Comparação entre 24H_TTs

Verificamos a proximidade entre os TTs de 24H analisando a frequência de analogia de escolhas entre as categorias gramaticais e a categoria narratológica. Selecionamos a subcategoria analogia de escolhas quando há a seleção das mesmas opções gramaticais e narratológica em ambos os TTs; selecionamos a subcategoria divergência de escolhas quando alguma (s) categoria (s) gramatical e/ou narratológica foi divergente entre os TTs; por fim, selecionamos a opção zero quando em algum TT há uma ORAÇÃO VERBAL, mas não há em no outro TT.

Apresentamos a TABELA 31 com os resultados em números absolutos e em percentuais para exibir a analogia de escolhas em 24H_TTs.

TABELA 31: Analogia de escolhas entre 24H_TTs

	TT1_TT2	
	divergência de escolhas	34
analogia de escolhas	33	47%
zero	3	4%
TOTAL	70	100%

Conforme os dados acima, a subcategoria divergência de escolhas foi a mais frequente, com 49% das ocorrências. A subcategoria analogia de escolhas teve 47% de frequência, e a subcategoria zero teve 4%.

No GRÁFICO 20 é possível ter melhor visualização das percentagens.

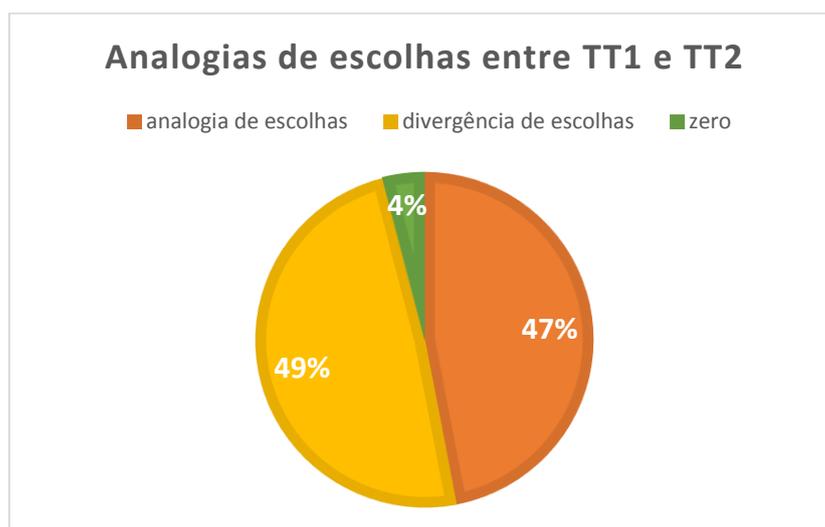


GRÁFICO 20: Analogia de escolhas entre 24H_TTs

A seguir, verificamos exemplos da subcategoria analogia de escolhas entre os TTs.

QUADRO 87: Exemplo da subcategoria analogia de escolhas entre 24H_TT1 e 24H_TT2

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo

TT1	" Chamem todo o mundo: é inutil procurar minha mulher (...) "	chamar	sem. proj.de citação imperativa	recepção	proposta	verbo específico de demanda	2
TT2	– Chame todo mundo de volta, não é mais necessário procurar(...)	chamar	sem. proj.de citação imperativa	recepção	proposta	verbo específico de demanda	2

Notamos as mesmas seleções em todas as categorias em ambos os TTs, o que resulta em analogia de escolhas.

Exemplificamos a seguir a subcategoria divergência de escolhas em 24H_TTs.

QUADRO 88: Exemplo da subcategoria divergência de escolhas entre 24H_TT1 e 24H_TT2

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TT1	A partir desse instante, uma certa agitação como que uma inquietação, indicou-me que enquanto ela falava estava pensando em coisa diferente.	falar	atividade de fala	não recepção	proposição	membro geral	1
TT2	E a partir desse momento certa distração e nervosismo revelaram, enquanto falava comigo, que estava pensando em outra coisa.	falar	atividade de fala	recepção	proposição	membro geral	1

Nos exemplos acima podemos notar divergência de escolhas na categoria recepção, pois em TT1 não há seleção do PARTICIPANTE RECEPTOR, enquanto que no TT2 há essa seleção.

A última subcategoria exemplificada é a zero entre 24H_TTs.

QUADRO 89: Exemplo da subcategoria zero entre 24H_TT1 e 24H_TT2

Texto	Categorias gramaticais						Categoria narratológica
	Oração verbal	Verbo lexical	Ordem de dizer	Recepção	Função semântica	Tipo de verbo	Nível narrativo
TT1	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅
TT2	– Chame todo mundo de volta!	chamar	atividade de fala	recepção	proposição	membro geral	2

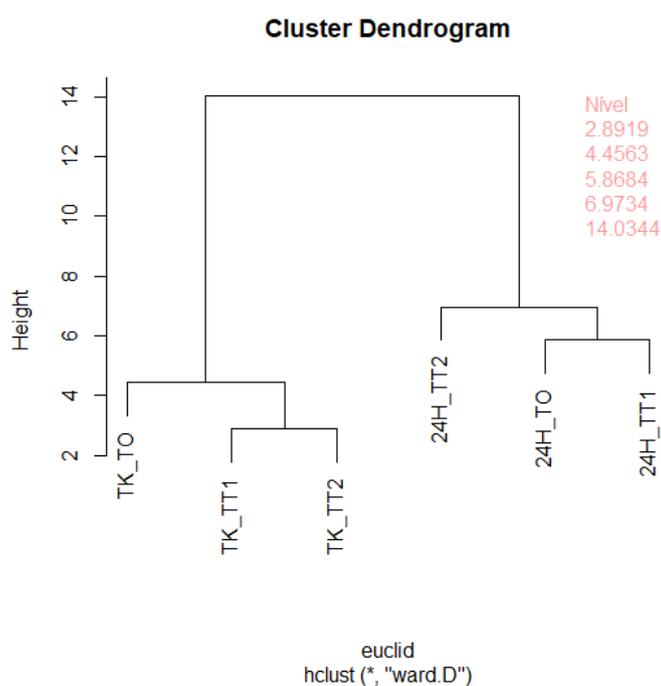
Nos exemplos acima verificamos que em 24H_TT1 o tradutor optou por suprimir um trecho do texto que está realizado no TT2. Por isso, a opção selecionada foi zero.

4.5 Hipótese de retradução (Berman, 1990)

Antes da análise, verificamos como os dendrogramas devem ser interpretados:

Nos dendrogramas, os agrupamentos são representados na forma de ramificações semelhantes à de uma árvore. Cada ramo corresponde a um agrupamento de elementos com maior similaridade entre si. O eixo vertical mede a altura de cada ramo ou o nível de similaridade entre os elementos. A relação entre a altura de um ramo e o nível de similaridade entre os elementos é inversa: quanto mais alto for um ramo, menor é a similaridade entre eles. O nível de similaridade também é indicado no canto superior direito de cada dendrograma e quanto menor ele for, maior é a similaridade entre os elementos (FERREGUETTI, 2018, p. 91).

Para verificar se a hipótese de retradução (Berman, 1990) é confirmada ou não em nosso *corpus*, geramos um dendrograma no ambiente de programação R (R CORE TEAM, 2018), que mostra quais textos são mais próximos entre si. O *script* desenvolvido para extração de dados pode ser consultado no ANEXO.



Conforme dados do dendrograma, podemos verificar dois agrupamentos: um relativo ao romance TK e outro ao romance 24H. De acordo com Ferregueti (2018), a similaridade dos textos é medida em relação à altura. O agrupamento de TK está mais baixo do que o agrupamento de 24H. Isso indica que os textos de TK têm maior similaridade do que os textos de 24H. A ramificação que agrupa TK_TT1 e TK_TT2 mostra que esses dois textos são mais próximos entre si, e TK_TO é o mais distante. Como a ramificação de TK_TO está mais próximo de TK_TT1, constatamos que TK_TO está mais próximo de TK_TT1 do que de TK_TT2.

Quanto ao romance 24H, observamos que a altura da ramificação é mais alta, o que indica que esses textos são menos próximos entre si do que os textos de TK. A ramificação que agrupa os textos 24H_TO e 24_TT1 indica que esses dois textos têm maior proximidade. Já a ramificação de 24H_TT2 mais próxima da de 24H_TO indica que 24H_TT2 está mais próximo de 24H_TO do que de 24H_TT1.

No entanto, conforme dados da seção 4.4 (Comparação entre TOs e TTs), notamos que as categorias gramaticais tiveram a mesma seleção nos dois textos, e apenas a categoria narratológica teve resultados divergentes. Com isso, não conseguimos explicar a diferença de padrão de cada texto analisando o estrato da lexicogramática (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014), apenas com a categoria da narratologia (RIMMON-KENAN, 2005), pois cada texto teve maior seleção de uma opção diferente: TK selecionou mais ou nível narrativo 1, e 24H selecionou mais o nível narrativo 2.

Considerando que para confirmar a hipótese de retradução de Berman (1990) é necessário que o TT2 seja mais próximo do TO, em nosso *corpus* não confirmamos tal hipótese.

A seguir, exibimos o FIGURA 8 que mostra a proximidade entre os TTs, para verificar se os TT1s e TT2s se agrupam entre si.

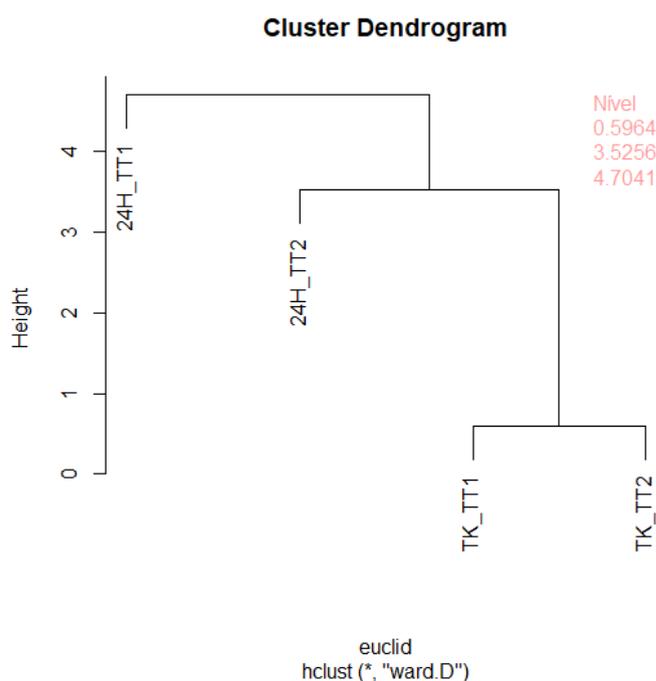


FIGURA 8: Dendrograma exibindo aproximação entre as traduções

Diferentemente dos resultados obtidos por Pagano (2017), onde os TT1s e os TT2s se agrupavam na mesma ramificação, mostrando proximidade entre os textos, em nosso

dendrograma, verificamos que no romance TK as traduções estão na mesma ramificação, mostrando proximidade entre elas. No romance 24H, as traduções não estão próximas entre si. 24H_TT2 está mais próxima de TK_TT1, e o dendrograma está indicando 24H_TT1 como a mais diferente das traduções.

4. 6 Comparação de resultados com Pagano (2017) e Guimarães (2018)

A comparação dos nossos resultados com os encontrados por Pagano (2017) e Guimarães (2018) também é um objetivo dessa pesquisa. Os resultados similares foram:

- ✓ TT1s: maior índice de não equivalência que TT2s - é análogo ao resultado de Pagano (2017) e Guimarães (2018) apenas para o romance TK;
- ✓ TT2s: maior índice de equivalência que TT1s - é análogo ao resultado de Pagano (2017) e Guimarães (2018) apenas para o romance 24H;
- ✓ TT1s: maior índice de mudança que TT2s - é análogo ao resultado de Guimarães (2018) em ambos os romances;
- ✓ dizer/ *sagen* são os do tipo verbos membro geral mais frequentes para representação da fala em orações de citação e relato em textos ficcionais - é análogo ao resultado de Pagano (2017) e Guimarães (2018);

Contudo, observamos que alguns dados divergem de Pagano (2017) e Guimarães (2018):

- ✓ TT1s: maior variedade lexical de verbos realizando PROCESSOS VERBAIS, sendo que as TT2s têm frequências de ocorrência mais próximas às do TOs;
- ✓ TT2s: maior frequência de projeção citação;
- ✓ Omissão do correspondente verbal de *sagen* nas traduções.
- ✓ Não confirmamos a Hipótese de retradução (Berman, 1990)

A respeito da omissão do correspondente verbal de *sagen* nas traduções, encontramos apenas duas ocorrências. Uma delas foi no romance TK, em que a omissão ocorreu nas duas traduções. A outra omissão foi em 24H, em que o correspondente verbal de *sagen* não foi traduzido apenas em 24H_TT2, apresentado a seguir. Os verbos lexicais que realizam os PROCESSOS VERBAIS estão destacados em negrito.

QUADRO 90: Omissão do correspondente verbal de *sagen* em TK_TTs

TK_TO	Famose Abbildungen sind darin, sage ich dir.
<i>Glossa</i>	<i>Esplêndidas figuras estão lá, digo-lhe eu.</i>
TK_TT1	Ha estampas magnificas. Ø
TK_TT2	— Eles têm ilustrações formidáveis. Ø

QUADRO 91: Omissão de *sagen* em 24H_TT2

24H_TO	Ich sagte nämlich: »So wird man eben ein Zimmer in einem Hotel nehmen. «
<i>Glossa</i>	<i>Eu disse, pois: — Então se pegará um quarto em um hotel.</i>
24H_TT2	— Então teremos de pegar um quarto num hotel. Ø

Na próxima seção, apresentamos uma síntese dos resultados.

4.7 Síntese dos resultados

De acordo com a análise das categorias gramaticais, narratológica e dos dendrogramas desenvolvidos no ambiente de programação R (R CORE TEAM, 2018) do romance TK e do romance 24H, verificamos que, de forma geral, tanto nos TOs quanto nos TTs de cada romance as opções da categoria gramatical tiveram a mesma seleção: na categoria tipo de verbo, a opção mais selecionada foi membro geral; em ordem de dizer a opção mais selecionada foi semiose projetante de citação indicativa; em recepção a opção com mais seleção foi não recepção; em função semântica ambos os romances selecionaram mais a opção não recepção. A única diferença gramatical nos resultados foi na categoria função semântica, em 24H_TT2, na qual duas opções tiveram a mesma percentagem de seleção: semiose projetante de citação indicativa e semiose não projetante verbiagem. Já na categoria narratológica, cada romance selecionou uma opção como mais frequente: TK teve maior seleção do nível narrativo 1 e 24H teve maior seleção do nível narrativo 2.

Na análise das categorias tradutórias, primeiro verificamos a frequência de equivalência e de não equivalência entre os TOs e TTs. A opção não equivalência foi anotada quando há uma ORAÇÃO VERBAL em um texto, mas há omissão do trecho no outro texto. Em seguida, verificamos o tipo de equivalência: correspondência formal (quando todas as categorias gramaticais e narratológicas selecionam as mesmas opções) ou mudança (quando há divergência de seleção de alguma (s) categoria (s), ou quando uma ORAÇÃO VERBAL foi traduzida por outro tipo de ORAÇÃO). Em TK, a frequência de equivalência foi de 100%

TO_TT1 e TO_TT2. Em TO_TT1, 88% de equivalência foi do tipo correspondência formal, e 12% do tipo mudança. Em TO_TT2, 87% da equivalência foi do tipo correspondência formal, e 13% do tipo mudança. Em 24H, os textos TO_TT1 tiveram 96% de equivalência e 4% de não equivalência. Na opção equivalência, 49% das ocorrências foram do tipo correspondência formal e 47% foram do tipo mudança. Em TO_TT2 houve 100% de equivalência, sendo 66% do tipo correspondência formal e 34% do tipo mudança.

Para verificar a proximidade entre as TTs, verificamos se as escolhas das categorias gramaticais e narratológica foram análogas, divergentes ou se havia alguma ORAÇÃO VERBAL em algum TT que não foi traduzida em outro TT (opção zero). Em TK, a opção analogia de escolhas teve 78%, e a opção divergência de escolhas teve 22%. Não houve seleção da opção zero. Em 24H, a opção mais frequente foi divergência de escolhas, com 49% de seleção. A opção analogia de escolhas teve 47% de seleção, e a opção zero 4%.

Por fim, geramos dendrogramas para confirmar a hipótese de retradução de Berman (1990), e verificamos que a Hipótese não foi confirmada, dado que em TK as traduções são mais próximas entre si e em 24H o TT1 é mais próximo do TO. Verificamos também se os TT1s e os TT2s eram mais próximos entre si, e de acordo com nossos dados, observamos que em TK, os TTs são mais próximos entre si mas, em 24H, o TT2 é mais próximo de TK_TT1, e o texto 24H_TT1 é o texto mais diferente entre as traduções. Considerando as variáveis analisadas, isso confirma os resultados anteriores de que cada romance (TK e 24H) tem seu próprio padrão.

As considerações finais desta pesquisa são apresentadas na próxima seção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos verbos lexicais que realizam PROCESSOS VERBAIS em textos ficcionais escritos originalmente em alemão e suas respectivas traduções e retraduições para o português brasileiro, com o suporte teórico da Linguística sistêmico funcional. Para delimitar nosso *corpus* selecionamos duas épocas em que essas traduções foram feitas: entre as décadas de 1930 – 1950, “(...) período histórico caracterizado pelo surgimento e crescimento de indústrias culturais impulsionadas por um processo de crescimento industrial e modernização que fomentaram a expansão do sistema educacional e um florescente mercado editorial (...)”⁴⁴, e entre as décadas de 1990 – 2010, “(...) em um período histórico diferente, quando o mercado editorial no Brasil estava consolidado (...)”⁴⁵.

Ao analisar esses romances e suas respectivas traduções e retraduições, tínhamos como objetivos: verificar padrões que caracterizassem e diferenciasssem a realização de PROCESSOS VERBAIS em textos ficcionais em AL e em PB; distinguir as realizações gramaticais e narratológicas entre os TTs e, por último, contrastar nossos resultados com os resultados obtidos por Pagano (2017) e Guimarães (2018). O objetivo de investigar os padrões de PROCESSOS VERBAIS no nosso *corpus* foi cumprido. De forma geral, as opções mais selecionadas nas categorias gramaticais convergem. Gramaticalmente, nos TOs e nos TT1s há convergência de todas as categorias gramaticais. Nos TT2s, a categoria ordem de dizer teve divergência na opção mais selecionada. Em TK_TT2, a subcategoria mais frequente foi semiose projetante de citação indicativa, e em 24H_TT2 essa opção tem a mesma frequência de semiose não projetante verbiagem. Narratologicamente, constatamos que cada romance tem seu padrão. O romance TK seleciona mais o nível narrativo 1 e o romance 24H seleciona mais o nível narrativo 2 em todos os textos.

Ademais, por meio dos dendrogramas gerados no ambiente de programação R (R CORE TEAM, 2018), pudemos verificar que a hipótese de retradução (BERMAN, 1990) não é confirmada em nosso *corpus*.

A metodologia utilizada para anotação das categorias e suas respectivas subcategorias nesse estudo foi satisfatória e produtiva para investigar os PROCESSOS VERBAIS. Conciliar a

⁴⁴Nossa tradução para: “(...) a historical period characterized by the emergence and growth of cultural industries propelled by a process of industrial growth and modernization that fostered the expansion of the educational system and a flourishing editorial Market (...)” (PAGANO, 2017, p. 73).

⁴⁵Nossa tradução para: “(...) in a different historical period, when the publishing market in Brazil was consolidated (...)” (PAGANO, 2017, p. 123).

anotação do *corpus* em planilha eletrônica e a utilização do ambiente de programação R para extração e contagem dos dados foi frutífero para a análise quantitativa dos dados.

Ao realizar esta pesquisa, contribuimos para a ampliação de estudos na área dos Estudos da Tradução e da Teoria Sistêmico Funcional, fornecendo análises empíricas sobre as relações de equivalência, correspondência formal e mudança em textos ficcionais no par linguístico AL - PB. Essas análises podem auxiliar tradutores em formação, por mostrarem dados qualitativos e quantitativos que comparam e contrastam as traduções em ambas as línguas. Contribuímos também para a expansão de estudos embasados pela Linguística Sistêmico Funcional ao realizarmos uma pesquisa com o par linguístico português-brasileiro – alemão. Realizar esta pesquisa com o par linguístico português brasileiro – alemão é de grande importância, dado que pesquisas com este par linguístico são escassas.

Acreditamos que pesquisas realizadas em um *corpus* mais amplo, com a inclusão de romances de outros gêneros, como policial, fantasia, entre outros, seria relevante para ampliar os resultados encontrados, e possivelmente evidenciar a relação entre as categorias gramaticais e narratológicas. As limitações desta pesquisa se referem à limitação de análise apenas na METAFUNÇÃO IDEACIONAL. Ao expandir a análise também para as METAFUNÇÕES INTERPESSOAL e TEXTUAL, seriam analisadas mais variáveis lexicogramaticais e mais dados seriam obtidos para verificar a proximidade entre os textos e a hipótese de retradução.

REFERÊNCIAS

- BAL, M. *Narratology*. 3ª. ed. Toronto, Buffalo, Londres: University of Toronto Press, 2001.
- BERMAN, A. La Retraduction Come Espace de la Traduction. **Palimpsestes**, p. 1-7, 1990.
- CATFORD, J. **A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- CATFORD, J. **Uma teoria linguística da tradução: um ensaio de linguística aplicada**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- FERREGUETTI, K. **As orações existenciais em inglês e português brasileiro: um estudo baseado em corpus**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras - UFMG, 2014. Dissertação de Mestrado.
- FERREGUETTI, K. **A frase preposicional com função de qualificador no grupo nominal: um estudo de equivalentes textuais no par linguístico inglês e português brasileiro**. Belo Horizonte, 2018. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
- FIGUEREDO, G. P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues**. Belo Horizonte: [s.n.], 2011. 383 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
- FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- GUIMARÃES, T. T. **Processos verbais em traduções de romances policiais: uma busca por padrões em inglês e português brasileiro**. Belo Horizonte, 2015. 72 p. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Monografia (Bacharelado em Letras).
- GUIMARÃES, T. T. **Processos verbais na representação da fala em textos ficcionais: um estudo de romances em inglês e suas traduções e retraduições para o português brasileiro**. Belo Horizonte, 2018. 182 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as a Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning**. Baltimore: University Park Press, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4. ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4. ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014.

- HALLIDAY, M. A. K.; MCINTOSH, A.; STREVEN, P. **The linguistic sciences and language teaching**. Londres: Longmans, 1964. p. 322.
- HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. J. **Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics**. Nova Iorque e Londres: Continuum International Publishing Group, 2009. 308 p.
- HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: _____ **Translation Section of the Third International Congress of Applied Linguistics**. Copenhagen: [s.n.], 1972. p. 67-79.
- MALMKJAER, K. **Linguistics and the language of translation**. Edinburgh: Edinburg University Press, 2005.
- MALMKJAER, K. Linguistics approaches to translation. In: MALMKJAER, K.; WINDLE, K. **The Oxford handbook of translation studies**. Nova Iorque: Oxford University, 2011. p. 57 - 70.
- MANN, T. **Tonio Kröger**. Berlim: Fischer, 1903.
- MANN, T. **Tonio Kröger**. Tradução de Charlotte von Orloff. Rio de Janeiro: Record, 1934.
- MANN, T. **Tonio Kröger**. Tradução de Mário Luiz Frungillo. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Deploying Functional Grammar**. Beijing: The Commercial Press, 2010.
- MATTHIESSEN, C. M. I. The environments of translation. In: ERICH, S.; COLLIN, Y. **Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Content**. Berlin e Nova Iorque: Mouton De Gruyter, 2001. p. 41-124.
- PAGANO, A. Contextual Approach to Translation Equivalence. In: LAVIOSA, S., et al. **Textual and Contextual Analysis in Empirical Translation Studies - New Frontiers in Translation Studies**. Singapura: Springer, 2017. Cap. 4, p. 73-127.
- PAGANO, A. S.; FERREGUETTI, K.; FIGUEREDO, G. P. Significados relacionais em tradução: uma abordagem da equivalência baseada em corpus. **Caderno de Letras**, Belo Horizonte, v. 17, p. 88-91, 2011. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/cadernodeletras/files/2014/05/Caderno-de-Letras-7.pdf>>. Acesso em: 18 Julho 2017.
- RIMMON-KENAN, S. Narration: levels and voices, Narration: speech representation. In: RIMMON-KENAN, S. **Narrative Fiction**. 2ª. ed. Londres e Nova York: Routledge, 2005. Cap. 7 e 8 , p. 89-108.

- RIMMON-KENAN, S. Narration: levels and voices, Narration: speech representation. In: RIMMON-KENAN, S. **Narrative Fiction**. 2^a. ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2005. Cap. 7 & 8 , p. 89-108.
- SARDINHA, T. B. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.
- SEMINO, E.; SHORT, M. **Corpus Stylistics - Speech, writing and thought presentation in a corpus of English writing**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2004.
- STEINER, E. Halliday and translation theory enhancing the options, broadening the range. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN, C.; WEBSTER, J. **Continuing Discourse on Language: A Functional Perspective**. Londres: Equinox, 2005. p. 481 - 500.
- STEINER, E.; TEICH, E. Metafunctional profile of the grammar of German. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. **Language Typology: a functional perspective**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. Cap. 3, p. 139 - 180.
- TEAM., R. C. **R: A language and environment for statistical computing**. Viena: R Foundation for Statistical Computing, 2014. Disponível em: <<http://www.R-project.org/>>.
- TOURY, G. The Pivotal Position of Descriptive Studies and DTS. In: TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 7-20.
- WINTERS, M. F. Scott Fitzgerald's Die Schönen und Verdammten: A Corpus-based Study of Speech-act Report Verbs as a Feature of Translators' Style. **Meta: journal des traducteurs/ Meta: Translators' Journal**, v. 52, p. 412 - 425, 2007. ISSN 3.
- ZWEIG, S. **Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau**. Viena, Leipzig, Zurique: Herbert Reichner, 1927.
- ZWEIG, S. **24 horas na vida de uma mulher**. Tradução de Medeiros e Albuquerque. Rio de Janeiro: Guanabara, 1935.
- ZWEIG, S. **24 horas na vida de uma mulher**. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1999.

ANEXO

Apresentamos a seguir o *script* utilizado no *software* e ambiente de programação R para a extração dos dados do nosso *corpus*.

```
# PRELIMINARES:
rm(list=ls())
if(!require(xlsx)){install.packages("xlsx"); require(xlsx)}
if(!require(psych)){install.packages("psych"); require(psych)}

# DEFININDO A PASTA DE TRABALHO:
# Escolha a pasta principal que contém todas as pastas com os arquivos desta
análise.
# Esta e a pasta que contem todos os arquivos, incluindo as pastas "24H" e "TK"

getwd()
setwd(choose.dir())

# No nosso caso, as pastas são "24H" e "TK"
# DEFININDO AS PASTAS EM QUE ESTÃO OS ARQUIVOS ANOTADOS:
# Escolha a pasta que contém os bancos de dados em .XLSX

## ONDE ESTÃO OS DADOS DE 24H?
VIERUNDZWANZIG <- choose.dir()
VIERUNDZWANZIG <- paste(VIERUNDZWANZIG,"\\",sep="")

## ONDE ESTÃO OS DADOS DE TK?
TK <- choose.dir()
TK <- paste(TK,"\\",sep="")
# CRIANDO UMA FUNÇÃO PARA IMPORTAR OS ARQUIVOS:
IMPORTACAO_PROCESSOS <- function
(PASTA,ABA,COLUNAS,NOME,...) {
  complete <- c()
  filenames <- list.files(PASTA)
```

```

# para eliminar planilha vazia extra, se existente
arq_extra = grep("planilha",filenames)
if (length (arq_extra) > 0) {
  filenames = filenames[-arq_extra]
}
# i = 1
#a = filenames[i]
for (a in filenames) {
  a <- paste(PASTA,a,sep="")
  data <- read.xlsx(a,header=T,sheetIndex=ABA,colIndex=c(2:COLUNAS),
    stringsAsFactors=F,encoding="UTF-8")
  if(COLUNAS == 8) {
    colnames(data) <-
c("verbal_clause","lexical_verb","order_of_saying",
    "reception","semantic_function","type_of_verb",
    "narrative_level")
    data <- data.frame(data,correspondence=NA,stringsAsFactors=F)
  } else {
    colnames(data) <-
c("verbal_clause","lexical_verb","order_of_saying",
    "reception","semantic_function","type_of_verb",
    "narrative_level", "correspondence")
    data$correspondence <- gsub("Ãª","e",data$correspondence)
    data$correspondence <- gsub("correspondence","correspondence",
    data$correspondence)
    data$correspondence <- gsub("correspondence","correspondence",
    data$correspondence)
  }
  data$narrative_level <- gsub("zero","level_ZERO",data$narrative_level)
  data$narrative_level <- gsub("1","level_1",data$narrative_level)
  data$narrative_level <- gsub("2","level_2",data$narrative_level)
  data$narrative_level <- gsub("3","level_3",data$narrative_level)

```

```

data$narrative_level <- gsub("4","level_4",data$narrative_level)
data$type_of_verb <-
gsub("zero","type_of_verb_ZERO",data$type_of_verb)
#data$semantic_function <- gsub("zero","semantic_function_ZERO",
#data$semantic_function)
#data$reception <- gsub("zero","reception_ZERO",data$reception)
#data$order_of_saying <- gsub("zero","order_of_saying_ZERO",
#data$order_of_saying)
data$order_of_saying <- gsub("semiosis_non_projecting_verbiage",
"semiosis_non_projecting_verbiage",
data$order_of_saying)
data$reception <- gsub("non-reception","non_reception",data$reception)
data$semantic_function <- gsub("propositon","proposition",
data$semantic_function)
data$type_of_verb <- gsub("verb_circumstancial feature",
"verb_circumstancial feature",
data$type_of_verb)
data$type_of_verb <- gsub("verb_circumstancial_feature",
"verb_circumstancial feature",
data$type_of_verb)
data <- data[!apply(is.na(data)|data=="",1,all),]#remove linhas vazias
for(i in 4:dim(data)[2]) {data[,i] <- as.factor(data[,i])}
# adiciona coluna "text"
data <- data.frame(text=NOME,data,stringsAsFactors=T)
# junta os dados
if (length(complete) == 0) {
complete<- rbind(complete,data)
} else {
# seleciona as colunas de data que estão em complete
complete<- rbind(complete,data[,colnames(data) %in%
colnames(complete)])
}
} # fim do else maior

```

```
        return(complete)
    }
# IMPORTANDO OS DADOS DOS ARQUIVOS .XLSX:
## 24H:
### IMPORTANDO OS DADOS DE 24H_TO:
VIERUNDZWANZIG_TO <- IMPORTACAO_PROCESSOS
(VIERUNDZWANZIG,ABA=1,COLUNAS=8,
  NOME="VIERUNDZWANZIG_TO")
str(VIERUNDZWANZIG_TO)

### IMPORTANDO OS DADOS DE VIERUNDZWANZIG_TT1:
VIERUNDZWANZIG_TT1 <- IMPORTACAO_PROCESSOS
(VIERUNDZWANZIG,ABA=2,COLUNAS=9,
  NOME="VIERUNDZWANZIG_TT1")
str(VIERUNDZWANZIG_TT1)

### IMPORTANDO OS DADOS DE VIERUNDZWANZIG_TT2:
VIERUNDZWANZIG_TT2 <- IMPORTACAO_PROCESSOS
(VIERUNDZWANZIG,ABA=3,COLUNAS=9,
  NOME="VIERUNDZWANZIG_TT2")
str(VIERUNDZWANZIG_TT2)

## TK:
### IMPORTANDO OS DADOS DE TK_TO:
TK_TO <- IMPORTACAO_PROCESSOS (TK,ABA=1,COLUNAS=8,
  NOME="TK_TO")
str(TK_TO)

### IMPORTANDO OS DADOS DE TK_TT1:
TK_TT1 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (TK,ABA=2,COLUNAS=9,
  NOME="TK_TT1")
str(TK_TT1)

### IMPORTANDO OS DADOS DE TK_TT2:
```

```

TK_TT2 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (TK,ABA=3,COLUNAS=9,
                                NOME="TK_TT2")

str(TK_TT2)

# CRIANDO UM BANCO DE DADOS DENTRO DO R COM OS DADOS DE
# TODOS # OS ARQUIVOS:

# A expressao regular depende do nome dos arquivos, nesse caso, # ela se refere
# a #CARACTERES_TcaracteresNUMEROOPCIONAL

objetos <- ls(pattern="^[A-Z]+_T[A-Z]+([0-9]+)?")
todos_os_objetos <- mget(objetos)
dados <- do.call(rbind,lapply(todos_os_objetos,
                             function(x) x[match(names(todos_os_objetos[[1]],names(x)))]))

## CONFERINDO OS DADOS:
str(dados)
fix(dados)
write.table(dados,"dados.txt",sep="\t",row.names=F)
#write.xlsx(dados,"dados.xlsx")

# CRIANDO UMA TABELA DE CONTINGÊNCIA COM OS DADOS DE
# TODOS OS #TEXTOS:
CONTAGENS <- c()
for(i in 4:(dim(dados)[2])) {
  aux <- table(dados[,i], dados$text)
  CONTAGENS <- rbind(CONTAGENS, aux)
}
CONTAGENS <- t(CONTAGENS)
## CONFERINDO A TABELA:
CONTAGENS
str(CONTAGENS)
fix(CONTAGENS)
CONTAGENS_exp =
data.frame(text=row.names(CONTAGENS),CONTAGENS)

```

```

row.names(CONTAGENS_exp) = NULL
CONTAGENS_exp
write.table(CONTAGENS_exp,"contagens.txt",sep="\t",row.names=F)
#write.xlsx(CONTAGENS_exp,"contagens.xlsx")

## ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA TABELA:
describe(CONTAGENS)

#DENDOGRAMA
# ANÁLISE MULTIVARIADA:
## Função para adicionar legendas aos dendrogramas
addTrans <- function(color,trans)  {
  if (length(color)!=length(trans)&!any(c(length(color),length(trans))==1))
    stop("Vector lengths not correct")
  if (length(color)==1 & length(trans)>1) color <- rep(color,length(trans))
  if (length(trans)==1 & length(color)>1) trans <- rep(trans,length(color))
  num2hex <- function(x)
  { hex <- unlist(strsplit("0123456789ABCDEF",split=""))
    return(paste(hex[(x-x%%16)/16+1],hex[x%%16+1],sep=""))}
  rgb <- rbind(col2rgb(color),trans)
  res <- paste("#",apply(apply(rgb,2,num2hex),2,paste,collapse=""),sep="")
  return(res)
}

## PADRONIZAÇÃO DOS DADOS:
standdados=scale(CONTAGENS,center=TRUE,scale=TRUE)
standdados=data.matrix(t(na.exclude(t(standdados))))
d <- dist(standdados, "euclidean", diag = TRUE, upper = TRUE)
d

## Método por ligação simples:
fit <- hclust(d,"single")
plot(fit)
legend("topright", legend=c("Nível",round(fit$height,4)),
      bty="n",text.col=addTrans("red",100))

```

```

rect.hclust(fit, k=3, border="red")

## Método por ligação completa:
fit <- hclust(d)
plot(fit)
legend("topright", legend=c("Nível",round(fit$height,4)),
      bty="n",text.col=addTrans("red",100))
rect.hclust(fit, k=3, border="red")

## Método por ligação simples - Ward:
fit <- hclust(d,"ward.D")
plot(fit)
legend("topright", legend=c("Nível",round(fit$height,4)),
      bty="n",text.col=addTrans("red",100))
rect.hclust(fit, k=3, border="red")

# CRIANDO UMA SEGUNDA TABELA DE CONTINGÊNCIA COM OS
DADOS DE #TODOS OS TEXTOS
# SEPARADOS POR TEXTO E EQUIVALÊNCIA:
# processa os dados retirando as 3 primeiras colunas, mais a equivalência p/
comparar

CONTAGENS_AUX <- aggregate(.~dados$text+dados$correspondence,
                          dados[,-c(1,2,3,9)],table)
CONTAGENS2 <- data.frame(unlist(CONTAGENS_AUX$order_of_saying),
                        unlist(CONTAGENS_AUX$reception),
                        unlist(CONTAGENS_AUX$semantic_function),
                        unlist(CONTAGENS_AUX$type_of_verb),
                        unlist(CONTAGENS_AUX$narrative_level))
rownames(CONTAGENS2)
paste(CONTAGENS_AUX[,1],CONTAGENS_AUX[,2],sep="_")

## CONFERINDO A SEGUNDA TABELA:

```

Obs: os nomes das variáveis estão bagunçados, mas isso não interfere na análise

```

CONTAGENS2
colnames(CONTAGENS2) <-
colnames(CONTAGENS)[1:ncol(CONTAGENS2)]
str(CONTAGENS2)
fix(CONTAGENS2)
write.xlsx(CONTAGENS2,"contagens_correp_shift.xlsx")

#DENDOGRAMA
## PADRONIZAÇÃO DOS DADOS:

standdados=scale(CONTAGENS2,center=TRUE,scale=TRUE)
standdados=data.matrix(t(na.exclude(t(standdados))))
d <- dist(standdados, "euclidean", diag = TRUE, upper = TRUE)
d

## Método por ligação simples:
fit <- hclust(d,"single")
plot(fit)
legend("topright", legend=c("Nível",round(fit$height,4)),
      bty="n",text.col=addTrans("red",100))
rect.hclust(fit, k=4, border="red")

## Método por ligação completa:
fit <- hclust(d)
plot(fit)
legend("topright", legend=c("Nível",round(fit$height,4)),
      bty="n",text.col=addTrans("red",100))
rect.hclust(fit, k=4, border="red")

## Método por ligação simples - Ward:
fit <- hclust(d,"ward.D")

```

```
plot(fit)
legend("topright", legend=c("Nível",round(fit$height,4)),
      bty="n",text.col=addTrans("red",100))
rect.hclust(fit, k=4, border="red")
```

```
##### Fim do script #####
```